

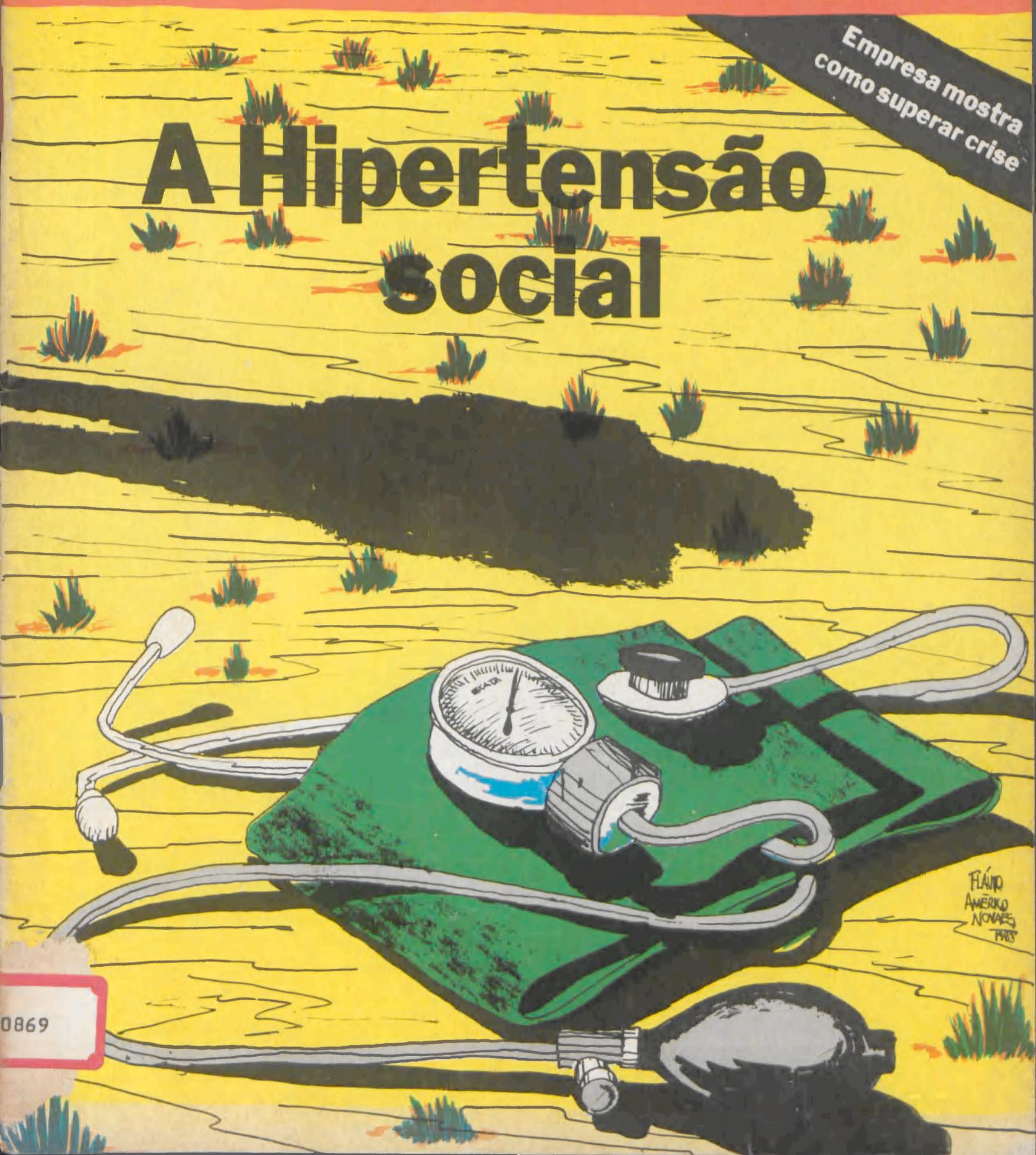
REVISTA MENSAL

# RN / ECONÔMICO

ANO XIV • N.º 142 • JUNHO • 1983 • CR\$ 500,00

Empresa mostra  
como superar crise

## A Hipertensão social



FLÁVIO  
AMÉRICO  
NOVAES  
1983

0869

# Feito como uma jóia



*A sobriedade nos mínimos detalhes. Um cuidado quase que artesanal, é como a GM fabricou a linha Chevrolet 83. Todos os carros trazem novidades para satisfazê-lo ainda mais. Os bancos de espuma moldada, anatômicos e confortáveis com desenhos modernos, as rodas esportivas, são detalhes que tornam o veículo de alto estilo e classe indiscutível. Esses carros foram feitos com o carinho de quem faz uma jóia.*

*J. Vilani Veículos e Peças Ltda., através da concessionária de Mossoró, preparou ótimos planos, prazos e preços prá lhe vender um desses carros. Você usa o financiamento próprio da empresa com todas as facilidades e sem protocolo. A chegada de Vilani a Mossoró há tão pouco tempo,*

*revolucionou o mercado de veículos na região. Muitos mossoroenses adquiriram um utilitário ou um carro da marca Chevrolet. É porque Chevrolet é GM e Vilani dá aquele "jeitinho" prá lhe botar num carro novo.*

**J** **VILANI**   
Veículos e Peças Ltda.  
Concessionário   
Mossoró-RN

AV. PRES. DUTRA TELS: 321-3680/3681/3650/4553/2388

# ÍNDICE

Agripino não se desculda da ligação com o PDS .....	13
A credencial para o Colégio Eleitoral .....	14
Bancada do PDS unida com nome do candidato .....	15
Um quadro que pode mudar .....	16
Crise agora vai para estudo na Assembléia .....	18
Os possíveis remédios para a Região .....	20
Criatividade: remédio com efeito certo .....	22
Os grandes problemas do pacote .....	23
Prova provada: salda é anunciar bem .....	25
Quando todos lamentam há quem acredite no RN .....	26
Ainda não cessou polêmica em torno da barragem .....	28
Uma denúncia sobre "maquiagem" .....	29
Não houve jeito: CTA acertou .....	30
Plantações florescem em plena UFRN .....	31
Equilíbrio na venda de veículos está difícil em Natal .....	33
Itamar traz mais experiências do Canadá .....	35
Computador pessoal: mitos e realidades .....	36
O triste destino da Casa do Músico .....	40
O milagre da Clínica Heitor Carrilho .....	42
A empresa particular na função social .....	42
Pixinguinha em nova fase em Natal .....	43
Afinal, aumento do BNH em vigor .....	44
Fábrica de automóvel reclama dos impostos .....	46
Piscina não é tão difícil .....	50

## ARTIGOS

Manoel Barbosa .....	7
Ney Lopes de Souza .....	24
Cortez Pereira .....	47
Rosemilton Silva .....	54

## SEÇÕES

Homens & Empresas .....	4
Cultura .....	48

## HUMOR

Cláudio .....	52
---------------	----



## A tensão está se agravando

A situação de tensão no Nordeste vem sendo denunciada por grande número de políticos e não mais apenas por oposicionistas. Agrava-se o estado de inquietação, a ponto de tornar-se comum a denúncia sobre a iminência de convulsão social na Região o que, parece, significa um ponto de fusão incontrolável provocado por fatores bem conhecidos: desemprego, fome, crise nas empresas e, sobretudo, insatisfação generalizada das massas camponesas. Vozes tão diferentes, como a do Senador Dinarte Mariz e a do presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Norte, José Francisco, têm feito advertências severas. Numa reportagem especial que começa na página oito reproduzimos as advertências do líder rural potiguar e de seus assessores na Fetarn, mostrando um quadro realmente inquietante. Mesmo descontando-se o entusiasmo com que o calejado líder potiguar defende a sua causa, dá para ter uma idéia da situação constrangedora do agricultor no Rio Grande do Norte e de como, por isso mesmo, ela é potencialmente perigosa.

## RN/ECONOMICO

REVISTA MENSAL • ANO XIV • N.º 142 • JUNHO/1983 • CR\$ 500,00

### DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira  
DIRETORES: Nubia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

### REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa

### ARTE E PRODUÇÃO

CHEFE: Euryly Morais da Nóbrega

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

### DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Paulo de Souza

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONOMICO — Revista mensal especializada em

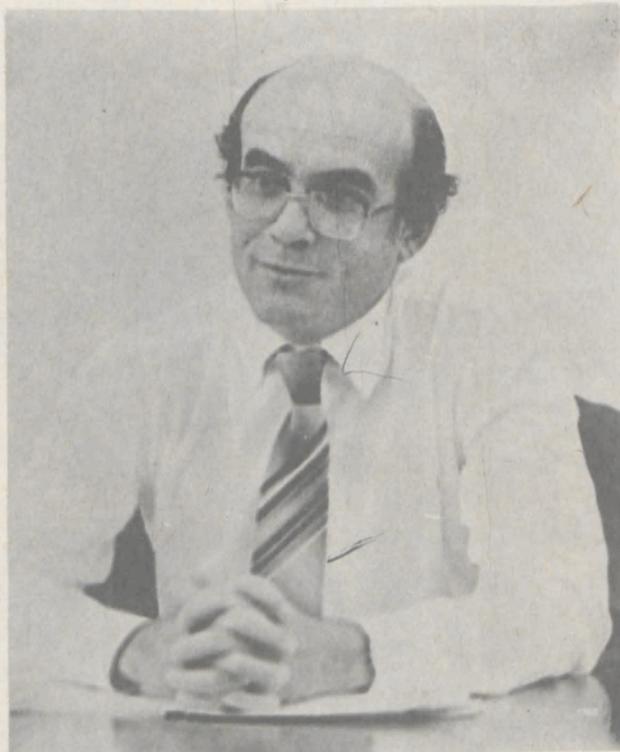
assuntos sócio/econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONOMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-81 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Telefone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 500,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 5.000,00. Preço da assinatura bienal: Cr\$ 8.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 1.000,00

# HOMENS & EMPRESAS

**NOVA AGÊNCIA DO SAFRA** — O Banco Safra inaugurará no próximo mês de outubro, a sua nova agência em Natal. O novo prédio fica no Centro da Cidade, na rua João Pessoa esquina com José de Alencar. Segundo Guilherme Soares, gerente do Safra, a nova agência do Banco terá uma área de construção de 1.500 metros quadrados, com três pavimentos. Para melhor comodidade do cliente, o Safra oferecerá um estacionamento rotativo. O custo da obra está orçado em 250 milhões de cruzeiros. O Banco estuda ainda a possibilidade da instalação de cofres de aluguel, prestando um serviço pioneiro em Natal.

**EMPRESÁRIOS SULISTAS VISITAM O ESTADO** — Com a idéia de investir no Rio Grande do Norte, estarão chegando no próximo mês, até o dia 14, alguns empresários sulistas das áreas de fiação, tecelagem e confecções. Eles vêm ver de perto o parque têxtil do RN, onde tencionam instalar suas indústrias, como informa o secretário de Indústria e Comércio, Jusier Santos. Os empresários vêm de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Representam interesses das empresas: May Têxtil Indústria e Comércio de Roupas Ltda; Comércio, Tecidos e Plásticos Brasmay Ltda; Hogan — Indústria e Comércio de Confecções Ltda. e Tiffany Modas Ltda.

**15 ANOS DE LOCADORA** — A Auto Locadora DUDU está completando 15 anos de loca-



Guilherme Soares

ção de carros em Natal. Pioneira neste serviço, quando Natal não tinha turismo e a procura de carros de aluguel era pequena, DUDU acreditou na sua capacidade de trabalho e chega aos 15 anos como a única locadora natalense. Durante todo este período, teve vários concorrentes que não continuaram no ramo. Hoje à frente dos negócios encontra-se Ricardo Ribeiro de Azevedo,

que administra a empresa com uma frota com mais de 100 carros de passeio para aluguel, prestando serviços a iniciativa privada e empresas estatais. A Locadora DUDU também atende turistas e executivos.

**SISTEMA ELETRO-RURAL** — A Cooperativa de Eletrificação Rural do Agreste Potiguar Ltda. — CEPAL, inaugurou no final do mês, o



Ricardo Azevedo

primeiro Sistema Eletro-Rural construído pela Cooperativa. O empreendimento foi financiado pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo — BNCC, e beneficiará duzentas e cinco mini-propriedades do município de Ceará-Mirim. À frente da Cooperativa responde o engenheiro Roberto Coelho da Silva.

**A VIABILIDADE DO CAMARÃO** — A SUDENE aprovou a implantação, em Macau, de uma fazenda de criação de camarões em viveiro, numa área de 1.100 hectares, da CIRNE — Companhia Industrial do Rio Grande do Norte. A CIRNE iniciou os experimentos há mais de dez anos. A fazenda atualmente conta com 400 hectares, todos financiados com recursos próprios. A implantação total do projeto é de dois milhões de dólares, participando a SUDENE com recursos do FINOR. A CIRNE exportou nos últimos dois anos 200.000 quilos de camarões. As perspectivas de exportação em 1985 são da ordem de 450.000 quilos de cauda de camarão, contribuindo assim com 5 milhões de dólares nas exportações brasileiras, anualmente. A empresa é também produtora de sal, com uma produção anual de 650.000 toneladas e a maior empresa produtora e exportadora da América do Sul, de camarão.

**COMERCIAL WANDICK LOPEZ E FIAT ALLIS** — A Comercial Wandick Lopes continua comercializando materiais agrícolas e máqui-

# HOMENS & EMPRESAS

nas rodoviárias, com especial atenção para a linha Fiat Allis, que representa com exclusividade para o Rio Grande do Norte. O motivo maior para esta dedicação é o prêmio conseguido pela Fiat Allis: 1.º lugar como exportador brasileiro de máquinas rodoviárias, e a fabricação exclusiva no Brasil de motoniveladoras para o mercado mundial, sendo em 1982 o maior exportadora brasileiro do setor, e pretende superar o plano Befix de 1983. A Comercial Wandick Lopes já vendeu várias máquinas da Fiat Allis no Estado, aos diversos órgãos públicos e a iniciativa privada.

**O INVESTIMENTO NA PUBLICIDADE** — Está provado mais uma vez que publicidade é um investimento, e não um gasto. O empresário Paulo de Paula, acreditou na propaganda e resolveu investir 10 milhões de cruzeiros para o lançamento do Condomínio Fechado Center Parque, o primeiro condomínio de Natal com infra-estrutura de lazer e segurança. O resultado veio logo em seguida, o sucesso de vendas alcançado no primeiro mês de vendas, com todas as 24 unidades comercializadas. A campanha de lançamento foi estudada cientificamente prevenindo todas as hipóteses, com um esquema de vendas montado por Enyldo Tabosa do Egito, da Exata, Consultoria de Bens e Imóveis, e a campanha publicitária pela Dumbo Promoções e Publicidade. Mesmo em



## Novos Encontros promovidos por RN/Econômico

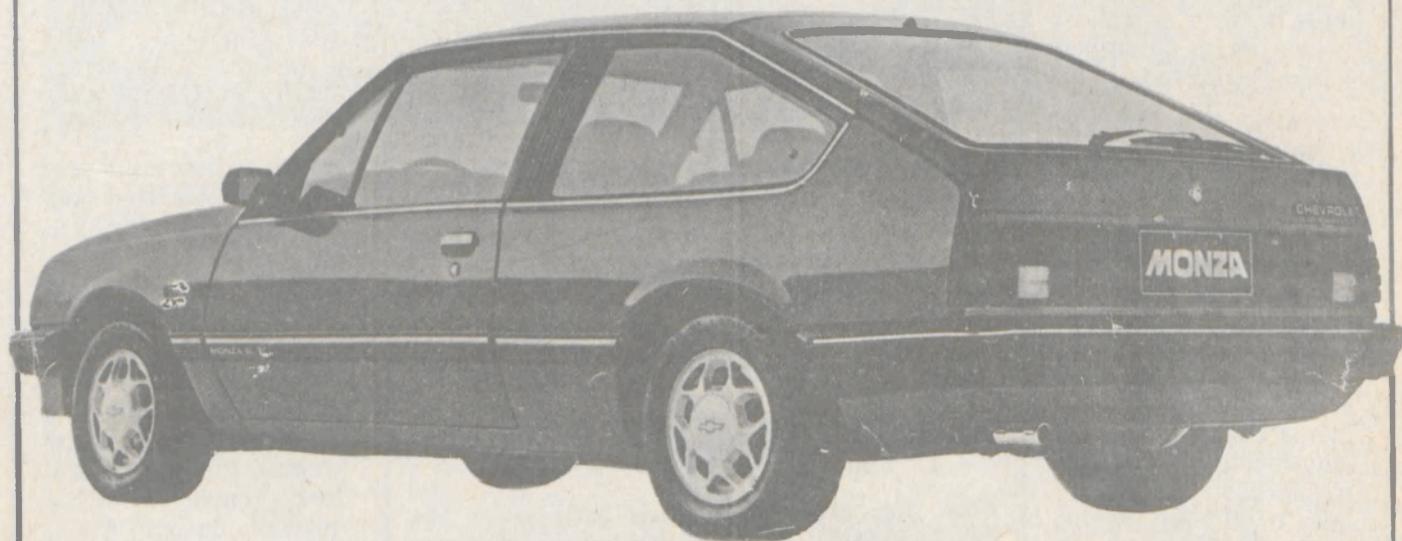
Mais dois almoços-encontros promovidos por RN/ECONÔMICO foram realizados nos últimos 30 dias no restaurante executivo da Associação Comercial. No primeiro, foram reunidas as lideranças políticas do Estado, representadas pelo Poder Legislativo. Estiveram presentes o presidente da Assembléia, deputado Márcio Marinho, o 1.º secretário, Willy Saldanha e o representante da Oposição, Patrício Júnior. Ainda como convidados Carlos Andrade, José Martins e o jornalista Wellington Medeiros, diretor-presidente da Cia. Editora do Rio Grande do Norte, que edita o jornal "A República". No outro almoço, o convidado especial foi o secretário Jussier Santos e todo o sistema que compõe a Pasta de Indústria e Comércio. Além dos responsáveis por cada um dos setores, prestigiaram o almoço-encontro o ex-Governador Cortez Pereira, os empresários Zildamir Soares e Ronald Gurgel e o jornalista Wellington Medeiros. Em todos esses almoços-encontros são discutidos, de maneira informal, importantes assuntos políticos e econômicos do Rio Grande do Norte.

tempo de pacotes, a propaganda mostra os seus resultados.

**CISAF NO DISTRITO INDUSTRIAL** — A CISAF — Comércio e Indústria de Fibras S/A, está se instalando no Distrito Industrial de Extremoz, com uma unidade de beneficiamento de castanha de caju. A empresa visa diversificar a sua linha de produção. A de beneficiamento de sisal permanecerá na Ribeira, e a nova fábrica deverá ser a primeira indústria do Distrito Industrial de Extremoz. Absorverá mão-de-obra direta, gerando mais divisas para o Rio Grande do Norte com exportações de castanha e do sisal. A matéria-prima para a fábrica será adquirida preferencialmente no RN, complementada pela Paraíba. O investimento é feito com recursos próprios.

# Antes de decidir comprar conte com duauto.

Peças e equipamentos para o seu carro você encontra em  
DUAUTO EQUIPADORA — PEÇAS E ACESSÓRIOS  
Pneus Good Year para todos os tipos de veículos procure em  
DUAUTO PNEUS



*Comprar carro hoje — novo ou usado — é uma decisão que precisa ser bem pensada, para se evitar um mau negócio, é claro.*

*Primeiro vem a escolha da marca. O tipo que mais lhe convier. Depois, o preço, forma de pagamento e, naturalmente, encontrar quem lhe ofereça melhores vantagens.*

*Duauto Veículos Ltda lhe oferece tudo isto. Veículos novos ou usados, basta escolher a marca. Depois venha buscar o seu carro.*

*Duauto tem planos para fazer com você um bom negócio.*

**duauto veículos ltda.**

**O salão nobre do automóvel.**  
Presidente Bandeira, 1240 Lagoa Seca.

# O grito silencioso

MANOEL BARBOSA

O grito mais forte que o Nordeste deu nos últimos 200 anos foi silencioso. Toda a oratória de tribunos exaltados, todos os panfletos, artigos e livros com argumentos inflamados, desde os tempos do Império, não tiveram a repercussão do silêncio dos governadores nordestinos enquanto o Ministro Mário Andreazza falava no auditório da Sudene, na sexta-feira 27 de maio. Aquele não foi um silêncio debochado, nem acintoso, mas um silêncio de justa revolta e perplexidade. O Governador de Sergipe, mais do que ninguém, traduziu aquele estado de espírito, ao dizer que “ficamos atônitos porque, enquanto estávamos ali, com problemas seculares que haviam se tornado insuportáveis no presente, o Ministro expunha um plano para execução no ano dois mil”.

A resposta do silêncio foi a reação mais natural. De fato: dizer o que, quando o nosso interlocutor se desvia sistematicamente do ponto de interesse da discussão?

É realmente incrível como os teóricos e os tecnocratas do Centro-Sul não se dão conta do potencial de perigo da situação nordestina. E não é por falta de aviso. Talvez porque não haja naquele eixo computador com programas específicos para essas questões, eles simplesmente considerem que elas não existam. Ou, no mínimo, sejam irrelevantes. Nem todos pensam assim. No ano passado, quando ressurgiu nos campos nordestinos os movimentos rurais sepultados em 1964, o SNI cuidou de enviar seus agentes para a área. Havia razão para isso. Poucos estão lembrados que o fogo que levou a 64 e cozinhou lentamente no País uma possível revolução socialista — de que tendência ninguém sabe, pois havia muitas em jogo — foi mais aceso no Nordeste, nos canaviais de Pernambuco, com Francisco Julião e seu lugar tenente Júlio Santana. Estão aí os relatos do ex-deputado comunista Clodomir Moraes, relacionando o movimento camponês nordestino daquela época como um dos mais importantes do mundo, em seu potencial.

E se surgiu aquele movimento foi em função da revolta ao estado de semi-escravidão do camponês, sujeito ao escambo, ao barracão, como nos tempos da senzala. O salário-mínimo no campo e alguns direitos trabalhistas e sociais, melhoraram a situação. Mas o tempo logo defasou-a.

A situação agora é muito mais delicada. Ela é potencialmente explosiva não apenas no campo, nos ca-

naviais. A crise, agravada por cinco secas, atingiu violentamente também os centros urbanos. Estão sofrendo igualmente camponeses e cidadãos, empregados e empregadores, governados e governantes. O dinheiro simplesmente não circula, embora existam contas e compromissos a pagar — e muita fome a saciar. Os programas governamentais de largo alcance continuam atrelados à dependência exclusiva do Governo Federal, do mesmo modo que no tempo do Império. São programas bem intencionados, mas dirigidos com a ótica paternalista e gerenciados com distanciamento, sem o necessário clima de urgência e prioridade. Muitos desses programas surgem num momento de grande aflição e, no decorrer do tempo, quando a situação melhora um pouco, são desativados pela inércia da máquina estatal distanciada.

É impossível que a situação, um dia, não chegue a um ponto de explosão. Pela lógica, é muito mais difícil não ocorrer nada do que ocorrer.

Mesmo que, no momento, ainda não tenha chegado a hora crucial da consequência violenta, há esboços de rebeldia. O silêncio dos governadores — todos filhos diletos do pedessismo — é um sintoma significativo. E há um momento político especial, com o Governo numa situação não muito cômoda e um processo de sucessão presidencial em andamento. São dados que vão prevalecer na conjuntura. Vão ter influência.

O desaguadouro do impasse nordestino pode ser muito amplo e ter vários caminhos. Alguns desses caminhos serão inesperados, outros previsíveis. É difícil prever com exatidão de onde e como surgirá a providência relaxadora. E se essa providência surgirá por espontânea vontade — o que também parece ser problemático. De todas as formas, há um sentimento generalizado de que é preciso fazer pressão. Um sentimento de que há um todo em jogo, as vezes sendo preciso até fazer concessões quanto a partes e interesses pessoais.

O Nordeste não apenas é Brasil, como uma parte importante do Brasil. Robustecido, pode ajudar o País a ser maior e, muito provavelmente, a sair com mais facilidade do processo de crise. Um gigante capenga é bem mais vulnerável do que um gigante sadio. É um dado elementar que a visão caolha tem impedido de constatar.



A tensão social gerada pelas dificuldades econômicas ameaça os centros urbanos

ESPECIAL

## O quadro, grave, da hipertensão social de uma região sofrida

Seca, grilagem, falta de créditos subsidiados dos bancos federais, exploração do trabalho assalariado e expulsão dos pequenos proprietários. Este é o quadro da crise em que vive o trabalhador rural no Rio Grande do Norte, e que se traduz num enorme êxodo para as cidades em busca de melhores oportunidades de trabalho (que já não existem), engrossando as fileiras de desempregados e agudizando os índices já preocupantes de violência e marginalidade.

Para fazer face a esses problemas que afligem a quase totalidade dos cerca de 280 mil trabalhadores rurais do Estado, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do RN — FETARN, está elaborando um documento a ser encaminhado ao Ministério do Interior, contendo diversas reivindicações. Dentre estas, destacam-se: inclusão nos Programas de Emergência da mulher e filhos do trabalhador já inscrito nesses Programas, equiparação do salário da Emergência ao salário-mínimo regional e distribuição de terras, sob a forma de pequenas

propriedades, aos trabalhadores localizados em áreas não cobertas pela Emergência.

Mesmo nas regiões assistidas pelos programas federais, as dificuldades vividas hoje pelo trabalhador rural estão longe de serem solucionadas. É o que afirma José Francisco da Silva, presidente da FETARN. Seu ponto de vista é que o trabalhador inscrito na Emergência enfrenta problemas sérios, como a falta d'água, que é distribuída de maneira insuficiente e irregular por carros-pipa, o que não resolve o problema. Ademais, diz ele, falta alimentação para as famílias dos trabalhadores. Sucede também de haver trabalhador que é designado para trabalhar em locais distantes até 70 quilômetros de sua residência, o que também constitui outro problema, já que o trabalhador não dispõe de meios de locomoção adequados.

**NÃO É A SOLUÇÃO** — O atendimento dessas reivindicações, reconhece Francisco da Silva, não signifi-

caria uma solução definitiva para a crise do meio rural. Seria, quando muito, uma medida paliativa, uma vez que a origem do problema permaneceria intocada, no caso, a estrutura fundiária. Lembra o presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura que esta estrutura é responsável pela concentração de terras nas mãos dos grandes proprietários rurais, aliás, os únicos beneficiários das linhas de créditos praticadas pelo Banco do Brasil e Banco do Nordeste.

Manuseando dados estatísticos levantados no Recenseamento de 1980 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, Sebastião Francisco de Menezes, assessor educacional da FETARN, assinala que o número de pequenos proprietários está diminuindo em ritmo acelerado, ao passo que a propriedade está se concentrando nas mãos de grandes latifundiários, ao invés de se descentralizarem. O Governo, portanto, diz Francisco Menezes, não está fazendo reforma agrária, como diz. Está apenas titulando terras já ocupadas por

posseiros mas, enfatiza ele, as grandes propriedades continuam crescendo.

De acordo com José Francisco da Silva, presidente da FETARN, só a reforma agrária, ampla e maciça, daria solução a esse problema, uma vez que ela assentaria o pequeno proprietário no campo e, conseqüentemente, poria fim ao êxodo rural. Isto, explica ele, traria benefícios para todos, já que elevaria substancialmente a produção de gêneros alimentícios, além de cessar de vez com os conflitos de terras, hoje generalizados no campo.

**TERRAS** — Mas mesmo as terras desapropriadas pelo Governo não se traduzem sempre em benefício para o trabalhador rural. É o que afirma Francisco Menezes, exemplificando com o que vem ocorrendo atualmente no Vale do Açu, onde o Governo Federal desapropriou terras próximas à Barragem Armando Ribeiro Gonçalves e assentou ali alguns agricultores. Ali, diz Francisco Menezes, está acontecendo um sério problema: os trabalhadores cultivaram os lotes de terras que foram desapropriadas pelo Governo e os expropriários chegaram lá e disseram: “Tirem o arame das terras de vocês que nós vamos voltar para as terras que eram nossas”. Francisco Menezes denuncia que os trabalhadores estão sendo expulsos de terras desapropriadas pelo poder público, sem que até agora nada tenha sido feito para impedir tal coisa. Isso, diz



O desemprego que gera o suoemprego



Os choques urbanos ainda de poucas proporções

## De repente, o alarme

Ninguém menos que o Senador Dinarte Mariz engrossou o coro de vozes que estão alertando o Governo — ou a quem interessar possa — saber a possibilidade de uma “convulsão social” no Nordeste. E têm sido muitas as vozes. E, agora, não mais aquelas vozes que se caracterizavam como opositoristas, ou que podiam ser apontadas como tendo interesse em conturbar o clima social da Região. O próprio superintendente da Sude-ne, Walfrido Salmito, tem afirmado e reafirmado que é grave o momento, no mesmo tom de severa apreensão do combativo senador potiguar. Mais: o Governador José Agripino também teve oportunidade de expressar suas preocu-

pações pela delicadeza do momento. E o fez sem subterfúgios, aplicando todos os termos a que a situação tem direito. Não raro o Presidente João Figueiredo tem deixado escapar preocupações nesse sentido, embora o seu tom não atinja o nível de alarme, como é compreensível para a posição de um chefe de Nação. Da Igreja têm partido há muito tempo os brados de alerta e, os sacerdotes, em suas sessões dominicais por esta Região afora clamam por providências urgentes antes que seja tarde demais.

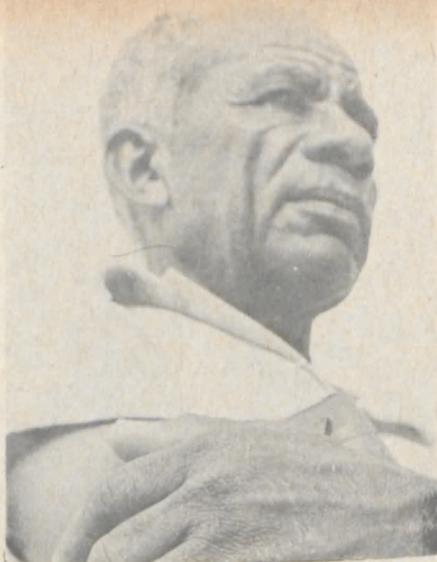
O QUE PODERÁ ACONTECER — Mas, vem sempre a pergunta: tarde demais para que? O que poderá acontecer, se a situação, como estão dizendo, se trans-

formar numa convulsão social? O que se está querendo dizer exatamente com o termo “convulsão social” no Nordeste do Brasil e em particular no Rio Grande do Norte? Coisa boa não pode ser, isso é inegável. Por convulsão social se subentende revolta social. Ou seja: movimentos violentos das massas populares em busca de melhores condições de vida. No caso, esses movimentos seriam não em busca de melhores condições de vida, mas em busca da sobrevivência pura e simplesmente.

As ameaças de saques ocorridas em algumas cidades do interior do Estado são demonstrações do que pode ser a tal “convulsão social”. Pelo que se presume, os saques serão apenas pálidas amostras do que poderia ser uma “convulsão social”.

Francisco Menezes, mostra que o problema fundiário é mais do que uma crise setorizada. Trata-se, de fato, de uma questão política.

Outro problema envolvendo trabalhadores e proprietários é relatado por José Francisco da Silva, localizado em Areia Branca. Ali, diz ele, várias famílias de trabalhadores estão sendo ameaçadas de expulsão de propriedades onde vivem há 30, 40 anos por um grileiro conhecido como José Fernando Queiroz. A propósito, diz Francisco da Silva, esta não é a primeira vez que esse indivíduo cria problemas com posseiros naquela região, ameaçando-os e tomando suas terras. Segundo os próprios trabalha-



Líderes rurais pressionados



Francisco: muitas denúncias

dores, diz Francisco da Silva, "já é rotineiro esse negócio de José Fernando tomar terras de posseiros". Conta ele que há 20 dias atrás esteve lá na área e viu capangas armados de revólver, de espingarda. É tanto que a Federação já encaminhou documento ao Ministro para Assuntos Fundiários, mas até agora não recebeu respostas.

**SEMPRE PROBLEMAS** — A respeito desse problema, observa a professora Ilza Araújo Leão, da cadeira de Sociologia Rural, da UFRN, que problema idêntico ocorreu em Itaipu, na fazenda Ingá, envolvendo 40 famílias em litígio com um proprietário que tentou expulsá-las, até que a área foi considerada de "tensão social" e desapropriada. Ao longo dos quatro anos de litígio, isto é, de 1977 a 1980, narra a professora Ilza, houve ameaças de morte e prisões arbitrárias de posseiros por parte do proprietário e, segundo ela, esse confli-

to não cessou de todo, mesmo após a desapropriação.

Explica ainda a professora da UFRN que a desapropriação de terras, que é decidida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — INCRA, é um ato muitas



Agricultor reclama da Fetarn

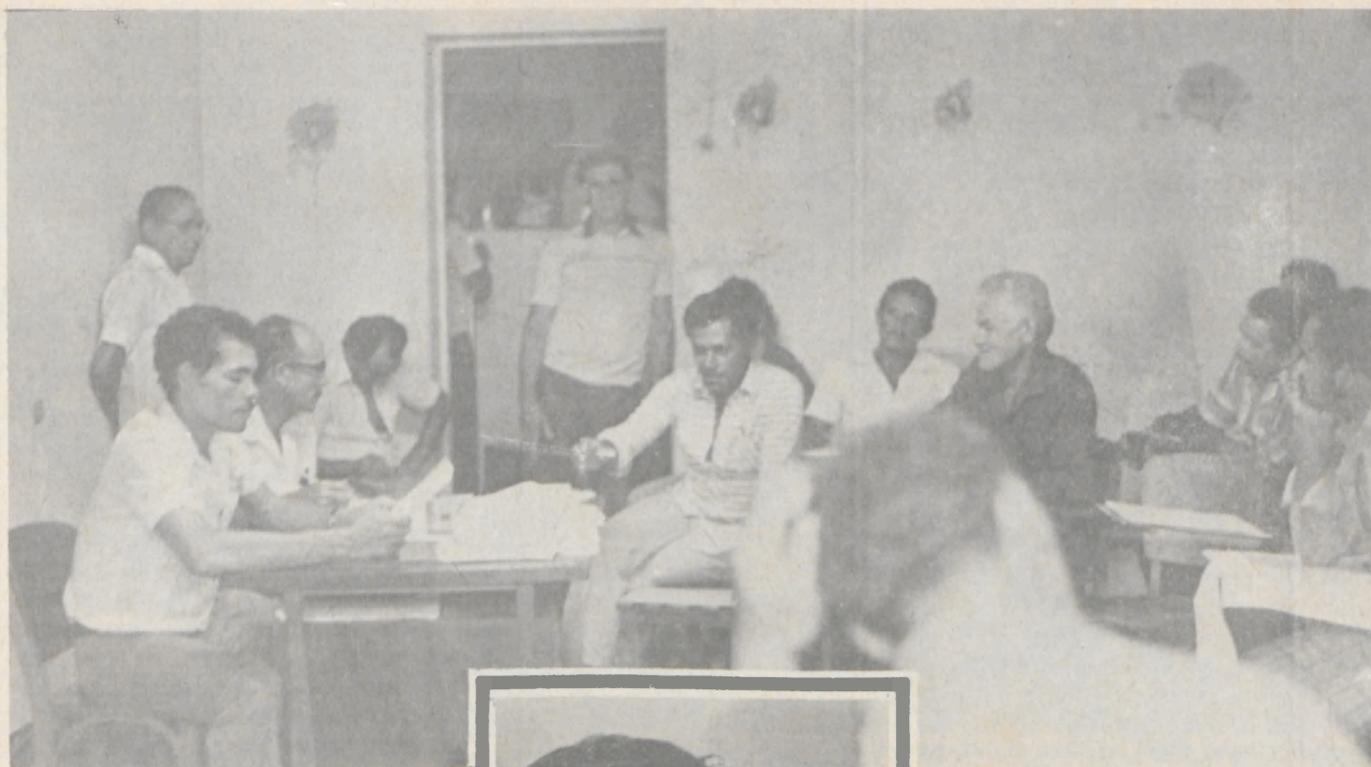
vezes sujeito a pressões por parte dos grandes proprietários de terras, os quais não hesitam em recorrer a pressões políticas e policiais para fazer valer os seus interesses. Não é de estranhar, portanto, que os processos de desapropriações se arrastam durante anos, lembra ela, já que esses problemas envolvem interesses políticos muitas vezes intocáveis.

De acordo com a professora Ilza Araújo Leão, o trabalhador rural enfrenta ainda dois sérios problemas. A expulsão da terra e a exploração do trabalho assalariado. O primeiro problema decorre da expansão das grandes propriedades, que recebem recursos federais e que, pouco a pouco, vão absorvendo as pequenas propriedades, haja vista que o pequeno proprietário não dispõe de linhas de crédito próprias, ficando, portanto, à mercê das pressões dos latifundiários. Disto resulta que a pequena propriedade se torna inviável — "a pequena propriedade praticamente não existe mais", observa ela — provocando o grande êxodo rural. Como exemplo, Ilza Araújo cita a região do Ceará-Mirim, onde os Censos de 60 e 70, respectivamente, indicam que a população daquela região diminuiu.

**OPÇÕES** — Para o pequeno trabalhador que perdeu sua propriedade, só restam duas opções: emigrar ou assalariar-se, isto é, transformar-se em trabalhador volante, o "bóia-fria". Para a professora Ilza Araújo, o processo de expansão do capitalismo no campo está impedindo o direito do trabalhador à terra, gerando em consequência, um assalariado sujeito aos interesses dos grandes proprietários. Observa ainda a professora Ilza que embora haja, desde 1963 uma legislação trabalhista para o campo, que é o Estatuto do Trabalhador Rural, este documento é facilmente manipulado pelos grandes proprietários em seu próprio benefício.

Sobre o Estatuto do Trabalhador Rural, a opinião do presidente da FETARN reforça as declarações da professora Ilza. Diz José Francisco da Silva que o Estatuto, criado em 1963, surgiu como uma grande esperança para o trabalhador rural, "mas que até agora tem ficado em segundo plano".

Quanto à proletarianização do trabalhador rural, José Francisco da Silva é de opinião que essa situação resulta, como assinalara a professora Ilza Araújo, das transformações verifi-



**Debate frequente...**

cadras no campo impostas pela expansão das relações capitalistas de produção, que provocam a expulsão gradativa e irreversível do trabalhador da sua propriedade, devido principalmente à falta de linhas de crédito específicas para esse tipo de trabalhador.

José Francisco volta a insistir que a única forma de resolver esse problema, segundo ele "o problema mais sério do campo hoje em dia", é mediante a reforma agrária, ampla e maciça, em todo o País, seguida de assistência técnica e creditícia. Ele volta a citar os dados do Censo de

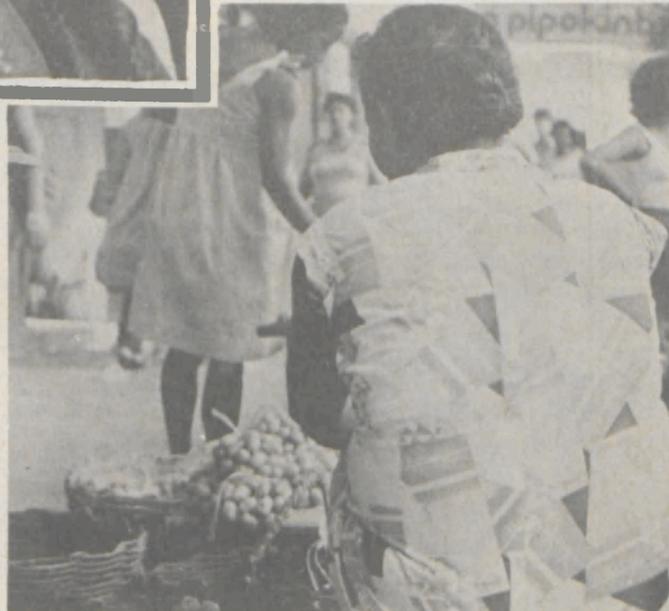


**...para resolver problemas**

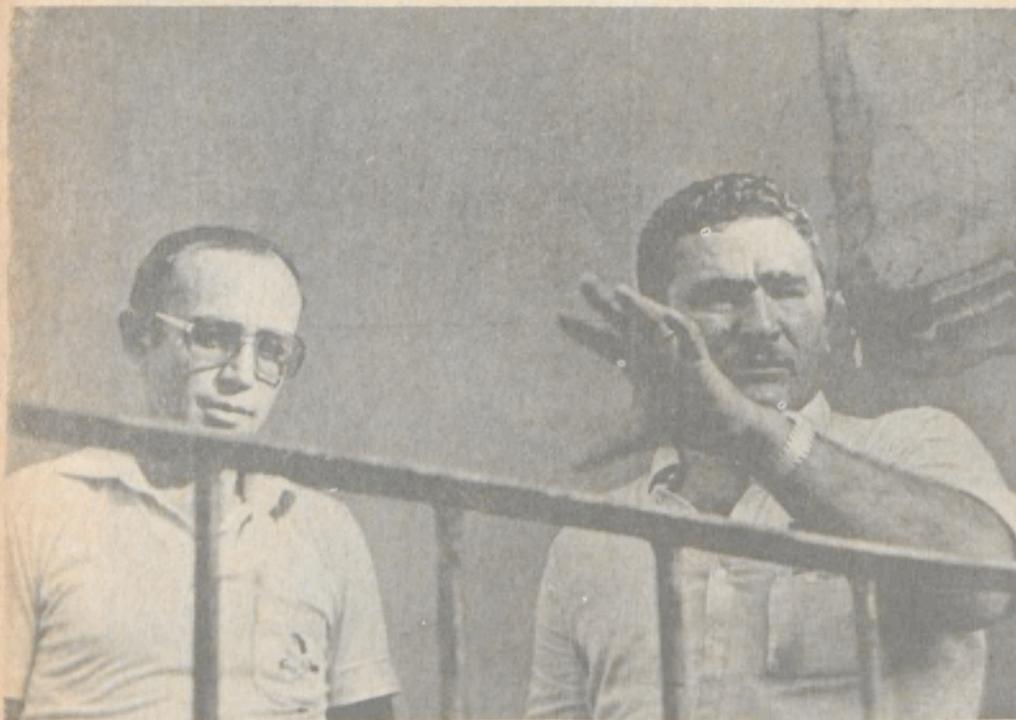
1980 do IBGE, para demonstrar que "na medida em que a propriedade vai aumentando de área, vai diminuindo sua produção". Outro dado do mesmo Censo indica que "80 por cento da mão-de-obra do campo estão empregados em propriedades de menos de 10 por cento de hectares". Daí, conclui ele, vê-se que a propriedade de pequeno porte é a que realmente produz, pois é nela que o trabalhador se assenta com sua família, onde todos trabalham. Já a grande propriedade é em geral improdutiva, pois o proprietário não reside nela e não permite a instalação de morado-



**Resultado da crise no campo**



**Improvisação para viver**



O sindicalismo rural, mesmo assim, ganha força

res receoso de no futuro ter de reparti-la com os trabalhadores”.

**ATRASO DA REFORMA** — O presidente da FETARN acredita, porém, que a reforma agrária já deveria estar implantada no País desde 1970, pelo menos, ano da implantação do Decreto-Lei n.º 1.100 que criou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, mas que “não saiu ainda do papel”, diz ele. Esta reforma, só virá, segundo Francisco da Silva, através da mobilização da classe trabalhadora, dos sindicatos e das Federações, “em vista da indiferença do Governo com relação ao problema”. E cita essa mobilização como responsável por algumas valiosas conquistas dos trabalhadores e seus órgãos de classe. Exemplificando, José Francisco da Silva cita o caso de Sítio Novo, onde diversas famílias de posseiros foram expulsas de suas propriedades, meses atrás, pela Justiça, mas “os trabalhadores, junto com a Federação e seus sindicatos, lutaram até que a própria Justiça fez com que os trabalhadores voltassem para suas terras”.

Mas a principal vitória dos trabalhadores rurais norte-riograndenses, na opinião do presidente da FETARN, aconteceu na zona canavieira, região que abrange 11 municípios do Estado: Nízia Floresta, Pedro Velho, São José do Mipibu, Canguaretama, Ceará-Mirim, Extremoz, Taipu, Espírito Santo, Baía Formosa, Maxaranguape e Arez. Desta vez,

porém, não se tratava de reivindicações por terras. Foi mais abrangente, tendo sido o primeiro dissídio coletivo verificado no campo em nosso Estado. Estavam em jogo 32 reivindicações apresentadas pelos trabalhadores aos usineiros da lavoura canavieira. A paralisação da classe durante três dias, resultou no atendimento de 29 das 32 exigências. Entre elas, a concessão do salário-família, fixação de um piso-salarial, de uma tabela de tarefas e entrega de dois hectares de terra para cada trabalhador permanente.

**OBSTÁCULO** — Na luta por melhores condições para os trabalhadores rurais, a FETARN vem encontrando um sério obstáculo na vinculação da Federação ao Ministério do Trabalho. Como explica José Francisco da Silva: “Até para aplicar seus próprios recursos as Federações têm de pedir autorização ao Ministério”. E prossegue: “O mesmo se aplica às greves. Você ainda fica esperando se ela vai ser julgada legal ou não”.

E conclui: “Esse desatrelamento das Federações com relação ao Ministério é uma reforma urgente que precisa ser feita na legislação trabalhista brasileira e que se constitui numa das bandeiras das lutas dos trabalhadores brasileiros, não só do campo, mas também das cidades e que, sendo uma luta política, só será completamente vitoriosa com a plena democratização do País”. □

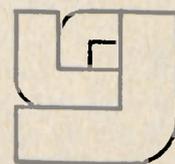
Boas novas  
a Comercial José  
Lucena está  
com secção de  
material elétrico



Fios, lâmpadas, tomadas,  
interruptores, chaves  
monofásicas, cabos e tudo  
para você instalar  
mais e melhor.

Aproveite os descontos  
especiais de inauguração  
desta secção!

COMERCIAL JOSÉ LUCENA  
— meio século fornecendo  
qualidade.



**COMERCIAL JOSÉ  
LUCENA LTDA**

Rua Frei Miguelinho, 120 — Ribeira  
Tels.: 222-2311 — 222-1506  
Rua Dr. Mário Negócio, 1470 — Alecrim  
Tels.: 223-2228 — 223-4820  
Natal — Rio Grande do Norte



Governador em atividade constante

## POLÍTICA — I

# Agripino não se desculda da ligação com Brasília

O Governador José Agripino creditou grande importância à visita presidencial ao Rio Grande do Norte, no último mês de maio, especialmente no que diz respeito ao processo sucessório de João Figueiredo, que reuniu no Estado os nove Governadores da Região, quando foi inaugurada a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, no Açú. Agripino, entretanto, não quis posicionar-se a favor de qualquer um dos nomes postos no tabuleiro político do PDS, reafirmou sua fidelidade a Brasília e disse que, como homem de Partido, seguirá o candidato que detiver predomínio consensual.

Questionado diretamente a respeito do “apreço” que manifesta pelo Ministro do Interior, Mário Andreazza, inegavelmente detentor de prestígio entre os Governadores da Região, e respondendo quanto à possibilidade disso vir a redundar efetivamente em apoio eleitoral, disse: “Essa posição, de candidato, não é o que voga nesse momento. O que interessa é o atendimento de reivindicações. O que se tem especulado na imprensa, a respeito de sucessão, eu acho que é inócuo, porque, na verdade, as nossas preocupações estão voltadas nesse momento para o atendimento de reivindicações”.

Agripino referiu-se à vinda do Presidente como “um fato político mar-

cante”, devido à reunião de Figueiredo com os Governadores nordestinos. Disse que foi aberta a questão sucessória com o Presidente pedindo para que os Governadores consultassem as bases partidárias para, futuramente, virem a manifestar a “preferência majoritária” Estado a Estado. Definindo o encontro com os nove governantes, Agripino declarou que “o Presidente deu um passo muito grande, dentro do processo sucessório, na cidade de Natal, abrindo de forma clara o processo sucessório”.



Bancada tem sempre seu apoio

Quanto às “consultas às bases”, Agripino preferiu não aprofundar-se muito afirmando que “muito brevemente” iniciará as consultas, conversando com deputados estaduais, senadores e deputados federais.

**NÃO É HORA** — Agripino, há alguns meses, chegou a afirmar à imprensa que tinha “preferência” pelo nome do Ministro Mário Andreazza, como substituto do Presidente Figueiredo, fazendo questão, entretanto, de lembrar a sutileza semântica de que ainda não “optou” pelo presidencialismo como seu candidato definitivo. Indagado novamente a respeito, afirmou: “Não é hora de manter opções definitivas. O meu pensamento continua absolutamente idêntico ao pensamento que eu sempre externei, desde quando se começou a especular o assunto sucessão. E vou repetir mais uma vez: todos os Governadores, inclusive eu, quando o Presidente esteve aqui, se solidarizaram com ele no que diz respeito à coordenação do processo sucessório”.

E continuou, dizendo que Figueiredo está ouvindo tendências, vai identificar o candidato que somar mais e “tentar trazer, depois de indicar ao Partido, que aquele é o candidato que soma mais, tentar trazer o Partido como um todo para este candidato”. Comentou em seguida que os Governadores nordestinos têm vários nomes que se afinam com a Região e que querem fazer do Nordeste uma prioridade nacional. Sem maiores detalhes, disse que esses candidatos têm a preferência do Nordeste, desde aqueles que têm a “preferência número um”, até os que situam-se em planos menos privilegiados.

Em seguida, como o nome de **Andreazza** havia sido lembrado, disse que o Ministro é um desses que detêm a preferência dos Governadores nordestinos, mas, salientou, apoiará aquele que detiver a maioria das preferências, classificando-se como "um homem de Partido". Continuando disse que, quando for comunicar a **Figueiredo** qual o seu candidato, estará informando ("A ele e somente a ele") não somente a respeito de sua posição pessoal, mas acima de tudo relatando a tendência e o pensamento do PDS norte-riograndense, mesmo curvando-se à qualquer outra candidatura que venha a contar com a maioria do Partido, a nível nacional.



**Andreazza bem situado**

**CARTA E CACIFE** — **Agripino** comentou que está acompanhando o processo, ainda inicial, de sondagens, para a escolha do candidato pedessista a Presidente da República. Aprofundando as declarações, lembrou a sua própria candidatura, quando, disse, ainda na fase pré-elei-

toral, defendia a união do PDS local em torno do candidato que reunisse as maiores preferências, dispondo-se, pessoalmente, a, perdendo na convenção partidária, apoiar o candidato que fosse o escolhido.

E disse: "Assim, até por uma coerência de atitudes, a minha atitude com relação à sucessão presidencial é

a mesma. Eu vou atuar como homem de Partido, dando, no entanto, ao Presidente, a preferência do Estado do Rio Grande do Norte, mas sem criar dificuldades ao Partido, até porque eu entendo, que quem vai eleger o Presidente, não é o Presidente **Figueiredo**, é o PDS, é o nosso Partido. E eu somarei forças nesse sentido".

Indagado se a tendência presente dos políticos pedessistas norte-riograndenses seria pró-Andreazza, foi conciso: "Vou ouvir". Na verdade, o processo sucessório, apesar dos arroubos dos auto-proclamados candidatos a candidato, ainda está em fase bastante inicial. A aparentemente excessiva movimentação dos candidatos, nesses 18 meses que antecedem a escolha do novo Presidente, trata-se de uma espécie de mobilização prévia, como cada um buscando angariar cacife e cartas suficientemente fortes para poder bancar sem medo o duro jogo da escolha do sucessor de **Figueiredo**. □

## A credencial conferida pelo PDS

Com a escolha do ex-Governador **Tarcísio Maia** para continuar presidindo o PDS no Rio Grande do Norte, consolida-se ainda mais a presença e a força do maísmo na sigla governista. E, no dia da eleição, quando não houve dissidências ou inconformados com o resultado, mais uma importante, decisiva atribuição coube a outro **Maia**, dessa feita o Governador **José Agripino**: coordenar, a nível estadual, a sucessão presidencial e dar o compasso aos seus correligionários de acordo com as sinfonias elaboradas pelo Presidente **Figueiredo**, maestro geral do processo.

A indicação de **Agripino**, que tem reiterado posições em que garante total lealdade ao Presidente, seria, assim, uma estratégia de Brasília, visando colocar no comando da sucessão um homem de inteira confiança. Assim, seriam anuladas fortuitas escaramuças ou comportamentos não facilmente assimiláveis por Brasília, especialmente quando teme-se que os arreganhos do malufismo venham a turbar o céu de brigadeiro com que **Figueiredo** pretende brindar seu voo de final de mandato na rota da



abertura.

**MALUF, NÃO** — Mas o Governador **José Agripino**, mesmo dizendo insistentemente que o seu candidato será o candidato do Presidente, como tem feito em sucessivos contatos com a imprensa, tem, ao que tudo indica, sua preferência e isso ele não esconde: o Ministro do Interior, **Mário An-**

**dreazza**, é essa preferência, embora não uma opção final, como faz questão de salientar, em preciosismo semântico.

Ao que parece, diante dos fatos, ainda não há um efetivo trabalho da candidatura **Andreazza**, por parte de **Agripino**, no Rio Grande do Norte. É verdade que o Ministro tem vindo muito ao Estado, é inegável que chegou a inaugurar um açude onde não há água, em **Cerro Corá**, somente, para, mais uma vez, marcar presença no Estado, é certo que conta com a simpatia dos **Maia**, mas também é inquestionável que as bases partidárias não estão sendo trabalhadas em favor do seu nome. Todo esse início de processo sucessório, no Estado, cumpre-se segundo o figurino marcado por **Figueiredo**: não há açodamentos, não há pressa, inexistente qualquer definição, a não ser pela fidelidade ao sistema brasiliense.

A julgar-se a indicação de **Agripino** para a condução do processo, sendo ele homem de confiança do Presidente, com relação ao Rio Grande do Norte pode afirmar-se: aqui, **Maluf**, se depender de **Agripino**, não vai ter um só voto.



A bancada firme com o governador

## POLÍTICA — II

# Bancada do PDS continua unida com o Governador

A bancada estadual do PDS já tem o seu candidato à Presidência da República, a quem defende com todo o ardor. É um candidato sem rosto e sem nome, sequer confirmado para a disputa. O candidato dos deputados pedessistas, mesmo assim, já está definido: será aquele que for apoiado pelo Governador Agripino Maia. Os parlamentares, agindo assim, garantem-se para o futuro, tirando carta de seguro, caso viessem a atrelar-se a candidaturas que acabassem não caindo nas boas graças do Planalto e, por gravidade, deixando de serem aceitas pelo Palácio Potengi.

Mineirismos à parte, os deputados têm boas razões para não assumir calorosa e publicamente qualquer das candidaturas postas à apreciação. É que para a efetiva sucessão do Presidente Figueiredo faltam 18 meses, um período que, apesar de não ser tão longo, é porém um prazo suficientemente dilatado para a ocorrência de grandes mudanças no intrincado tabuleiro político do sistema que dirige os destinos nacionais.

E assim, qualquer precipitação seria no mínimo um ato de temeridade, com o parlamentar arriscando-se a assumir uma posição prejudicial a um dos principais comandantes no Partido, em termos locais, o Governador do Estado, caso rumasse por caminhos próprios, esquecendo a hierarquia da sigla.

É NORDESTINO — Na Assembleia Legislativa, em contatos informais com a imprensa, os parlamentares pedessistas comentam seguidamente que ainda é cedo para qualquer posicionamento, ou até para uma apreciação geral mais aprofundada, lembrando o lapso de tempo que ainda falta para a convenção nacional do Partido, quando será indicado o candidato que terá as preferências de Brasília, mesmo dando-se o desconto do surgimento e consolidação de alguma candidatura dissidente.

O líder do PDS no Legislativo, deputado Vivaldo Costa, falando sobre o assunto, não se cansa de repetir, ao som de seu tonitroante vozerio: “O meu candidato é o candidato do Governador José Agripino”. O parlamentar, a exemplo dos demais, resalta que é homem de Partido e seguirá o caminho traçado pela direção, trilha de resto também percorrida pelo ocupante do Palácio Potengi.

Mesmo assim, apesar da coesão em torno da idéia de apoio irrestrito a um nome da simpatia do Governador, há pelo menos um parlamentar, que, informalmente, já manifestou preferência por um candidato a candidato. O deputado Willy Saldanha, primeiro-secretário da Assembleia, comenta que, em princípio, vê com grande simpatia o nome do ex-Governador de Pernambuco e hoje Senador pelo PDS, Marco Maciel.

Para Willy, Marco, além de haver



Willy: simpático a Maciel

demonstrado competência administrativa, tino político e capacidade de liderança a nível nacional, tem a seu favor um fato que, para o deputado, assume o peso de um adjetivo de alta relevância: é nordestino.

Segundo entende, um homem assim estaria amplamente capacitado a, assumindo a Presidência, dar a prioridade que a Região tanto vem reclamando, colocando o Nordeste com grande relevância no cenário político nacional e permitindo que essa parte do País cobre do restante da Federação uma dívida histórica: o Nordeste já contribuiu com muito para as demais Regiões e agora estaria no tempo de receber os benefícios daquilo que ajudou a construir, raciocina Willy.

Mas o deputado, pensamento individual à parte, também forma na linha dos que acompanharão o Governador José Agripino, quando chegar a hora decisiva. Mesmo assim, o sistema, precavendo-se para qualquer eventualidade, neutralizou a participação dos deputados estaduais na convenção que escolhera o candidato favorito do comando geral partidário, colocando em seu lugar pessoas



Voltado para os problemas

que, mesmo sem o respaldo do voto popular, tem, certamente maior confiabilidade para votar segundo instruções superiores.

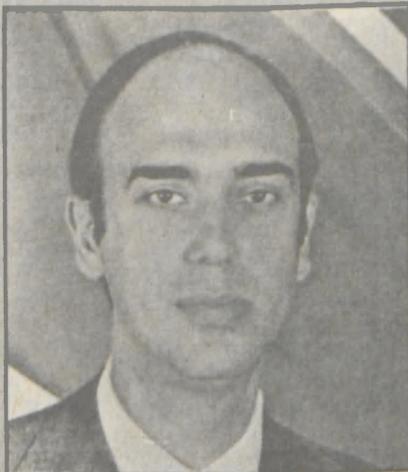
**VITÓRIA NUM PLEITO** — O problema, segundo comenta-se na área dos jornalistas políticos, decorre do seguinte fato: o deputado, o político profissional, poderá ser tentado a vãos próprios, buscando auferir novos horizontes pessoais, especialmente diante da possibilidade de que a abertura virá a desaguar efetivamente numa verdadeira democracia. E assim, indicando-se como delegado à convenção alguém sem maior vocação política, que ainda não experimentou o gosto de ter o sufrágio e a vitória num pleito, haveria mais certeza da não ocorrência de rebeldias fortuitas.

Mas o clima entre a bancada, sem qualquer equívoco, é de tranquila expectativa: não há qualquer sinal de rebeldia ou de preferências apressadas e, se depender dos deputados estaduais do PDS norte-riograndense, somente será eleito um homem da absoluta confiança do comando geral partidário. □

## Um quadro que pode complicar

Não é difícil saber a preferência da maioria dos governadores do Nordeste, em relação ao candidato à Presidência da República. Não chega, porém, a ser fácil. Nas três vezes em que os governadores estiveram reunidos com o propósito deliberado de discutir problemas regionais — uma em Fortaleza e duas em Natal — ficou patente a disposição de apoiar candidato que se disponha a atender aos pedidos e reivindicações nordestinas. Por esse ângulo, o candidato natural parece ser o Ministro Mário Andreazza. Pelo menos, ele tem se esforçado muito para aparecer como um amigo da Região e, através do Banco Nacional de Habitação, tem feito o possível para, dentro dos limites do centralismo administrativo nacional, carrear recursos destinados a obras nesta Região. Mas, nos últimos dias, apesar da quase explícita simpatia

pelo Ministro da parte de vários governadores, uma pergunta tem surgido: será que a boa vontade de Mário Andreazza não é tão somente eleitoreira?



**A OPÇÃO REGIONAL** — É por essa brecha que tem se infiltrado, ostensivamente, o Senador da

República e ex-Governador de Pernambuco Marco Maciel. Tem se infiltrado ostensivamente, inclusive com declarações públicas incisivas e também com o seu poder de articulação política. Os Maia, no Rio Grande do Norte, têm demonstrado muita gratidão por Andreazza. E o Ministro tem visitado com inusitada frequência o Estado. Porém Maciel tem algumas cabeças de ponte discretas mas com boa capacidade de persuasão entre as pessoas que assessoram o atual Governo do Rio Grande do Norte. E, em razão disso, pode ter um bom trabalho em seu favor, porque há — e RN/ECONÔMICO está seguramente informada disso — quem, entre assessores de alto nível da administração José Agripino, tenha amizade e muita admiração por Marco Maciel.

Não é, então, difícil saber as preferências nordestinas. A oficial parece ser por Mário Andreazza; mas, no impulso de um movimento mais regionalista — e talvez até gerado por insatisfações e frustrações — o nome de Marco Maciel pode ter um bom respaldo.

RIO GRANDE DO NORTE



RIO GRANDE DO NORTE



## XXVIII FENIT: PROMOÇÃO E INVESTIMENTO PARA O ESTADO

O Rio Grande do Norte, mais uma vez, se fez presente à Feira Nacional de Indústria Têxtil — FENIT —, recentemente realizada no Anhembi, São Paulo. A Secretaria de Indústria e Comércio — SIC —, com o apoio de sua vinculada, a Companhia de Desenvolvimento Industrial — CDI —, executou realmente um trabalho de promoção comercial e de investimento, facilitando as oportunidades de nossas empresas divulgarem produtos do RN lá fora, nas áreas de fiação, tecelagem, confecções e complementares. A venda de milhões de cruzeiros em mercadorias, o redimensionamento de uma política para o segmento de confecções do Estado e o despertar do interesse de grupos sulistas para investirem aqui, foram alguns dos saldos positivos deixados pela XXVIII FENIT.

Para se ter uma idéia da promoção comercial dos produtos do Rio Grande do Norte na XXVIII FENIT, basta citar: teve expositor nosso que, ainda durante a Feira, suspendeu as vendas, em virtude de ter ficado com sua produção comprometida até o final do ano. Foi também na FENIT que o Secretário de Indústria e Comércio, Jussier Santos, manteve contatos com seis grupos sulistas de confecções, tecelagem e fiação, despertando neles o interesse de investir em nosso Estado. Esses empresários — cinco de São Paulo e um do Rio Grande do Sul — chegarão a Natal no próximo dia 14 de julho e passarão uma semana no Estado conhecendo, de perto, nosso parque têxtil. Todos estão cientes das

nossas linhas de incentivos, com as quais concordam e aceitam.

**A PROMOÇÃO** — A FENIT é uma Feira nacional de promoção comercial e de investimento, realizada, anualmente, na capital sulista. E o Rio Grande do Norte, desta feita, tirou mesmo proveito do acontecimento. A Secretaria de Indústria e Comércio/CDI — dispensou o necessário apoio técnico e gerencial ao encontro, fazendo com que muitas empresas potiguares lá marcassem presença. Montou um «stand» com duzentos metros quadrados, no qual expuseram, a Texita, Teka, Herbus, Inharé, Bonor e Cooperativa Central de Artesanato. As Confecções Guararapes, Soriedem, Seridó, Alpargatas e Sulfábril realizaram suas mostras em «stands» próprios.

Com o advento da XXVIII FENIT, centenas de produtos norte-riograndenses, nas áreas de fiação, tecelagem e confecções foram amplamente divulgados e vendidos, com a procura até mesmo maior que a oferta. Por ocasião da Feira, Governo e empresários juntos promoveram o Estado a nível nacional, como também internacionalmente. E uma proposta da CDI, em termos de revitalização do setor, foi lançada, objetivando o redimensionamento de uma política de apoio para o segmento de confecções do Estado, em particular para pequenas e médias indústrias, criando, inclusive, o Clube da Moda.

**O QUE É O CLUBE** — Consi-

derando que "tudo hoje é estilo", evidenciando-se as tendências de moda, será criado no Rio Grande do Norte o chamado Clube de Moda. Isto, na prática, conforme explica o Presidente da CDI, Miguel Segundo, "é o Estado prestar também assistência de marketing ao empresário". É incentivar as empresas de confecções a criarem estilos, modelos. É diversificar mais a produção, pois esta é uma maneira das firmas garantirem o escoamento da produção, mesmo a nível local. A criação do Clube de Modas implica em se trazer a Natal renomados figurinistas, estilistas para que esses profissionais procedam conferências perante o empresariado potiguar do setor de confecções.

O Secretário Jussier Santos está consciente que a FENIT trouxe resultados positivos ao Estado e, em particular, ao empresário local. Primeiro, divulgamos e vendemos produtos da terra. Segundo, será agilizada uma política de apoio ao setor de confecções, olhando-se, principalmente, para as pequenas e médias indústrias. E, por fim, mais empresas de fora se interessam em investir no Rio Grande do Norte. Para tanto, dia 14 próximo estarão em Natal os dirigentes da May Tex — Indústria e Comércio de Tecidos Ltda; Comércio, Tecidos e Plásticos Brasmay Ltda; Hogan — Indústria e Comércio de Roupas Ltda; Cosmo Têxtil Ltda, Seiki Indústria e Comércio de Confecções Ltda e Tiffany Modas Ltda. São empresas que, tudo indica, mais dias, menos dias, estarão se implantando em nosso Estado.



Fernando foi expor a crise na Assembléa Legislativa

## ECONOMIA

# Crise agora é tema também para estudos na Assembléa

O empresário Fernando Bezerra, presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte — Fiern, disse, em pronunciamento no Centro de Estudos e Debates da Assembléa Legislativa, que é muito séria a crise enfrentada pela Nação, advertindo: “Por isso mesmo, evidencia-se como da maior importância saber qual a política do Governo Federal para enfrentar a crise e até que ponto ela oferece garantias, senão de cura das enfermidades sócio-econômicas do País, pelo menos de melhoria e atenuação dos sintomas, sobretudo daqueles mais graves e preocupantes”.

Manifestando especial atenção à questão da dívida externa, indagou, abordando um assunto que nos últimos meses vem dominando as conversas e atenções de todos os setores responsáveis: “O País deve adaptar-se à dívida externa ou é a dívida que terá que adaptar-se ao País”? Para o presidente da Fiern, mesmo admitindo-se que o problema nacional em

grande parte decorre da conjuntura econômica mundial, não se pode fugir da constatação de que “o Brasil optou pela solução de endividar-se para que suas grandes obras tivessem continuidade”.

Após advertir que o volume do endividamento, entretanto, “atingiu níveis dramáticos”, Fernando Bezerra salientou que a Nação “importou a crise e a sua terapêutica”, assumindo o compromisso de adotar soluções monetaristas para o problema, quando, reiteradamente, tais práticas vinham-se mostrando falhas, já que somente têm algum resultado positivo em economias desenvolvidas, completou.

**DETERIORAÇÃO DA VIDA — Fernando foi bem claro ao dizer:**



A crise também nas ruas

“Sua transposição (a aplicação do monetarismo à economia nacional) para a economia brasileira, no atual estágio, resultou, até agora, em frustração. Esta é a dura e inevitável constatação a que temos de chegar, diante da realidade de que estamos participando”. Utilizando-se permanentemente de um discurso de tom eminentemente interpretativo, Fernando assinalou que o recente pacote editado pelo Governo nada de salutar trouxe à questão brasileira, limitando-se a preservar as tendências inflacionárias e recessivas, com um agravante, que fez questão de registrar:

“Está despojado de qualquer preocupação social”.

Continuando, deplorou a retirada do subsídio à agricultura, único setor da economia nacional ainda a apresentar taxas de crescimento, e disse que o caráter inflacionário é decorrente do fato de que não foi feita a desvinculação da economia dos reajustes automáticos da correção monetária e demais índices subsidiários. E mais: o Governo Federal encontra-se diante de um desafio, que é, debater-se ante as exigências do Fundo Monetário Internacional — FMI, ou atender as exigências da grave situação social vivida pela Nação, expressivamente manifesta no grande desemprego e deterioração da qualidade de vida do brasileiro.

Mesmo diante de todas essas colocações, admitiu que o Governo Federal, após 20 anos, começa a manifestar preocupação com o Nordeste, região que está sendo objeto de uma reavaliação pelo Planalto, o que vê como algo de valia, “desde que não se exaura em mero planejamento”. Continuando, afirmou que há mecanismos de política fiscal, política de crédito e de inversão pública que funcionam na verdade como fatores para



### Em toda parte, reflexo da situação

o empobrecimento regional, já que deixam de servir como elementos capazes de incentivar a saída da Região do marasmo a que foi submetida.

O presidente da Fiern disse em seguida que é indispensável repensar o modelo programado para o Nordeste e detalhou que a política de desenvolvimento regional, expressa no industrialismo, demonstrou ser ineficaz para com o semi-árido; pouco absorvedora de mão-de-obra nos centros urbanos dos Estados mais industrializados; exigente em infra-estrutura inadequada ao combate às causas do empobrecimento da economia rural; concentrador das inversões públicas nos centros urbanos; evidenciando também ser carente de desenvolvimento rural, e mantendo as soluções emergenciais de combate às secas.

Referindo-se diretamente a fatos, fez a colocação de que a ação do Governo Federal volta-se mais para medidas de caráter conjuntural, fugindo a políticas de longo e médio prazos:

“Sua opção tem sido invariavelmente a de atuar em face dos desafios emergenciais”.

Fernando citou nominalmente o Ministro Delfim Neto como um homem cujo pensamento é direcionado para itens, tópicos, “na medida em que se propõe a eliminar sintomas, abstendo-se de agir sobre fatores estruturais”. E então fez uma crítica consistente:

“É, além disso, um comportamento sinuoso e espasmódico porque sempre adotado como resposta a situações concretas e sumadas. Daí as inevitáveis coerências cometidas pelo Governo Federal, ao ponto de anular eficazmente com certas medidas os efeitos ambiciosamente pretendidos através de outras”.

**DÍVIDA HISTÓRICA** — Fernando investiu decisivamente sobre os erros do Governo, questionando a problemática social e dizendo que “há uma desconcertante ausência” de preocupações com o setor, voltando-

## AVALIAÇÃO DE PATRIMÔNIOS IMOBILIÁRIOS EM TODO R.G.DO NORTE

Para compra, venda, espólio, garantia de empréstimos, financiamentos, hipotecas, controle de ativo fixo, incorporação de capital, fusão etc. NÃO COMPRAMOS NEM VENDEMOS IMÓVEIS: SÓ

FAZEMOS AVALIAÇÃO. Vinte anos de tradição em avaliações de imóveis — as mais conceituadas do Estado — com equipes especializadas em imóveis residenciais, comerciais, industriais e rurais.

Bolsa de Imóveis do Rio Grande do Norte

Av. Floriano Peixoto, 559 — Tels.: 222-2262

se a administração central para assuntos "estritamente econômicos" e deixando em plano muito secundário o aspecto social do atual momento. Assim o assunto foi analisado:

"Essa quase insensibilidade com relação aos aspectos sociais afasta a Nação do debate sobre a realidade da crise e as alternativas de sua superação. Sem, todavia, uma ampla e adequada conscientização popular, dificilmente serão viabilizadas soluções que retirem o País do impasse atual e o impulsionem em direção de uma nova trajetória de desenvolvimento econômico, social e político.

Fernando criticou ainda "a sistemática marginalização do Nordeste" e disse que agora o lado oficial está

literalmente desafiado a resgatar essa dívida histórica para com a Região, atirada a um "empobrecimento crônico e progressivo".

Analisando a fundo a questão, acentuou que o País está a exigir a programação de uma política de médio e longo prazos, dentro da qual deverá adaptar-se toda a estratégia de pagamento da gigantesca dívida externa. Assim, defendeu a urgência de reativação das atividades produtivas, que terá como benéfica consequência a ampliação das oportunidades de emprego e mais: "A dívida externa passará a ser um tópico da estratégia global, sem que com isso se pretenda reduzir as proporções de sua gravidade".



Empresários da construção civil também preocupados

## Os possíveis remédios para uma

Na parte final da exposição que fez na Assembléia Legislativa, sobre os problemas nordestinos, o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Norte (FIERN), Fernando Bezerra, deteve-se mais especificamente em providências para a Região. O trecho é o seguinte:

VINTE E TRÊS ANOS DE MODELO — A área subdesenvolvida permaneceu imutavelmente vinculada ao modelo proposto pelo GTND, precursor da SUDENE, de 1959. Nada caracteriza melhor que esse fato a inércia e o imobilismo a que foram relegados os Estados subdesenvolvidos, como se pesasse sobre eles a maldição de um profundo desinteresse do Governo Federal por seu destino e pela sorte dos brasileiros humildes e, em grande número esfomeados, que aqui vivem.

É indispensável que o modelo de desenvolvimento adotado para o Nordeste seja repensado, após mais de vinte anos de sua elaboração.

A exaustão do modelo se deve à sua ineficácia como promotor das transformações econômicas e sociais requeridas pela Região.

Em síntese, a política de desenvolvimento regional — expressa no industrialismo — demonstrou ser:

a) ineficaz em relação ao semi-

árido;

b) pouco absorvedora de mão-de-obra, mesmo nos centros urbanos dos Estados mais industrializados;

c) exigente em infra-estrutura inadequada ao combate às causas do empobrecimento da economia rural;

d) concentrador das inversões públicas nos centros urbanos;

e) enfim, o modelo evidenciou ser carente de desenvolvimento rural, mantendo as soluções emergenciais de combate às secas.

AS MEDIDAS CONJUNTURAS, A ALIENAÇÃO DO SOCIAL E O ABANDONO DO NORDESTE — A ação do Governo Federal caracteriza-se por medidas conjunturais. Na realidade, a orientação do Ministro Delfim Neto rejeita a definição de uma política de longo e médio prazos. Sua opção tem sido invariavelmente a de atuar em face dos desafios emergenciais. Trata-se de uma estratégia eminentemente tópica, na medida em que se propõe a eliminar sintomas, abstendo-se de agir sobre fatores estruturais. É além disso, um comportamento sinuoso e espasmódico porque sempre adotado como resposta a situações concretas e consumadas. Daí as inevitáveis incoerências cometidas pelo Governo Federal, ao ponto de anular eficazmente com certas me-

didadas os efeitos ambiciosamente pretendidos através de outras.

Há, por outro lado, no desempenho do Governo, uma desconcertante ausência de preocupações sociais. As medidas governamentais são estritamente econômicas, escamoteando a aguda dimensão social dos problemas que afligem o País. Essa quase insensibilidade com relação aos aspectos sociais afasta a Nação do debate sobre a realidade da crise e as alternativas de sua superação. Sem, todavia, uma ampla e adequada conscientização popular, dificilmente serão viabilizadas soluções que retirem o País do impasse atual e o impulsionem em direção de uma nova trajetória de desenvolvimento econômico, social e político.

Uma terceira configuração das diretrizes do Governo tem sido a sistemática marginalização do Nordeste, que somente agora vem provocando o interesse e a atenção das esferas mais altas do poder central, a esta altura — de acordo pelo menos com a retórica oficial — desafiado a resgatar a nossa Região do empobrecimento crônico e progressivo.

REVERSÃO DAS TENDÊNCIAS, UMA POLÍTICA ALTERNATIVA — Entendemos que as soluções reais para os problemas do País decorrerão da reversão das tendências hoje dominantes. O



apados

Salientou ainda a importância de uma melhor distribuição de renda, melhorando a qualidade de vida do trabalhador e um imprescindível retorno da Nação às práticas democráticas. E afinal, para ele, o mais angustiante e abrangente problema: "É preciso que o Governo inclua o Nordeste na política de desenvolvimento nacional".

Para tanto, deveria ser reformada as políticas de crédito, fiscal e de inversões públicas, de tal forma a que o Nordeste venha a desatrelar-se do Centro-Sul.

Para Fernando, o tempo está exigindo decisões de largo alcance econômico e, especialmente, social. Ou isso, ou o caos. □

## região abandonada

País necessita ter uma política de longo e médio prazos, dentro da qual deverá adaptar-se toda a estratégia relativa à dívida externa. Essa política terá de estabelecer prioridade para a reativação das atividades produtivas e a imediata e vigorosa ampliação das oportunidades de emprego. A dívida externa passará a ser um tópico da estratégia global, sem que com isso se pretenda reduzir as proporções de sua gravidade. Afinal, o País não vencerá suas dificuldades simplesmente se mobilizando para pagar a dívida. Desde que corrigidas as distorções que elevaram o seu montante a níveis que ameacem gravemente a estabilidade econômico-financeira do País, não apenas será possível vencer o angustiante e preocupante episódio atual como criar as condições para que ele não se repita, pelo menos com a intensidade deste momento. Em suma, o Brasil terá que pautar-se por uma política de longo alcance, com atuação sobre fatores estruturais, embora considerando e valorizando as exigências conjunturais, que deverão situar-se em coerência com as perspectivas de desenvolvimento do País.

É imprescindível, igualmente, que a política nacional contenha uma preocupação dominante no sentido de desconcentração dos frutos do desenvolvimento, de tal modo que possa haver melhor dis-

tribuição de bem-estar e prosperidade pelas diversas classes sociais. É inconcebível que se mantenha, muito menos que se agrave, a situação de desigualdades e disparidades sociais que tornam o nosso País um permanente candidato às convulsões de caráter sócio-político. A própria democracia, a cuja plenitude aspiramos como forma de realização dos mais elevados e dignos padrões de convivência, implícita e subentende um forte e decisivo teor de justiça social. Está provado historicamente que o desenvolvimento é uma tarefa coletiva que, portanto, somente poderá ser executada se as características do pacto social motivarem os diversos segmentos da sociedade para um esforço comum, com ações convergentes e resultados que beneficiem a todos, sobretudo às camadas mais pobres que, por isso mesmo, gozam de preferência na distribuição dos benefícios sociais.

Por fim, é preciso que o Governo inclua o Nordeste na política de desenvolvimento nacional. Para isto, deverão ser reformuladas as políticas fiscal, de crédito e de inversões públicas, de forma tal que o Nordeste possa desatrelar-se do pólo dinâmico da economia do Sul e Sudeste do País e desenvolver, embora com grande sacrifício, as aptidões a que está vocacionado nos diferentes setores econômicos.

# ENTRE NO UNIVERSO DA INFORMÁTICA COM A ECONSULT.

Esta empresa chegou a Natal trazendo a melhor solução para os seus problemas administrativos:

- Administração Escolar
- Contabilidade Geral
- Controle de Estoque
- Contas a Pagar
- Contas a Receber
- Controle de Obras
- Crediário
- Orçamento

Para isso a ECONSULT oferece além de Assessoria Empresarial, Cursos, Treinamentos, Assistência Técnica, Móveis para CPD, Programas e Suprimentos para microcomputadores de todas as marcas PROLÓGICA, CP-200; CP-500 e S-700; os MICRODIGITAIS, TK-82, TK-85; e os HP, TEXAS, DIGITUS, etc. Entre na era da microinformática, adquirindo um desses computadores.

## CONSULTE A ECONSULT



### ECONSULT

Rua Segundo Wanderley, 1144  
Esquina c/ Jaguarari | Barro Vermelho  
Natal-RN - Tel.: (084) 222-3212



Cassiano acha que a crise tem saída na publicidade

## PUBLICIDADE

# Criatividade, o remédio de efeito certo para a crise

Há um tipo de observador especial da crise: o publicitário. A sua posição é singular: está em contato com os empresários e depende deles para seus negócios; está em contato com o consumidor e dele também depende para seu faturamento; vive em ligação com os veículos de comunicação e da vitalidade deles dependem suas campanhas; e, por fim, também é, além de técnico em um tipo de comunicação, também empresário. Por isso é um observador excelentemente bem situado. Pelo menos, está num posto especial de observação que permite apresentar diagnósticos corretos e avaliar situações a partir do que ouve, vê e sente por experiência própria.

**OS RUMOS DA CRISE** — No caso do publicitário, jornalista e também professor Cassiano Arruda Câmara a sua avaliação tem também a dimensão política. Mas ele prefere ver as coisas do ponto de vista técnico o que é também um ponto de vista prático. Pois ele diz, convicto:

— Se existe falta de dinheiro, as necessidades humanas são basicamente as mesmas.

Elementar, dir-se-á. Mas uma constatação tão elementar é frequentemente desconhecida, como lembra

o próprio Cassiano, ao exemplificar com a reação de muitas empresas que, diante de maus tempos, partem logo para a suspensão das suas campanhas publicitárias, confundindo — como também lembra o publicitário — publicidade com gastos quando, de fato, é investimento.

Ele mostra a razão do argumento:

— Nós (a Dumbo) não temos supermercados como clientes. Mas, pelos números que temos, inclusive de outros Estados, são as cadeias de supermercados que mantiveram as campanhas mais agressivas as que

menos sentiram os efeitos da crise. E por um motivo muito simples: tempo de crise é tempo de anunciar. Quem aparece é que pode fazer mais negócios.

E ele vai a um exemplo mais à mão:

— Do ponto de vista local, atendemos (a Dumbo) empresas comerciais que continuam anunciando em grande escala na crise e continuam com bom desempenho.

Ele reconhece, porém, que o Rio Grande do Norte não representa um grande mercado para a publicidade. Mas não exatamente em função da crise. Aí a questão, como dizem os técnicos, já é de maior profundidade, estrutural.

**MAIS EXIGÊNCIA** — “A grave crise que atravessa a economia nacional, com seus reflexos no plano estadual, atinge de forma bastante acentuada o mercado publicitário”. Essa opinião mais enfática é do publicitário — e também jornalista —, João Ururahy. Se Cassiano acha que o reflexo mais detectável é o fato do consumidor se tornar mais exigente em época de crise, fazendo suas escolhas com mais critério e cuidado, Ururahy entende haver um reflexo mais violento.

— Neste setor — acrescenta, no seu raciocínio — evidencia-se um grande retraimento por parte das empresas, com violentos cortes nas rubricas destinadas ao plano promocional-publicitário.

Mas, num ponto, concorda com Cassiano, embora enfocando a questão de outra forma, ao dizer:

— Embora seja na época de crise que mais se torne necessário às empresas dinamizarem a sua divulgação e dos seus produtos, a fim de melhor



Ururahy: situação é grave

se posicionarem no reduzido mercado competitivo, atualmente, entre nós, verifica-se justamente o contrário, com a classe empresarial determinando, como medida de sobrevivência, cortes violentos nas suas verbas destinadas à publicidade.

**QUESTÃO DE CRIATIVIDADE** — Outro publicitário, Públio José, enfoca a questão de forma mais abrangente:

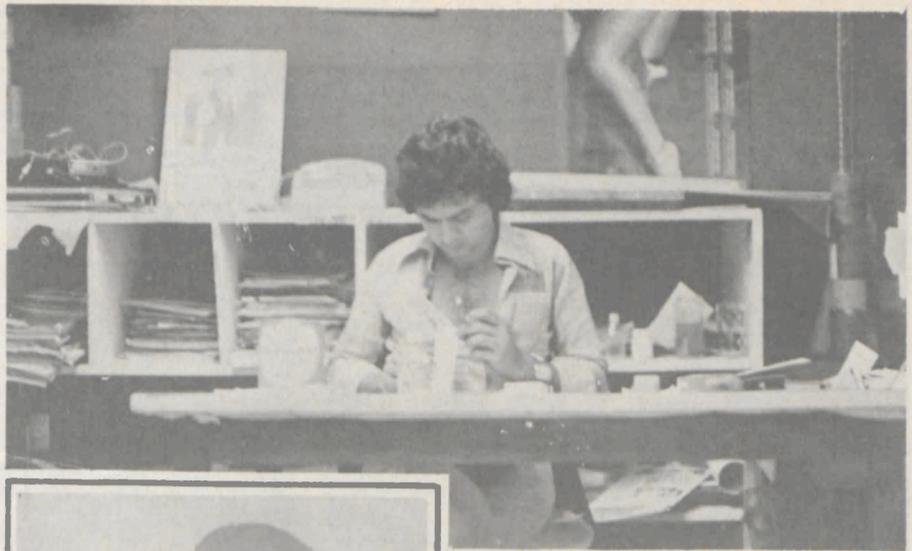
— A crise realmente existe. Você sente na própria pele, através da queda do seu poder aquisitivo. Você sente a crise nas feições das pessoas, nos papos informais, em beira de praia. E como se fosse um ser invisível, porém de presença assegurada em todos os momentos da sua vida.

Ele divide os que sentem a crise em dois blocos: num, "as pessoas que só sabem reclamar".

— São profissionais que, ao meu ver, não amadureceram o suficiente para reconhecer que crise se vence com talento e não com lamentações. É claro que com alta dose de criatividade não é fácil vencer a crise. Ela é enorme, gigantesca.

No outro bloco ele coloca "os profissionais e pessoas de raciocínio totalmente diferente. São pessoas que vêem na crise um desafio a mais a ser vencido, uma barreira a mais a ser transposta".

Já Eurlly Morais da Nóbrega também acredita que "enquanto os empresários não decidirem a investir em publicidade com mais seriedade, des-



Eurlly: há saída, sim



Públio: otimista

tinando um percentual maior de verba para vender seus produtos, a crise vai continuar por muito tempo".

Ele acredita que um complexo profissional — agências, homens de ven-

das, agressividade empresarial — tem condições de superar as barreiras da crise.

Todos reconhecem que não é saudável abater-se diante da crise. Como João Ururahy, que observa, com gravidade:

— A gravidade da hora exige a superação desses comportamentos menores e uma política para atendimento do mercado publicitário já poderia ser objeto de cogitações por parte das autoridades governamentais no sentido de que seja posta em prática medida que, sem protecionismo subalterno e sem idiossincrasias, permitisse uma ação justa para atender empresas publicitárias que, apesar de pequenas, têm qualidade e serviços a oferecer. □

Os últimos pacotes econômicos — inclusive os que vão atingir as estatais — podem ter efeitos tão desastrosos na economia do Estado que nem sequer são previstos com exatidão. Os empresários divergem em relação a esses efeitos. Mas há um que parece certo: retração das compras no comércio de Natal. Aliás, retração mais acentuada e, possivelmente, agravamento da chamada crise de liquidez. Essa é uma parte do problema também muito delicada no comércio de Natal. Nos últimos dois meses a inadimplência registrada nos índices do Serviço de Proteção ao Crédito chegou aos 65 por cento. Muitos empresários já vinham expressando a preocupação com essa inadimplência antes do conhecimento dos índices, dizendo que nem sempre o problema é de faturamento, mas de receber o que foi faturado. E há até quem não se

## Os grandes problemas dos "pacotes"

queixe de baixos faturamentos — embora não se possa jactar deles. A questão porém é que, com a dificuldade de receber o que foi faturado, o faturamento termina se transformando em papel sem va-

lor, porque os bancos na praça estão duros de roer. Por uma dessas ironias das crises, fica mais atraente vender pelas financeiras, no momento, do que bancar as vendas. Mas o consumidor, duplamente escabiado com problemas de juros nas vendas a longo prazo, corre desses planos como o diabo da cruz.

Com o pacote econômico e o aumento das prestações do BNH as disponibilidades financeiras do consumidor vão ficar realmente muito apertadas. A matemática é muito simples de fazer. E o pior é que as coisas estão surgindo nuns momentos já tradicionalmente mais difíceis de cada ano, justamente quando há a chamada entressafra de vendas e que só vai terminar a partir de fins de outubro. Vai ser, realmente, preciso muita criatividade e imaginação para superar tudo isso.

# A desunião do Nordeste

---

NEY LOPES DE SOUZA

---

Tenho duvidado ultimamente se o Nordeste aproveitará ou não a chance de influir na chapa sucessória presidencial e na composição do futuro Governo da República. Ocorrem oportunidades nunca antes constatadas. Aqui o PDS arrancou vitórias quase impossíveis, como é o caso de Pernambuco. Depois do pleito, governantes oposicionistas acusaram os nordestinos de miseráveis e pedintes, justificando que somente a ignorância permitiu a vitória governista na Região.

Nos primeiros momentos pós-eleição, teve-se a impressão de que o Nordeste formaria bloco compacto e coeso. Os Governadores, ungidos pelo voto popular, reuniram-se, fixaram metas e prometeram perseguí-las.

Realmente, os governadores continuam firmes, tendo, inclusive, ensaiado uma greve de silêncio no plenário da SUDENE. Todavia, já se observa que a preocupação dominante de todos eles é obter recursos e assim firmarem lideranças emergentes em seus respectivos Estados. É legítima a pretensão.

Acho, entretanto, que a estratégia dos governadores, voltada para o plano administrativo como pré-condição de uma ação político-eleitoral futura, não será suficiente para colocar o Nordeste como fator ponderável nas marchas e contra marchas da sucessão presidencial. Política é arte. E como tal não admite sinônimos, nem tão pouco a construção de veredas para contorná-la no tempo e no espaço, mesmo que isto seja em nome da boa administração, dos resultados favoráveis ao povo e o cumprimento de promessas eleitorais. Os grandes líderes políticos da humanidade foram forçados na adversidade impiedosa. E é justamente aí que a arte da liderança realça. A crise brasileira, e especialmente nordestina, é o cenário ideal para o surgimento de líderes capazes de aglutinar e unir os interesses regionais.

Por que digo tudo isto? Veja o exemplo: dos presidencialistas nordestinos qual deles uniu as bases políticas regionais? Não desejo defender a tese da regionalização, ou seja, de um candidato que só enfoque o Nordeste. Em absoluto. Mas veja-se que os mineiros não discrepam quanto ao nome de Aureliano Chaves, inclusive o governador oposicionista Tancredo Neves. Os paulistas cerram fileiras com Paulo Maluf. O Ministro Andreazza arrebanha simpatias no Rio de Ja-

neiro e outras áreas. E por que se mantém o «conveniente silêncio» das lideranças nordestinas em torno de um nome honrado, sério e competente como o do SENADOR MARCO MACIEL?

É importante observar que MARCO MACIEL galgou, pelo voto direto, todos os degraus da vida pública em seu Estado. Presidiu a Fundação Milton Campos e a Câmara dos Deputados. Elegeu-se Senador da República em circunstância que poucos (ou ninguém) teriam coragem de candidatar-se. E, portanto, o binômio de político e administrador.

Até agora não vejo restrições ao seu nome, até porque seriam injustas e desgastantes para quem as formulasse. Porém, a vibração do apoio, da solidariedade, do aceno amigo na hora difícil, parece faltar-lhe dos próprios políticos nordestinos. Compreendo que os governadores, pelas posições de lideranças, não se comprometam açodadamente com este ou aquele nome. Mas os políticos, que gritam a dor do Nordeste em tons dramáticos, haverão de entender (enquanto é tempo) que MARCO MACIEL é o grande líder da Região e em torno de cujo nome os nordestinos chegarão ao poder, até numa eventual eleição direta.

Esclareço, por oportuno, que aceito a liderança e o comando do Presidente João Figueiredo em matéria sucessória. E é o Chefe do Governo que, recentemente, em Goiás afirmou: «Comandar a sucessão é ouvir as bases do Partido sobre quem é o melhor nome». Postura democrática do Presidente da República, fiel ao seu perfil de crente na liberdade e na sociedade livre.

Não seria, pois, pleonástico, que os nordestinos em bloco, o mais coeso possível, demonstrassem ao Brasil que têm um nome capaz de contribuir política e administrativamente para a grande obra nacional. Se isto não for feito em tempo hábil, continuarei a duvidar se o Nordeste aproveitará ou não a chance, que as últimas eleições lhe deram.

Convém esclarecer que o Presidente da República sendo de outra região, não implicará em capitis diminutio para o Nordeste. O que não compreendo é a omissão na defesa intransigente dos nossos próprios valores regionais, principalmente do SENADOR MARCO MACIEL, cujo talento e competência são reconhecidos pelos próprios adversários.



**Internamente, o Nordeste mudou o lay-out**

## CONSUMO

# Prova provada de que crise se vence é anunciando. Bem

Não pode haver exemplo mais significativo da utilidade do investimento nacional em publicidade e "marketing" nos momentos de crise do que o do Supermercado Nordeste. Não se trata de teoria, ou de conselhos. Mas de um caso concreto de uma empresa que, sentindo-se ameaçada por um concorrente poderoso — o grupo Bompreço — e num tempo de crise, decidiu partir para uma política agressiva e radical de mudança de imagem. E, enfrentando corajosamente esse desafio, o Grupo Nordeste reavaliou todo o seu potencial, investiu maciçamente em publicidade e, em seis meses, inverteu a tendência decrescente de vendas superando as suas melhores fases de faturamento e conseguindo um incremento — segundo os dados da primeira quinzena de junho — de 32 por cento. E isso tudo em apenas seis meses.

**UM CASO PARA ESTUDOS** — O caso do Nordeste tem servido de base para estudos e referências dos teóricos da publicidade porque é muito claro e fácil de equacionar. A trajetória

do caso, das providências, execução e resultados é cristalina e de fácil acompanhamento. Segundo dados fornecidos pela Expo Publicidade, que tem a conta do Grupo Nordeste, tudo começou em agosto do ano passado. Então, a direção do grupo empresarial sentiu que o mercado de gê-

neros em sua especialidade ia sofrer um grande impacto em Natal com a entrada do grupo Bompreço e o seu Hipercenter. Para agravar a perspectiva, a época já pressentia a crise e havia um certo desânimo do consumidor em geral, naturalmente retraído. Portanto, a faixa ativa de consumidores estreitava-se em dois aspectos fundamentais:

O grupo — segundo revela o técnico da Expo — em lugar de se encolher ou cortar despesas, resolveu contratar uma empresa de assessoria de marketing e encomendou uma pesquisa ambiciosa para levantar o perfil básico do consumidor.



**Tem sido mais fácil comprar**

**PRIMEIRA ETAPA** — Os técnicos de marketing realizaram estudos minuciosos nas lojas, enquanto a pesquisa estava em andamento. Ao mesmo tempo, ainda nos moldes tradicionais, o Grupo decidiu realizar uma ampla campanha publicitária para divulgar os seus dez anos de atividades no Rio Grande do Norte. As coisas, segundo explica o técnico, ficaram bem definidas: a campanha era apenas institucional e nada tinha a ver, ainda, com a nova etapa que se ia seguir. Mas já nessa campanha institucional, foi usada uma linguagem preparatória. O objetivo era mostrar o trabalho realizado dentro dos dez anos, a vinculação com a cidade, através de uma série de peças que não objetivavam vender nada, mas apenas mostrar o esforço de um grupo.

Quando a campanha publicitária — nos jornais e emissoras de rádio de Natal — foi desencadeada, a pesquisa sobre o perfil do consumidor ficou pronta e a empresa de assessoria já dispunha dos levantamentos preliminares sobre a rotina comercial do



**Agora, os consumidores voltaram...**

Nordestão em seus principais supermercados.

**A SEGUNDA ETAPA** — Então, começou a ser preparado um amplo trabalho conjunto de marketing e publicidade. A pesquisa mostrava média de idade do consumidor padrão, situação social, preferências, motivações, etc. E mostrava também parte do que esse consumidor desejaria ver no Nordeste.

Nessa segunda etapa — passada a campanha dos dez anos —, a primeira decisão foi de mudar radicalmente de imagem.

Desde o tradicional logotipo, às embalagens, à pintura dos veículos, aos serviços e o lay-out das lojas.

A essa altura, o Bompreço já havia inaugurado o seu Hipercenter. E como na cidade havia um clima favorável à novidade, é natural que isso

## Quando todos se lamentam, há quem acredite no RN

Nem tudo é recessão, crise. Mesmo em relação ao Rio Grande do Norte, há quem pense em crescer, investir — e acredite no Estado. E crédito de qualidade. Como é o caso do empresário Albert Benhayon, que mereceu reportagem de duas páginas na acreditada revista semanal "Senhor" (15/6/83) em função dos seus investimentos no Rio Grande do Norte. E nada desprezíveis investimentos: quatro fábricas de cerâmica (uma de porcelana fina, um enorme viveiro de camarões e um hotel cinco estrelas projetado por Oscar Niemeyer.

O texto da revista diz o seguinte:

Benhayon, nascido no Marrocos, de nacionalidade portuguesa e filho de diplomatas, está no Brasil desde 59, atuando como gerente-geral de companhias de exportação. Pai de sete filhos brasileiros — dois dos quais o acompanham nos negócios —, acha que este é o

momento ideal para investir em algo que possa legar para eles, algo que não seja apenas dinheiro. Portanto, considera errado, agora, investir apenas no open — o que, de qualquer jeito, não deixou de fazer: os investimentos em papéis continuam constituindo a principal atividade de seu grupo em São Paulo e no Rio de Janeiro, elxo no qual se desloca habitualmente com desenvoltura, via Ponte Aérea.

Benhayon não se impressiona com as condições pouco propícias para investimentos no setor produtivo, em geral. Em sua avaliação da conjuntura econômica leva sempre em consideração o fato de ouvir, desde 59, os mesmos presságios sobre a "quebra" do Brasil. Não vai ser agora que as bruxas cumprirão suas profecias. "A palavra é expansão", arrisca heroicamente, como desbravador que acabasse de pisar em terra desconhecida. Aliás, a terra sob seus pés é realmente nova: Be-



nhayon é um estreante nos negócios que agora inicia.

O noviciado não quer dizer muito, porém, seus negócios estão bem escorados, e o Governo do Rio Grande do Norte não negou apoio para contar com o empreendimento — o que garantiu ao empresário os terrenos necessários às instalações do hotel (dez hectares), do viveiro de camarões (240 hectares)



conseguidas são claramente mensuráveis. Nos fins de semana, agora, a loja do Nordestão em Lagoa Nova parece ter se transformado numa festa, ao contrário do que ocorria há seis meses. Até os espaços externos para os táxis tiveram de ser redimensionados. Há serviços de toda ordem — cafézinhos, “provas” de produtos e até de uísque. O novo lay-out interno proporciona mais mobilidade e há perfeita consonância entre o que é anunciado como oferta semanal e o que efetivamente é oferecido. Os próprios funcionários mais antigos se espantam, não sabendo explicar o retorno de tantos consumidores e como as inovações que são produzidas — e que antes viam com desconfiança — somem mal são expostas — como é o caso da mesa de assados e da carne cortada.

Mas tudo não ocorreu ao acaso ou foi fruto da sorte. O Grupo acreditou na tese de que devia se mostrar criativo e investir em publicidade e técnicas racionais no momento da crise. Soube escolher bons profissionais. E deu-se bem. □

### ... graças a uma estratégia bem executada

se refletisse em brutal queda de vendas, sobretudo na loja Nordestão de Lagoa Nova, justamente a maior do grupo.

Houve muitas reuniões em Ponta Negra entre os principais diretores do Nordestão, o grupo de técnicos de Marketing e a equipe de publicidade da Expo.

Buscava-se uma estratégia comum, dentro de técnicas múltiplas. Uma decisão particularmente ousada

foi a de incrementar a publicidade nas mídias eletrônicas e imprensa. Foram realizadas, paralelamente, promoções destinadas às donas de casa e também ao chamado público interno. Novos serviços foram implantados e o consumidor começou a sentir-se, mais do que nunca, em casa nas lojas do Nordestão, atraído de maneira eficiente.

### UM NO QUADRO — As mudanças



e das quatro fábricas (14 mil metros quadrados).

Segundo Benhayon, suas fábricas de cerâmica estão crescendo dentro de um verdadeiro “paraíso do caulim”, uma bacia com 50 milhões de toneladas de um dos melhores tipos de caulim do mundo. “Encomendamos análises a cinco empresas européias, que chegaram a esse resultado”. Nesse negócio ele está aplicando a maior

parte do investimento: cada fábrica custará US\$ 8 milhões e o investimento total no Estado, em dois anos, será de US\$ 50 milhões. O caulim deverá ser suficiente para 12 fábricas de cerâmica ao todo, que formarão, desse modo, um Pólo Cerâmico.

Por enquanto, só uma das quatro fábricas de Benhayon está em produção, e assim mesmo experimental: a Beatriz, nome da mulher de Benhayon, que produzirá porcelana muito semelhante à de Limoges, na França, listada entre as melhores do mundo. Um técnico francês e uma especialista alemã cuidam, no local, para que a porcelana saia como o prometido. A produção ainda é pequena: 800 quilos por dia. Quando a fábrica estiver a todo vapor produzirá oito toneladas diárias. Um dos filhos de Benhayon, Bayard Lucas de Lima, diretor do grupo, diz que a Manufatura de Porcelana Beatriz, ao contrário da situação presente das outras empresas do setor, está com endividamento zero. As concorrentes, segundo Bayard, estão todas com passivo em decorrência de empréstimos externos. Em duas das fábricas de cerâmica, o grupo tem sócio alemão: 30% da

Beatriz e da Lausaune (louças vitrificadas) pertencem à Netzsch, detentora da tecnologia das mais modernas máquinas de porcelana do mundo. As duas outras fábricas do grupo se ocuparão de fabricar pisos e azulejos.

Nas áreas do camarão e da hotelaria, Benhayon considera que seus dois outros projetos terão resultados igualmente positivos. O futuro viveiro de camarões será instalado sobre antigas salinas, onde o grupo terá oportunidade de constatar, à semelhança de outras empresas, que o requisitado crustáceo, hoje, é muito mais rentável que o sal. A empresa Cirne, também do Rio Grande do Norte, originalmente produzia apenas sal. Hoje, fatura mais com camarões. “Tudo o que tivermos de camarão tem venda garantida para exportação”, anima-se Benhayon. Quanto ao Costeira Palace Hotel, assinado por Niemeyer, que ainda está em obras, deverá ser aberto daqui a dois anos — no momento, então, de se verificar se realmente o arrocho empresarial também vale para os dias de crise. Serão os dois anos decisivos para Benhayon voltar a ter a certeza — ou não — de que o Brasil não vai “quebrar”.



Cortez tem argumentos técnicos sobre o problema da barragem

## PROJETOS

# Ainda não cessou polêmica em torno da Barragem do Açú

A polêmica sobre a Barragem Armando Ribeiro Gonçalves continua. O ex-Governador Cortez Pereira, profundo conhecedor dos problemas do Rio Grande do Norte, analisando o assunto, fez a crítica do projeto, nele encontrando vantagens e defeitos, além de manifestar seu ponto de vista pessoal quanto à solução das questões ligadas à área econômico-social do Estado. Inicialmente, questionado quanto à existência de um projeto de irrigação para a área do Baixo-Açú, onde encontra-se a Barragem, refutou a colocação de que não há qualquer iniciativa nesse sentido, afirmando que "existe um projeto, e existe há muito tempo". Segundo esclareceu, em 1968 esteve em Israel com uma equipe do Banco do Nordeste, numa viagem de estudos sobre o desenvolvimento rural, entrando em contato com a Tarral, uma empresa especializada na obtenção de água em regiões secas, com finalidades agrô-pastoris.

Revelou então que, na ocasião, fora informado de que estava elaborando dois projetos para o Rio Grande do Norte, precisamente o Projeto Baixo-Açú, e um para o Vale do Ceará-Mirim, que estiveram a cargo do Departamento Nacional de Obras de Saneamento — DNOS, passando depois

para o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas — DNOCS, disse, acrescentando a respeito da Barragem do Açú: "É um projeto que eu tenho as minhas dúvidas quanto à sua otimização. Talvez nós pudéssemos ter algo mais interessante para fazer, do que o Projeto Baixo-Açú".

Cortez justifica sua colocação dizendo que as terras da área são conhecidas pela sua grande fertilidade, para então afirmar: "Porém, a minha restrição ao Projeto, mas uma restri-



Obra polêmica

ção polêmica também, mais dialética mesmo, diz respeito ao fato de que trata-se de uma área que, embora precariamente, está tendo utilização, dá ocupação, emprego, está produzindo, e que agora terá uma utilização mais ampliada, naturalmente, pelo simples fato do fato novo que é a Barragem".

**MENINOS EU VI'** — Em seguida, manifestou o seguinte: "Eu não tenho tranquilidade sobre investimentos altos construídos à juzante da Barragem do Açú, em razão de ser uma barragem que, por maior que seja, num ano de grande inverno, como 74, não será suficiente, não terá capacidade bastante para conter a inundação do baixo vale". Detalhando seu raciocínio a respeito, disse que, da mesma forma que as secas, há também os períodos de grande inundação, num ciclo que se repete alternadamente. Assim, prevê, certamente a barragem será solicitada a conter um volume d'água, futuramente, e não terá condições para tanto.

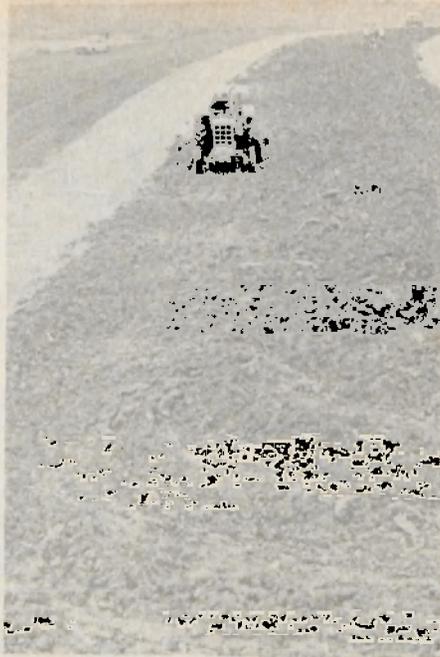
E acrescentou: "Eu digo isso com a experiência de quem viu — meninos, eu vi". E lembrou 74, quando sobrevoou o açude Orós, sangrando por todos os sangradouros, com uma lâmina d'água, de cerca de quatro metros: "Ou seja, o Jaguaribe não tomou conhecimento da existência do Orós. E o Baixo-Jaguaribe foi totalmente inundado", comprometendo todas as iniciativas existentes à juzante. Em seguida, abordando o problema da irrigação no vale, disse que

trata-se de uma técnica altamente indicada para as áreas secas, advertindo porém que trata-se de algo que exige alta capitalização, que, lembrou, acaba por não gerar "rendimentos tão excepcionais", como seria o desejável.

Argumentando, disse que a irrigação exige "densidade de capital, capital que é, na nossa Região, excasso", e então, rebateu, não seria muito indicado aplicar-se capital excasso para submetê-lo ao risco de, "de dez em dez anos, vê-lo comprometido pelas inundações que fatalmente ocorrerão". A terceira abordagem ao projeto refere-se à importância às terras altas do Açu, "que estas sim, têm sede", ao invés de um investimento maciço numa área já fértil, por si só, e disse:

"A Barragem não acrescentou muita coisa ao Baixo-Açu", constata, para em seguida admitir: "O que a Barragem acrescentou, e acrescentou muito, foi a possibilidade de irrigar as terras altas", que estão a exigir somente água, assinalou Cortez, para quem "com água, aquelas terras secas produzirão tanto, ou quase tanto, quanto o Baixo-Açu. A terra é apenas um suporte. Não existe hoje terra pobre nem terra rica. E até porque lá as terras não são pobres".

MANANCIAL FANTÁSTICO —



**Barragem: serviço e dúvidas**

Segundo o ex-Governador, o importante agora será a canalização das águas da Barragem para a irrigação dos taboleiros altos, para aí instalarse um grande projeto, e comentou: "Eu sou castigado muito pelo erro, entre aspas, de ter o hábito de ver mais longe. Isso faz com que as coisas perto eu tope nelas e atropelo e me atropelo. E então eu acho que a principal função da Barragem, dentro da minha ótica, não será a irrigação,

a vazante, o peixamento. Para mim, a grande razão da Barragem, é uma razão de futuro. É uma razão, para, daqui a 80 anos, 100 anos. Por quê? Porque a Barragem, se encontrando na confluência do sedimento com o cristalino, ela servirá para realimentar o arenito-Açu", uma área geológica que abriga um "manancial fantástico".

Cortez, aprofundando o pensamento, disse que, realimentando-se o arenito, será evitada que, com a perfuração intensiva de poços, estes venham afinal, a longo prazo, a não corresponder, em virtude da excessiva utilização, e advertiu: "Os Governos têm o dever de ver longe. O Governo tem que ver não os metros, mas os quilômetros à frente. O Governo tem que ter precaução para este detalhe. E a maneira expressiva de realimentar o arenito, nós temos apenas em duas alternativas: uma, é essa que foi feita, com a construção da Barragem. E a outra seria barrar o rio Mossoró, ou em Passagem Funda, ou em Santa Cruz".

Segundo o ex-Governador, é preciso que tenha-se uma visão globalizante e crítica da realidade norriograndense, presa, é verdade, ao contexto regional e nacional, a fim de que venham a ser propostos projetos e idéias válidos e necessários ao difícil momento vivido pelo Estado. □

## Uma denúncia sobre "maquagem"

O ex-Governador Cortez Pereira, durante a entrevista a RN/ECONÔMICO, fez uma grave denúncia a respeito do Projeto Baixo-Açu, revelando ter sido informado de que, quando da inauguração da barragem, "houve um fato que me chocou". Em seguida, contou que, na oportunidade, o Governo Federal transferiu ao Rio Grande do Norte "uma ajuda de algumas centenas de milhões de cruzeiros, para perfuração de poços", dinheiro que foi, todavia, desviado para o que Cortez chamou de "maquiar a barragem", ou seja: todo o capital foi aplicado em trabalhos supérfluos que visavam melhorar o visual da obra, na cerimônia inaugural, presente um silencioso Presidente Figueiredo.

Segundo disse, o dinheiro, cujo total não precisou, daria para a perfuração de cerca de 250 poços,

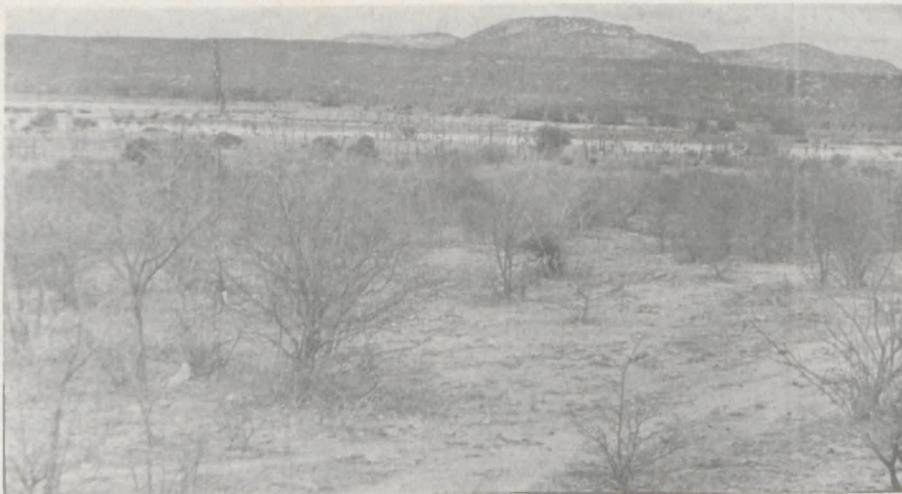
oficialmente. De fato, acrescentou, a verba daria para a escavação de até 800 poços, desde que o Governo Estadual destinasse as máquinas da CDM ao trabalho, já que conta com toda uma infraestrutura operacional montada, como os técnicos e a maquinaria, aplicando-se então o dinheiro unicamente para a aquisição do combustível.

Comentando o fato, disse: "Já que nós estamos num período de calamidade, o Governo do Estado poderia dizer: "Bem, este recurso será utilizado 100 por cento para a perfuração de poços, como benefício social. Mas pegaram esse dinheiro, pelo que eu estou sabendo, e desviaram dos poços, para maquiar a barragem para ser inaugurada. Para melhorar a sua apresentação. Se o Presidente soubesse disso, não iria ficar satisfeito,

nem nenhum homem de bom senso ficaria satisfeito".

E completou: "O que quer dizer: quem fez isso, não tem bom senso. Num Estado como o nosso. Num ano como esse, em que, daqui para o fim do ano, 30 ou mais municípios ficarão sem uma gota d'água na superfície, pegar o dinheiro de poços, doutor, para enfeitar baragem, para inauguração, isso é um crime contra o povo. Isso é um crime contra o bom-senso. Isso é um desrespeito ao homem. Isso me revolta. Mas parece que o fato é verdadeiro".

E parece mesmo, como o próprio Cortez completou: "Não houve nenhum desmentido, deve ser. Eu mesmo, num debate com um pessoal da Sudene, na Universidade, eu citei o fato, e não houve contestação. Então, o fato deve ser verdadeiro".



Tudo continua seco

## CONJUNTURA

# Não houve jeito: seca só confirma previsão do CTA

Não houve jeito: maio terminou e as chuvas não chegaram onde se faziam necessárias. Cerca de 1.200 dos 1.434 municípios do Nordeste entram em fase técnica da seca, pela quinta vez. A fase técnica, porque, de fato, a Região já estava numa seca, com todas as suas sequelas características: fome, falta de recursos, luta para conseguir água, gestões junto ao Governo Federal para conseguir verbas, a luta de cada mês pelo pagamento do dinheiro da Emergência, ameaças de saque nos centros urbanos do interior e o êxodo em círculo dos trabalhadores rurais em busca de trabalho e alimento.

Se as chuvas não chegaram no fim de maio e início de junho, a solução foi enviar água para o interior de trem. Uma solução que, a princípio,

pareceu esdrúxula, mas que, nas circunstâncias, logo se revelou a mais viável, porque sai muito mais barato enviar água para o interior de trem do que pelos caminhos-pipas, com os preços atuais da gasolina.

**O QUE FAZER** — O plano de salvação do Governo Federal, em atendimento ao grito de socorro dos governadores nordestinos — aliás, o grito de silêncio — pode ser um dado diferente nessa fase de caracterização da quinta seca. Ao contrário do ano anterior, as chuvas não deram para acumular água nos açudes, nem mesmo formar uma pastagem substancial. Como parece ser característico na Região Nordeste, enquanto havia seca braba no interior, o litoral ficou praticamente encharcado, pelo menos de Maceió até às praias logo depois de Natal. Lá pelo Ceará, contudo, nem o litoral escapou e Fortaleza teve de passar por um dramático racionamento.

Depois de meses de incertezas e dúvidas, afinal concluiu-se que as previsões dos técnicos do CTA eram dramaticamente corretas: exatamente este ano foi o pique da estiagem do ciclo anunciado. Em tudo isso, para os agricultores e técnicos agrícolas, há um tardio consolo: depois deste ano, o nível de chuvas tende a ser mais benéfico. A não ser que o azar do Nordeste chegue ao ponto de, justamente neste aspecto, falharem as previsões dos aparentemente infalíveis técnicos paulistas. □



No Baixo Açu: vaga esperança

# PEÇAS! PARA FIAT E VOLKS



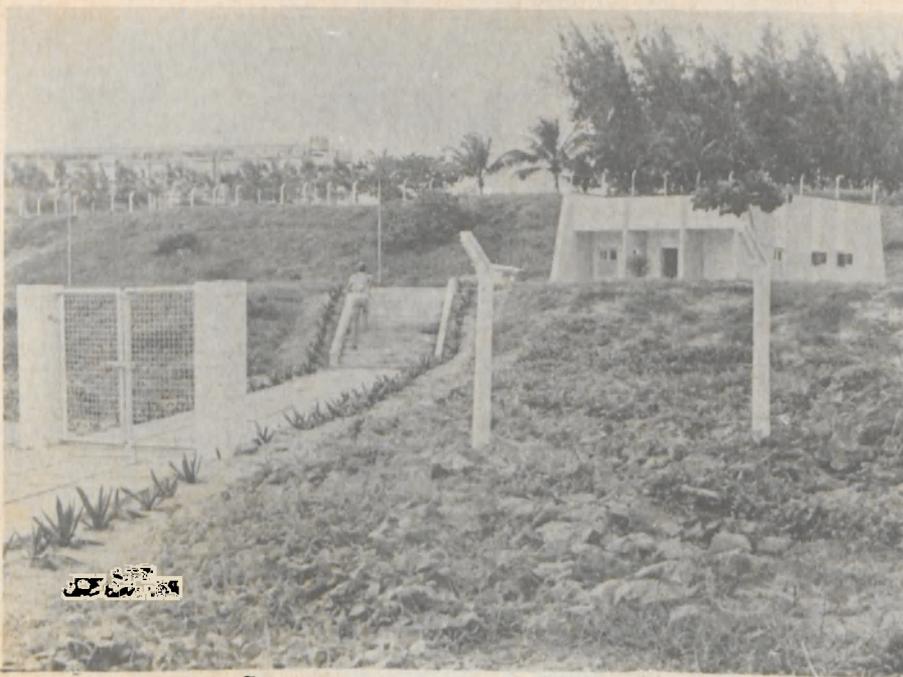
## CASA DO VOLKS

Problemas do seu carro deixam de existir, quando você faz uma boa opção, e, essa é a Casa do Volks. Dispondo de um excelente estoque de peças, tintas automotivas, acessórios, escapamento e volantes esportivas; capas para bancos e sistema de som completo. Todos com instalação grátis, além de um amplo estacionamento. Sem compromisso, faça-nos uma visita.



Gurgel & Oliveira  
Comércio e  
Representações Ltda.

Av. Prudente de Morais, 1804  
Tels.: 223-2488 e 223-5048



As hortas em pleno Campus

## COMPORTAMENTO

# Plantações estão surgindo em áreas desertas da UFRN

Jerimum, milho, feijão, melancia e maxixe. Estes são alguns gêneros que estão sendo plantados, já há dois anos, em pequenos roçados dispersos nas proximidades da Reitoria e do Restaurante do Campus Universitário, transformando um terreno seco e ermo, semiabandonado, onde proliferam apenas arbustos e gramíneas inúteis, em pequenos plantios que servem para complementar a mesa carente de humildes funcionários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A experiência, posto que incomum dentro de uma instituição reconhecidamente conservadora, já conta senão com o consentimento formal, pelo menos com o apoio técnico da administração da UFRN que, não tendo argumentos contrários ao cultivo de pequenas hortas em terrenos semiabandonados do Campus, findaram por permití-los, uma vez que eles não oferecerem maiores problemas de ordem funcional à organização. Os pequenos roçados, por outro lado, estão sendo de grande utilidade para esses agricultores improvisados — agentes de portaria, jardineiros, pedreiros etc — que aproveitam suas horas vagas para cultivá-los para consumo próprio.

Um desses «agricultores» arranjados é o pedreiro Francisco Dionísio Clemente, 57 anos, que orgulha-se, dentre outros motivos, de saber cultivar um pedaço de terra, valendo-se apenas de recursos naturais. Daí que vendo “todo aquele terreno se perdendo no inverno, e sem nem um feijão, sem nada plantado”, ele reuniu alguns companheiros e foram procu-



Iniciativa que está dando frutos

rar o «chefe» (o Prefeito do Campus Universitário) o qual aprovou a idéia, pois, segundo ele, a plantação serviria para limpar o terreno.

O exemplo de Francisco Dionísio foi imitado por Francisco Felinto, 31 anos, agente de portaria do Restaurante Universitário. Felinto planta jerimum, milho e feijão há dois meses. Segundo ele, planta só para consumo da família, “para aproveitar o inverno”, num roçado localizado por trás do Restaurante.

Deodoro Gomes da Silva, 58 anos, jardineiro, é outro «agricultor» que cultiva 25 «braças» de terra do Campus desde há dois anos. De acordo com ele, “a idéia foi mesmo da gente, com o consentimento dos homens”. Mas apesar de já ter colhido feijão, melancia e maxixe do seu roçado, está pessimista quanto a sua colheita para este ano. Segundo ele, “este ano não vai dar nada, pois estamos vendo o dismantelo”.

Hoje, os pequenos roçados espalhados no Campus Universitário conta inclusive com o apoio de professores e alunos, e está transformando, gradualmente, um vasto terreno ocioso e improdutivo, numa área produtiva para fins de subsistência. Mesmo o Prefeito do Campus Universitário da UFRN, o coronel Mosca, rendido às evidências, manifesta-se de pleno acordo com o fato de alguns funcionários estarem plantando roçados em áreas sob sua circunscrição. “Eu acho válido”, diz ele. “Não vejo porque não se aproveitar essa terra que não é utilizada, até que apareça algo que impeça”. E enfatiza: “Até seria uma crueldade se impedir esse tipo

de coisa, pois é um estímulo para quem quer produzir”.

Já o balconista da lanchonete do Setor I do Campus, Antônio Nascimento, observa que “eles plantam p’ra se ajudar a eles mesmos, pois a situação do jeito que está, não tem salário que chegue. Eles estão certos em plantar”, conclui.

**COOPERATIVA** — Para o estudante Flávio Leite Dantas de Rezende, do 5.º período do Curso de Comunicação Social, a existência de roçados no Campus da UFRN, “é uma excelente idéia que deveria extrapolar os limites da Universidade e atingir todas as Universidades, não só do Brasil, como do mundo”. Explicando-se melhor, Flávio diz que “a roça poderia vir a ser transformada numa cooperativa, reunindo ao mesmo tempo, estudantes, professores e funcionários, com uma administração paritária e o produto final das colheitas seria dividido entre os que nela trabalharam”.

Haroldo de Andrade, estudante de Engenharia Civil, critica a proposta cooperativista de Flávio Dantas, argumentando que “interesses diversos fatalmente entrariam em jogo para dificultar a realização do projeto”. No entanto, observa, a idéia é muito boa em si, ressaltando que antes de executá-la é preciso se saber a posição do novo reitor em relação a essa idéia.

O aluno Ronilson Brazão Teixeira,

do 5.º período de Engenharia Elétrica acha, por sua vez, que o roçado será válido se tiver como objetivo ajudar às pessoas necessitadas, dentre as quais, destaca os funcionários pobres da UFRN. Ronilson sugere que os roçados poderiam também ser aproveitados pelos estudantes de Aquacultura: “Além de ajudar no preço e na qualidade das refeições do Restaurante Universitário”.

Mas dentro da Universidade também há pessoas que preferem ignorar a existência de roçados dentro do Campus. É o caso de João Batista Alves, funcionário burocrata lotado na Reitoria. Indagado sobre a questão, respondeu a princípio com um seco: “Eu não tenho opinião”. Mas pressionado, terminou por dizer: “Bom, eu acho que a idéia seja boa. Tá beneficiando o pessoal daqui, de baixa renda. Acho uma boa idéia”.

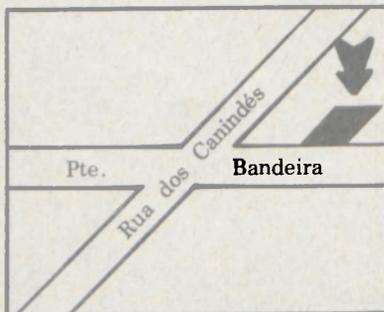
Mas é o professor Maurício Pandolphi, do Curso de Comunicação Social, quem se detém melhor na análise, ao dizer que “se todas as terras do Brasil fossem utilizadas como essas (os roçados) se estaria dando um grande passo para se resolver o problema da fome no País”. Em sua opinião, “todas as áreas desocupadas do Campus Universitário devem ser plantadas e o seu produto distribuído gratuitamente por todos os funcionários mais pobres; havendo excedente, deve-se fazer uma distribuição para os pacientes mais pobres que se encontram nos hospitais”.

## UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



*O slogan “pensou em construir, pensou na Saci”, já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa “na hora de construir, pensam na Saci”. E, se você vai construir, pense também na Saci.*

## PARA COMPRAR PEÇAS FIAT VOCÊ NÃO PRECISA SAIR DO ALECRIM. SAVEL ABRIU SUA FILIAL



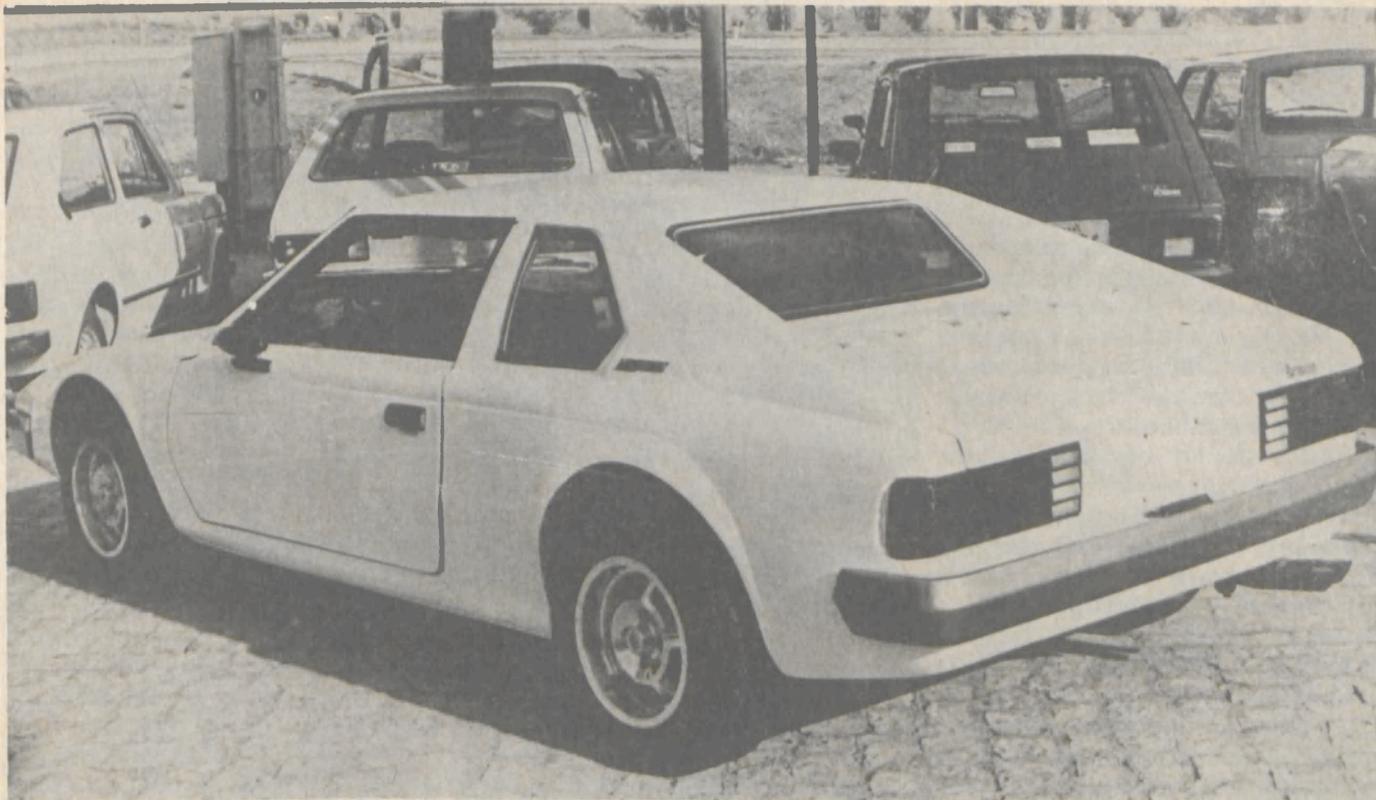
Peças genuínas Fiat, você agora pode adquirir no centro do bairro do Alecrim, num local de fácil acesso. Próximo ao cruzamento da Presidente Bandeira com a Olinto Meira foi inaugurada a primeira filial da Savel.

CONCESSIONÁRIA  
**SAVEL**  
Automóveis S.A.

**SAVEL. SALUSTINO** Presidente Bandeira, 737  
**VEÍCULOS LTDA.** Alecrim — Tel.: 223-1551  
Natal-RN

**MATERIAL DE CONSTRUÇÃO**





Está ficando cada vez mais difícil vender carros em Natal

## VEÍCULOS

# Equilíbrio nas vendas ainda está longe de ser atingido

A queda acentuada nas vendas de veículos e aumento do índice de roubo de carros tem prejudicado sensivelmente as revendedoras e concessionárias. A rentabilidade do distribuidor sofreu uma redução e ainda há reflexos nos outros setores destas empresas. Além disso, os novos aumentos no combustível provocam um "encolhimento" nas vendas de veículos novos. Por seu turno, nenhum dos revendedores alimenta ilusões quanto ao restabelecimento do mercado de automóveis à níveis anteriores à recessão. A análise é feita pelo principal responsável nas vendas da concessionária Marpas S/A, Aurino Araújo.

Para Aurino Araújo, o primeiro trimestre "permaneceu estável" sendo que em março houve um acréscimo nas vendas. Já em abril "caiu em relação a março".

— Isto é, voltou ao nível anterior e em maio houve uma queda acentuada.

Continua afirmando que a queda nas vendas provocará, logicamente,

redução na rentabilidade do distribuidor, além de uma retração nos diversos setores da empresa, já que a venda de carros novos é o "carro cheio" de uma revendedora. "Como é lógico, isso também tem reflexos diretos nas retiradas da fábrica". Confirma também que nos períodos de retração de vendas, as concessionárias intensificam diversas ações:

— Campanhas publicitárias específicas, promoções internas de incentivos extras aos vendedores, reformulação de comissionamento, envio de mala direta a clientes selecionados, etc. Os revendedores capitalizados, se voltam para o mercado financeiro...

**MALABARISMO** — Para Aurino Araújo, sempre que há um novo aumento de combustível, ocorre um encolhimento nas vendas dos novos. Antes, esse fato logo era absorvido pelo público que, passado o período de reajuste, voltava a comprar:

— Agora, porém, os aumentos têm sido em percentuais mais elevados o

que, aliado ao fato de que sempre vêm integrados em algum "pacote", inibem de maneira mais forte a tendência à compra.

Quanto a declaração de que o Governo vai controlar a produção de veículos à álcool, ele disse que a experiência já ensinou aos concessionários que os "incentivos e as restrições ao carro à álcool se revezam":

— Assim, os efeitos que sofrem com essas oscilações são minimizados com o correto balanceamento dos seus estoques, isto sim, um verdadeiro trabalho de malabarista.

Com relação aos constantes lançamentos de veículos por parte das montadoras, Aurino Araújo afirma que ninguém alimenta ilusões quanto ao restabelecimento do mercado de automóveis à níveis anteriores à recessão. A luta dos fabricantes, ao lançarem novos modelos — além de, naturalmente, enfrentar a concorrência que, por sua vez, também estará lançando novidades — é, basicamente, para manter as vendas dentro das atuais performances, já que hoje "temos uma nova realidade de mercado, para a qual eles estão dimensionados":

— Se, no entanto, acontecer uma reação positiva e que não se caracteriza como temporária, há condições — a curto prazo — para o aumento da produção de veículos.

**PREJUÍZOS** — Com relação aos

roubos de veículos, Aurino Araújo, afirmou que indiscutivelmente o revendedor tem prejuízo em decorrência desses furtos. O veículo roubado, geralmente de modelo novo e comercial é vendido adulterado e com preço aviltado. Uma das práticas mais adotadas, continua, pelos ladrões é a compra de um carro novo acidentado e sem recuperação, "geralmente comprado a uma companhia de seguros, como salvado", com o objetivo exclusivo de utilizar os respectivos documentos em modelo semelhante, evidentemente roubado.

Aurino Araújo informou também que outro prejuízo sofrido pelo revendedor é a perda de componentes, especialmente da linha Volkswagen e particularmente dos modelos Fusca e Brasília, já que é grande o número destes roubados, depenados e com suas carcaças abandonadas nas periferias das cidades:

— Esses componentes, motores, caixas de mudanças, rodas etc, certamente equiparão alguns "Bugres", cuja proliferação é fato comprovado aqui.

**NOVOS E USADOS** — Sobre a oferta e procura de veículos novos e usados, Aurino Araújo disse que houve uma mudança na relação de vendas novos "usados". À essa época, esgotaram-se os estoques de usados o que, evidentemente, ocasionou uma procura maior que a oferta nesse segmento. "Como o mercado de usados é abastecimento na razão direta da venda de novos, essa situação foi pouco a pouco se normalizando, na exata medida em que o mercado de automóveis saía da crise propriamente dita, para uma nova realidade" definida em uma estabilidade em torno de 50 por cento do volume de vendas anterior:

— Hoje há oferta de usados, fruto de uma política de vendas mais agressiva do carro novo, com maior valorização daquele na hora da troca. Passado o período crítico, portanto, o carro usado saiu mais valorizado.

**PACOTE** — Aurino Araújo falou sobre o "pacote", afirmando que os revendedores de automóveis, como todo o empresariado nacional, têm sofrido grandemente com a adoção de medidas restritivas, como os "pacotes". Sendo o automóvel um bem de consumo durável atípico — é o único bem que tem valor de revenda assegurado, ao contrário, por exemplo, dos eletrodomésticos — tem certas



As vendas sofrem

vantagens que atraem o comprador mesmo em tempos de crise. "Todavia, dada a violência do último pacote — tão «brabo» que se fez necessária uma «preparação» do público, estrategicamente praticada ao longo das semanas que o antecederam — houve uma retração significativa por parte dos compradores. Por outro lado, considerando-se o elevado percentual aplicado no aumento dos carros, comprá-los pode ser também uma forma de poupança". □

## SE UM PARENTE OU AMIGO CHEGAR, VOCÊ TEM UM CARRO PARA LHE CEDER?



*De repente, chega, sem carro, aquele parente querido ou aquele amigo que há muito tempo não via e hospeda-se em sua casa. Certamente, você não terá um carro para lhe emprestar, nem pode ceder o seu. Você trabalha, tem obrigações... Mas, também, não quer que aquela grata pessoa fique a pé. Andar pela cidade de ônibus ou táxi, que coisa desagradável. A Auto-Locadora DUDU existe para resolver também problemas dessa natureza. Quando seu hóspede chegar sem carro, leve-o até DUDU. Lá ele terá opções de escolher os mais variados tipos de veículos. Do Fusca ao Opala Diplomata. E, se for necessário, requesite um motorista. Deixar a pé aquela pessoa tão importante, não fica bem. É até um ato de desapeço. Seu hóspede, quando chegar, "bote ele num carro da Auto-Locadora DUDU". Ele vai ficar imensamente satisfeito e agradecido. E, quanto a você, com a consciência tranquila de ter atendido com cortesia e solicitude aquela pessoa que lhe é tão cara.*

**AUTO  
LOCADORA**

**DUDU**

• Av. Rio Branco - 420 - Centro • Box Aeroporto Internacional  
Augusto Severo Fones: 222-4144/222-0501 223-1106/272-2446 - Natal-RN

## Itamar traz experiências e nova visão do Canadá

Único brasileiro presente no XIII Congresso da Associação Canadense de Estudos Africanos, realizado no período de 15 a 19 de maio último, na Universidade de Laval, na cidade de Quebec, o professor Itamar de Souza, titular da cadeira de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte trouxe na bagagem uma experiência enriquecedora da sua curta estada no Canadá, mas principalmente, confessa-se sobremaneira surpreendido com tudo que viu nos cerca de sete dias em que permaneceu no País.

— A Reitoria funciona em dois andares do prédio da Faculdade de Educação, diz ele, e o reitor dispõe de uma secretária, mas não tem garçom fardado para lhe servir cafézinho. O poder universitário é descentralizado nas decisões de caráter científico. A palavra dos Departamentos pesa mais do que a decisão do reitor e este simplesmente acata aquilo que os professores dos Departamentos decidirem.

Graças ao convite do professor Alf Schwarz, sociólogo, e titular da Universidade de Laval, a fim de proferir conferência sobre a seca e as transformações rurais no Nordeste, assunto aliás em que é expert, o professor Itamar pôde travar contato com uma realidade nova, sob todos os aspectos, que lhe despertou a curiosidade de pesquisador treinado mas que foi além de mero interesse científico. Se lhe foi proveitosa a oportunidade de fazer a descoberta da África — “ali eu encontrei a elite intelectual africana de língua francesa”, diz ele — não foi menor sua surpresa ao constatar a distância do relacionamento cultural existente entre o Brasil e a África, nem o fato de que os canadenses desconhecem a grandiosidade do problema da seca embora, paradoxalmente, vejam o Brasil como um País “muito rico”.

**NOVO MODELO** — Mas foi o contato com um novo modelo universitário que lhe rendeu observações mais penetrantes e de grandes contrastes quando comparadas com a realidade universitária local. De fato, a Univer-

sidade de Laval é a mais antiga da América, sendo por conseguinte, uma Universidade modelar no continente americano. Para dar uma idéia de sua importância, Itamar de Souza destaca o fato de que aquele centro do saber possui, só na área de graduação, mais de dois mil cursos diversos, o que abarca, quase que na totalidade, as mais variadas áreas da pesquisa científica na atualidade. Cerca de trinta mil universitários frequentam esses cursos, que têm prosseguimento nos não menos numerosos cursos de pós-graduação. Chamou-lhe também a atenção o clima



**Itamar: mais experiência**

de completa liberdade para o debate. “Há espaço para grupos de todas as tendências teóricas e ideológicas nos Campi de Laval”, diz Itamar de Souza, lembrando que só a Faculdade de Ciências Sociais publica oito revistas, o que mostra a prioridade do setor de pesquisa no complexo universitário, cuja tônica principal é a preocupação com a produção intelectual, acompanhada de perto com a busca do intercâmbio com outros centros de ensino superior, aspecto em que o Terceiro Mundo ocupa um espaço cada vez maior, haja vista o interesse que os canadenses vem desenvolvendo com relação à África e à América Latina.

Além do contato com a elite intelectual africana que compareceu ao Congresso da Associação Canadense

de Estudos Africanos — todos primavam por uma postura crítica em relação aos países que colonizaram a África, observa Itamar de Souza — ele pôde detectar, entre esses intelectuais, preocupações comuns, como a questão de estrutura do poder, o problema das multinacionais e a preocupação com a busca da identidade cultural dos países colonizados, temas que foram levantados num clima de total descontração e liberdade. Outra grave questão amplamente analisada no Congresso, desta vez extensivo ao país anfitrião, foi o do alarmante número de universitários recém-formados sem garantias de emprego, problema intensamente vivido pelos universitários brasileiros.

**DEMOCRACIA** — O professor Itamar não consegue conter seu entusiasmo quando fala do papel vital desempenhado pela idéia de democracia no Canadá. Lembra ele que a democracia não é uma prática limitada apenas à vida política do país. Essa prática se estende a todas as atividades e a todos os setores da vida diária do povo canadense. Como exemplo, cita a inexistência de leis contra os tóxicos, apesar do alto número de pessoas dependentes de drogas, fato que é aceito sem maiores problemas pela população. A ausência de menores abandonados e de mendigos nas ruas de Quebec também não passaram despercebidos ao sociólogo norte-riograndense.

**PADRÃO** — Outro aspecto que não deixou de surpreender o professor Itamar, refere-se ao alto padrão de vida do povo. A sociedade canadense, segundo ele, vive num elevado padrão de vida e praticamente todos os trabalhadores dispõem de meios materiais para adquirir moradia própria, automóvel, telefone etc, o que explica a dificuldade de se tomar um transporte coletivo.

Quanto à cidade de Quebec, destaca Itamar de Souza um fato curioso: o deserto aparente das ruas. “Você só vê automóveis passando e quase ninguém andando a pé e, devido ao frio, as casas apresentam uma arquitetura muito fechada, o que explica a impressão de abandono das ruas. Já as casas, diz ele, não têm muros, o que concorre para transmitir uma impressão de muita paz, sossego e tranquilidade. E embora admitindo que o nível de vida é caríssimo no país, diz ele que isto não chega a preocupar os canadenses. □

## Computador pessoal: mitos e vantagens da nova máquina

Com a invasão dos micros e minis-computadores pessoais, o Rio Grande do Norte não podia ficar de fora da rota do que está sendo considerado o mercado mais promissor da atualidade, em todo o mundo. Começam a aparecer por aqui também os anúncios tentadores dessas máquinas, das quais se dizem maravilhas e que seriam capazes de, por si, substituir o trabalho de equipes inteiras em médias e pequenas empresas. O computador pessoal está se tornando moda em todo o Brasil e há, agora, pelo menos 20 revistas especializadas em Informática tratando do assunto. As páginas dos principais jornais e revistas semanais também; começam a aparecer os anúncios na televisão e aqui em Natal.

Mas, com tudo isso, e levando em conta que a economia do Estado é muito vulnerável e pobre, cabe a pergunta: o que há de verdade e de exa-

gero em tudo o que se diz sobre o computador pessoal?

**MITOS E REALIDADES** — Para começar, ninguém deve se entusiasmar demais e achar que está diante de máquinas capazes de solucionar todos os problemas. Pelo contrário: se não for feita uma escolha criteriosa, com o conselho de especialistas e a análise cuidadosa das necessidades, o computador pessoal pode se transformar num problema e em grandes despesas, sem que acrescente qualquer utilidade. Isso, de resto, já tem acontecido. Como em tudo o mais na vida, é uma questão de bom senso e, como dizem os técnicos, adequação.

É preciso compreender que a enxurrada de anúncios sobre minis e microcomputadores é em razão da severa disputa pelo mercado nacional, um dos mais promissores do mundo.

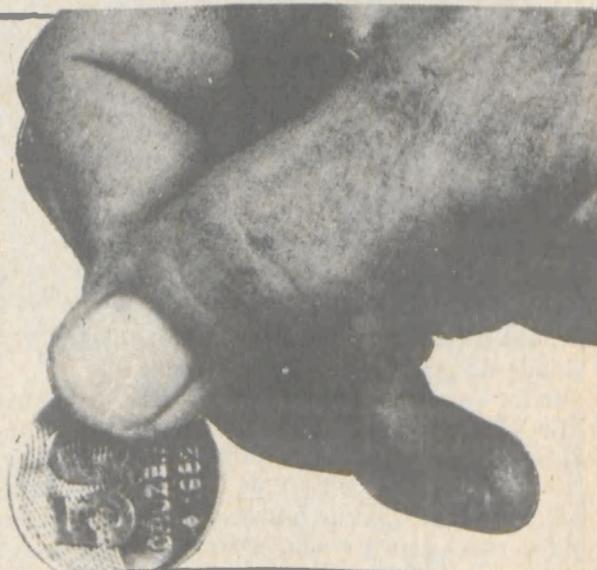


### O computador pessoal, o novo fascínio

E promissor, numa época de recessão, é algo digno, realmente, de ser disputado. Dos cinco setores em que se divide a eletrônica, o da Informática é o que mais tem crescimento: 46%, no ano passado, com um faturamento no mercado nacional de US\$ 1,87 bilhão. Como há uma reserva de mercado em vigor, mais de 20 empresas nacionais se dedicam à produção de computadores pessoais, enquanto número maior ainda produz componentes. Como o ramo é altamente di-

# FAÇA MUITO COM MUITO POUCO.

Deixe aqui a moedinha do troco para ajudar as crianças da Clínica Heitor Carrilho.



## PARTICIPE TAMBÉM DESTE MERCADO

- Compra e venda de ações em bolsa • Leilão de Finor, Fiset e Finame • Recebimento de direitos de acionistas
- Venda de letra de câmbio • Fechamento de câmbio



**Servired** CORRETORA DE CÂMBIO E VALORES MOBILIÁRIOS LTDA.

AV. FLORIANO PEIXOTO, 559 — TELS.: 222-2262/222-4249

PRESTAMOS  
ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
AS EMPRESAS DE  
EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO





nâmico, e há concorrência acirrada em todo mundo, com grandes empresas do exterior — como a IBM — querendo entrar no mercado de qualquer modo, verifica-se uma grande excitação para a conquista do consumidor. Por tudo isso é preciso ter muita cautela.

**COMO DECIDIR** — Os especialistas dizem que o primeiro passo para escolher um computador pessoal e verificar, primeiro, a capacidade da máquina e as necessidades. Depois

disso, é vital apurar detalhes importantíssimos como o tempo de montagem, o que será preciso fazer para a empresa adaptar-se à máquina, quantas pessoas terão de ser recicladas para a nova rotina e se há programas compatíveis com o sistema. Sim, porque é bom ter sempre em mente que, na verdade, quando se fala num computador a palavra não é muito adequada. A rigor, um computador compreende um sistema, compostos de dispositivos de preparo das informações para entrada, outro para a saída e outro que armazene as informações processadas. O «corpo» — ou cérebro — do computador é onde se processam as informações. Mas as informações, para serem processadas num computador, têm de ser preparadas, antes, numa linguagem especial, assim como a sua saída depende de um sistema especial e o armazenamento. Todo o sistema é eletrônico, com raríssimas exceções e de funcionamento delicado. Mesmo no Rio e São Paulo a demora de certas empresas para a instalação de um computador pessoal termina desanimando o ansioso usuário.

E, o que é pior, as vezes os custos de programação são bem superiores à própria máquina. E, aí é que está o

engano de muita publicidade: a máquina realmente custa relativamente pouco em função do serviço que presta; mas os programas e a operação são desencorajadores.

**QUESTÃO DE ESCOLHA** — Mas tudo isso é só uma questão de alerta, de atenção, de cuidados. O computador e o sistema adequados prestam excelentes serviços. O que os técnicos aconselham é apenas a necessária atenção, o imprescindível cuidado nos exames prévios. Deve-se convir também que a entrada de um computador, seja de que tamanho for, na vida de uma empresa significa mudança. E são mudanças que se iniciam com remodelações gerais das instalações físicas para abrigar o novo sistema, cuidados especiais com o ambiente e a instalação elétrica, proteção para evitar que leigos se aproximem das máquinas.

É preciso compreender que um objeto que funciona por impulsos eletrônicos não pode ser consertado com um «jeitinho», como se faz com as máquinas eletromecânicas. Os computadores são sensíveis e delicados demais. E, quando erram, por erro de instrução, provocam prejuízos maiores do que os erros humanos. □

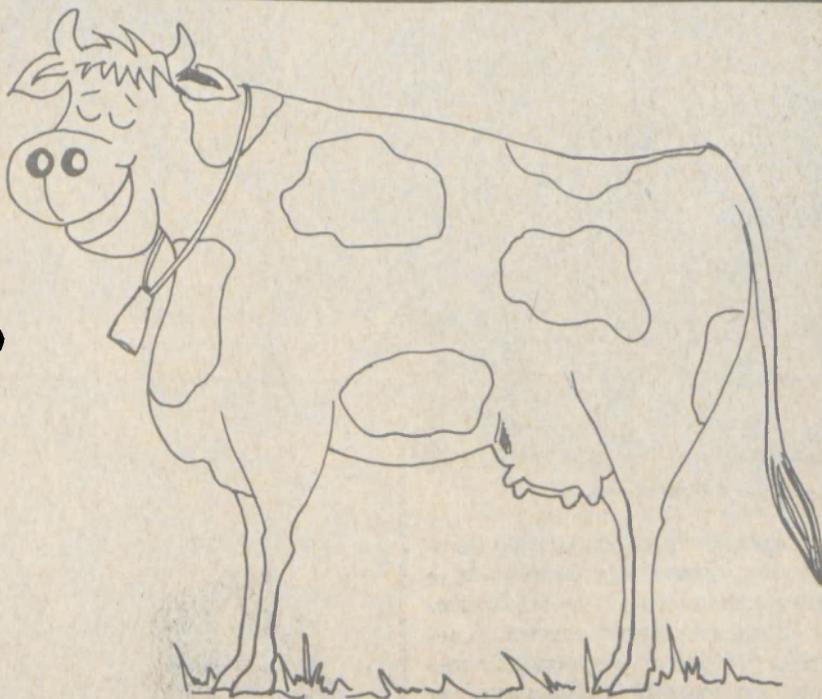
## SE É DE LEITE QUE VOCÊ PRECISA! PORQUE COMPRAR UMA VACA?

*Computador ou computação?  
Será que você precisa de instalações  
de C. P. D., analistas, técnicos,  
programadores, computador,  
periféricos, digitadores,  
manutenção, etc? Ou será que você  
precisa realmente só de  
informações necessárias, às  
tomadas de decisão no tempo certo,  
corretas e objetivas?*

*Pare!*

*Pense!*

*Consulte-nos: — Faça como mais de  
200 empresas em todo o Estado.  
Nós podemos mostrar-lhe como se  
utilizar dos serviços do computador  
sem ter que arcar com altos custos.*



“10 ANOS A SERVIÇO DA INFORMÁTICA”

PROCESSAMENTO DE DADOS  
**sistema s.a.**



Estrada de Ponta Negra — 1831 — Natal-RN  
Fones: (084) 231-4215 — 231-4890 — Telex: 0842-531

# Começa na família problema que leva menores ao crime

Cada vez mais presente nas crônicas policiais, inspirando temor em muitas pessoas e se constituindo em motivos de acalorados debates por parte de juristas, assistentes sociais e pedagogos, o menor infrator é hoje um dos mais graves problemas sociais do País. Aqui em Natal, o problema é visto sob diversos ângulos pelas autoridades e apesar de faltar consenso sobre a melhor maneira de resolvê-lo, são muitas as sugestões propostas.

De acordo com o juiz Carlos Roberto Coelho Maia, titular da 4.<sup>a</sup> Vara de Menores de Natal, a principal razão para o crescente aumento da delinquência juvenil em nossa cidade,

de proporcionar melhor educação aos seus membros menores.

**PREVENÇÃO** — Outro problema apontado pelo juiz da Vara de Menores de Natal prende-se às dificuldades da prevenção da delinquência. Segundo ele, a prevenção se torna difícil devido à precariedade das instituições responsáveis pela assistência ao menor infrator, uma vez que uma mesma instituição admite menores com diferentes graus de periculosidade, processo em que os delinquentes mais perigosos terminam por desencaminhar outros que poderiam ser recuperados em outras circunstâncias. Finalmente lembra que o



### O desfecho da violência...

tem origem na desagregação da família. Assim, diz ele, o problema não se resolve apenas com maior assistência dedicada ao menor infrator. É necessário, enfatiza, proporcionar melhores condições à família para que ela possa prevenir o problema.

Quanto a soluções de aplicação imediata para o problema, confessa o juiz Carlos Maia que não consegue vê-las a curto prazo, voltando a insistir sobre a execução de um trabalho de base junto à família, através de campanhas de conscientização pública, a fim de que ela encontre meios



... que o juiz condena

problema deve ser encarado de frente por toda a sociedade e não apenas pelo Governo, já que programas desvinculados da participação comunitária não poderiam, por melhor intencionados que fossem, dar solução ao complexo problema da delinquência entre os menores.

Na opinião do bacharel Bueno Ayres de Melo, Delegado de Menores, o problema do menor em Natal atinge hoje níveis preocupantes, com origem no que ele denomina de “desajustamento social”, que se traduz em dois delitos principais: porte de arma e consumo de tóxicos. Esses problemas, revela Ayres de Melo, têm origens diversas, mas não descarta que a crise da família esteja por trás da maioria dos casos. A esse respeito, manifesta sua preocupação com a frequência com que muitas mães o procuram com o propósito de deixar os filhos a seus cuidados, “como se a Delegacia fosse um albergue”. Observa ainda que muitos menores são utilizados como “bandeira” na prática de furtos e roubos, por ladrões e traficantes profissionais, em vista de haver toda uma legislação que ampara o menor, o que não ocorre com o infrator de maior idade.

Quanto à precariedade das instituições responsáveis pela assistência ao menor, isto ocorre, segundo Ayres de Melo, por fatores externos a essas instituições, como dificuldades econômico-financeiras, exiguidade de espaço físico, carência de pessoal especializado etc. Como exemplos, cita os Centros de Reeducação do Menor — CRM e de Recepção e Triagem — CTM, ambos ligados à Fundação do Bem-Estar do Menor — FEBEM, do Governo Estadual. Segundo ele, esses Centros enfrentam horas difíceis devido ao número de menores encaminhados excederem sua capacidade de absorção. Mas lembra que algumas reformas estão em curso nesses Centros, a fim de ampliar seu espaço físico, bem como melhorias diversas, o que deverá possibilitar melhores condições de atendimento aos menores, com vistas a reabilitá-los.

**VIOLÊNCIA NO LAR** — Há nove anos trabalhando na Delegacia de Menores de Natal, Francisca de Araújo, assistente social, vê o problema do menor infrator sob uma multiplicidade de ângulos, preferindo não apontar uma causa única. A explosão demográfica, a crise da família, a falta de preparo dos pais, o desemprego, enfim uma série de fatores sócio-

econômicos concorrem, em sua opinião, para provocar a delinquência entre os menores. Para ela, uma das soluções possíveis de serem aplicadas de imediato seria um programa de controle da natalidade mas, acen-tua, "as mães que nos procuram com o problema, reagem contra essa idéia, desconhecendo a gravidade da situação a que colocam seus filhos, quando não dispõem de meios para educá-los".

Convivendo mais de perto com as mães dos delinquentes, Francisca de Araújo revela que muitas mães a procuram com a intenção de internar os filhos na Delegacia. E conclui: "As mães não querem mais criar os filhos", falando que muitas vezes gasta horas para explicar que a Delegacia não pode admitir menores sem motivos.

Outro problema que concorre, na opinião da assistente social Francisca de Araújo, para o agravamento do problema do menor, em Natal, tem origem na violência do lar. Brigas e discussões dentro do lar criam, muitas vezes, um clima insuportável para os filhos, principalmente para as filhas, diz ela. Daí, observa, elas fogem de casa e passam a morar com amigas, geralmente já desencami-



**Menor nas ruas: perigo**

nhadas na vida, e terminam se pros-tituindo.

Mas a longa convivência com os menores infratores, ensinou a assistente social a compreendê-los melhor, mesmo àqueles tidos como de "alta periculosidade". Exemplifican-do, Francisca cita o caso de Círio Roberto, conhecido na crônica policial da cidade como "Já Morreu". Círio,



## Um índice nada animador

conta na ingestão de drogas. No depoimento, a desesperada mu-lher contou ter sua filha sido víti-ma das "patotas que vivem nos conjuntos habitacionais tentando desencaminhar os jovens".

**OS ALICIADORES** — E depoimentos desse tipo são comuns, em tais casos. Sempre é o jovem que se deixou influenciar por algum grupo. E esse tipo de influência é

diz ela, certa vez me confessou que era delinquente porque não era bati-zado". E lembra que o pai de Círio foi assassinado e a mãe morreu como al-coólatra. — "Os meninos são bons. Parece mesmo que o que falta é assis-tência", diz ela.

**REABILITAÇÃO** — Conquanto ad-mite que a forma como se tenta reabi-litar os menores delinquentes não se-ja a ideal, Francisca vê aspectos posi-tivos no trabalho desenvolvido pelos Centros de Recepção e Triagem e Re-educação do Menor. Como exemplo de um menor totalmente recuperado pelo CRM de Natal, ela aponta o caso de João Maria de Souza, "hoje um pai de família responsável, funcioná-rio público, inteiramente reabilitado para a vida social".

Mas João Maria de Souza não é o único exemplo de recuperação. Fran-cisca indica que mediante convênio com a Caixa Econômica Federal e com indústrias do Estado, vários me-nores recuperados pelo CRM, já es-tão empregados. Na sua opinião, este é o caminho mais acertado para afas-tar o menor das companhias prejudi-ciais e que são responsáveis, em grande parte, pelo aumento da delin-quência entre os jovens em Natal. □

A política tem estatísticas mais ou menos precisas sobre o alar-mante índice de crimes praticados por menores em Natal. Não é difi-cil estabelecer o conjunto de cau-sas que tem levado tantos menores ao crime. Mas é impossível dizer qual é a que mais prevalece e apontar o fator mais agravante. Os policiais — investigadores da De-legacia de Menores, da Delegacia de Tóxicos ou agentes da Polícia Federal — têm se deparado com muitos problemas. E, talvez, se o Governo se se dispuzesse a reali-zar um amplo levantamento sobre todas as causas do desencaminha-mento de adolescentes, bastaria colocar pesquisadores nas Delega-cias Especializadas para ouvir os depoimentos dos familiares de jo-vens envolvidos em crimes em Na-tal — quer como vítimas, quer co-mo autores. Uma dessas mães de-sesperadas prestou depoimento muito significativo e sintomático, pouco mais de um mês atrás, de-pois que sua filha, uma epilépti-ca de 14 anos, morreu no conjunto Piranhas depois de ter passado da

tão forte, que o viciado, quando entra num determinado tipo de vi-da, dificilmente pode sair. É o caso do grupo de jovens que se reúne na organização que tem a sigla de CRISTO, fundada na Cidade da Esperança. São todos ex-viciados que querem se regenerar, de qual-quer modo. E enfrentam batalhas muito duras, porque, de um lado, se defrontam com as pressões dos antigos viciados que interpretam esse desejo de regeneração como uma manobra para «trair» o mun-do do vício; do outro, está a Polí-cia, que, escabriada, não dá muito crédito nesses bons propósitos e não perde oportunidade para tentar arrancar confissões sobre o mundo dos traficantes. Duplamente pressionados, os ex-viciados procuram grupos de jovens em busca de ajuda. Mas aí também se deparam com preconceitos, pois as famílias dos jovens desconfiam dos seus bons propósitos. Daí que, se não houver uma disposição mu-ito forte para realmente fugir do ví-cio, o mais cômodo é permanecer nele.



Gumerindo lamenta o fim de mais uma tradição que está morrendo

## TRADIÇÕES

# O destino melancólico da Casa dos Músicos em Natal

“É triste ver uma obra que vimos nascer e pela qual tanto lutamos, desmoronar...”. É com estas palavras que o escritor e musicólogo Gumerindo Saraiva, portador da carteira de sócio n.º 1 e fundador do Conselho Regional da Ordem dos Músicos do Brasil, seção-RN, avalia a atual situação desse órgão em nosso Estado. De acordo com Gumerindo Saraiva, a tendência da Ordem dos Músicos é se extinguir, não só em termos regionais, mas em todo o País. Isto por vários motivos, dentre os quais, anuncia um: falta de fiscalização da entidade no que toca às infrações praticadas por parte dos músicos amadores, os quais têm acesso às gravadoras, daí gerando o descrédito dos músicos profissionais.

Lançando mão de fatos concretos, Gumerindo Saraiva cita os 31 discos gravados pelo Projeto Memória, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, durante a gestão do Reitor Diógenes da Cunha Lima. E indaga: o escritor Veríssimo de Melo e o poeta Diógenes da Cunha Lima são, por acaso, associados ao Conselho Regional da Ordem dos Músicos do Rio Grande do Norte? E observa que esses são apenas dois nomes, entre inúmeros outros, que estão incluídos nos

discos do Projeto Memória, segundo ele, de maneira inteiramente irregular.

**INICIATIVA** — Na opinião do musicólogo Gumerindo Saraiva, a Ordem dos Músicos, cujo Conselho Regional surgiu por iniciativa sua em 1961 e o qual deixou oito anos depois, está em decadência por não cumprir a finalidade para a qual foi criada: defender os interesses dos músicos profissionais no nosso Estado. Em sua opinião, esses próprios músicos já não acreditam na Ordem, tanto é assim que apenas 291, dos quase dois mil inscritos, continuam ligados ao órgão e em dia com suas anuidades. Para Gumerindo, esses dados são suficientes para dar uma idéia do atual estado de desapontamento dos músicos potiguares com relação ao Conselho Regional da Ordem.

À frente do Conselho Regional da Ordem dos Músicos do Rio Grande do Norte, há 1 ano e seis meses, o professor Prentice Mulford Bulhões confessa sua surpresa e indignação diante das acusações de Gumerindo Saraiva, tachando-as de “levianas e im procedentes”. E afirma que o Conselho Regional da Ordem dos Músicos no Rio Grande do Norte vai muito

bem. Como exemplo, cita a área de assistência jurídica que a Ordem está oferecendo aos músicos profissionais. E aproveita para dizer “isto não funcionava antes da atual gestão”. Outro exemplo, é a nova sede localizada na rua Princesa Isabel, também adquirida na atual gestão.

Quanto às afirmações do musicólogo Gumerindo Saraiva a respeito do Projeto Memória, Prentice Bulhões as desmente, afirmando que todos os músicos, compositores e intérpretes ali registrados, têm amparo legal, estando registrados na Ordem, seja como estagiários, seja como profissionais. Essas afirmações são confirmadas pela professora Deijair Henrique Borges, diretora da Escola de Música da UFRN, para quem a Ordem dos Músicos “está cumprindo, dentro de suas possibilidades, os objetivos para os quais foi criada”.

**MELHORIAS** — Prentice Bulhões aponta outras melhorias introduzidas em sua gestão frente ao Conselho Regional da Ordem. A realização de cursos gratuitos, com duração de 90 dias, nos meses de novembro e dezembro de 82, e janeiro deste ano, para músicos estagiários, bem como a distribuição de carteiras de habilitação profissional para 15 músicos, estando outros cinco habilitados, faltando apenas comparecer à sede da Ordem para receberem suas carteiras.

Quanto ao baixo comparecimento dos músicos à Ordem e a consequente queda das anuidades, Prentice Bulhões atribui às gestões anteriores, as quais deixaram de cumprir a maioria das metas da entidade. Essa questão, aliás, diz Prentice, está sendo inves-

tigada agora por uma comissão de sindicância e disciplina da própria Ordem, a fim de descobrir as causas do distanciamento do músico. Após isso, promete ele, "tomaremos as providências cabíveis".

Apesar de reconhecer que a Ordem dos Músicos vai bem, em sua gestão, Prentice Bulhões assinala que há dificuldades, a maior delas, sendo de ordem financeira, "porque a Ordem depende do recolhimento das anuidades das taxas cobradas pelas certidões liberatórias emitidas por ocasião dos vistos de contrato dos músicos". Isto, segundo ele, "gera dificuldades em contratação de professores para ministrarem cursos aos músicos estagiários; contratação de pessoal administrativo, e dificuldades na aquisição de bens móveis, material de expediente e remuneração ao pessoal já existente".

Quanto às irregularidades praticadas no mercado, Prentice dá a conhecer que a nível administrativo a Ordem tem procurado diminuir ao máximo o ônus da taxa sobre as certidões liberatórias (tipo de certidão estabelecida através de resolução do Conselho Federal da Ordem dos Músicos do



As tradições sempre esquecidas

Brasil, exigida para cada exibição) e tem mantido contatos com músicos e proprietários de casas noturnas de Natal, com a finalidade de evitar o exercício da profissão por elementos não qualificados".

**OUTRO PROBLEMA** — Outro problema que está sendo enfrentado é o que Prentice Bulhões qualifica de "atravessador" (empresário). Como a Ordem não dispõe de meios legais

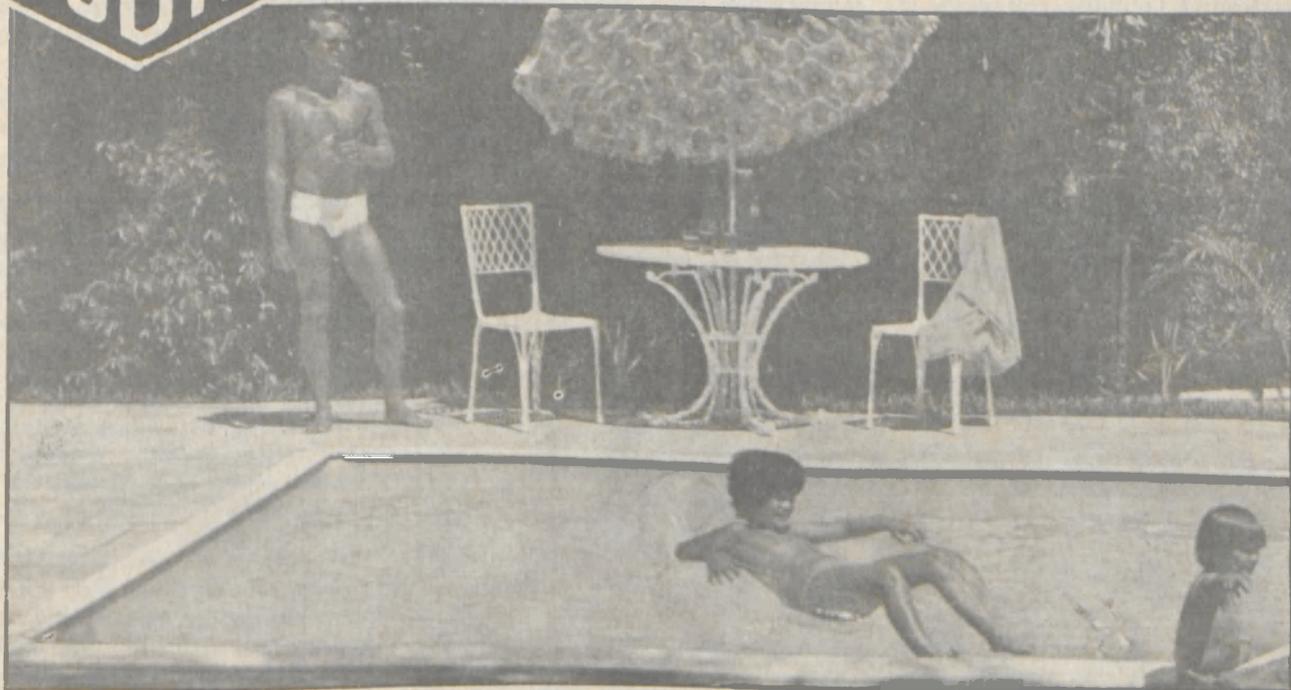
para coibir as ações praticadas por esses intermediários, a solução que ele vislumbra seria a criação de uma sala de mercado de trabalho, que descartaria definitivamente a figura de terceiros na assinatura dos contratos de trabalho dos músicos. Esse projeto, porém, ainda está em fase de estudos junto ao Conselho Regional para execução futura. Prentice cita ainda o problema criado com a música mecanizada, que substituiu em grande parte, a música ao vivo nos bares, boates e restaurantes. "Mas este é um problema que só será solucionado com a cooperação da própria sociedade", diz ele, "na medida em que o público passar a exigir mais e mais a música ao vivo".

Finalizando, Prentice lembra que "a música ao vivo é a vida do músico" e apela no sentido de que esses profissionais prestigiem a Ordem, a fim de que seus legítimos interesses sejam preservados e promete, para breve, desencadear uma campanha publicitária no sentido de fortalecer a imagem da Ordem dos Músicos no Estado e, conseqüentemente, atrair o músico profissional para o Conselho Regional deste órgão. □



Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Companhia Distribuidora de Ferragens

Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira — Fone: 222-3571 — Natal-RN



O milagre para amparar deficientes

## BENEFICÊNCIA

# Os milagres em série da Clínica Heitor Carrilho

Como consegue sobreviver a Clínica Heitor Carrilho às constantes crises e qual o milagre que a faz superá-las? Desde 1955, quando ela foi fundada por um grupo de abnegados, que esses milagres vêm se repetindo. E, ultimamente, as crises se tornaram mais agudas, segundo explica seu atual diretor, médico Severino Lopes, com o corte de um terço de subvenções e parte da ajuda recebida de empresas e pessoas. No momento, como de hábito, há mais uma fase de crise aguda. A dívida se aproxima dos Cr\$ 3 milhões, uma parte foi paga, mas há o restante atravessado na garganta do seu atarantado tesoureiro, sem haver perspectiva de uma solução a curto prazo. Mesmo com tamanhos vexames, existe a convic-

ção íntima da diretoria de que a Clínica Heitor Carrilho, mais uma vez, saberá — Deus sabe como — sair do atoleiro das dívidas e das dificuldades para não fechar. Mas há quem pense que a Clínica tem contado demais com a ajuda da sorte. E que, nestes tempos difíceis, pode descambar para um desvio perigoso e incontornável, a ponto de não poder a situação mais ser reequilibrada como em muitas vezes, anteriormente. Se isso acontecer, será realmente uma tragédia, pois é o único local onde os excepcionais, em Natal, encontram tratamento adequado.

**DESPESAS E PROMESSAS** — Enquanto a Clínica espera encontrar quem lhe forneça ajuda financeira,

chegam cartas com a comunicação de novas dívidas. Uma lacônica comunicação do IAPAS deixou a diretoria mais preocupada porque, segundo o documento, há uma dívida atrasada da ordem de Cr\$ 15 milhões. E dívida com organismos como o IAPAS têm o poder de se irem multiplicando com o correr do tempo, desdobrando-se em juros e correção monetária, à medida em que não é saldada. Essa dívida é decorrente de obrigações não pagas com o IAPAS desde 1978. O médico Severino Lopes não sabe o que fazer. A despesa mensal para manutenção da Clínica, entre pessoal e material, é de Cr\$ 3 milhões e 300 mil. Mas a ajuda financeira que a instituição recebe da LBA, Estado e Prefeitura está totalmente defasada, em termos de realidade atual e, ao contrário das dívidas, não sofreu a mínima correção com o desenrolar dos tempos, aparecendo hoje como quantias insignificantes.

— Basta dizer — lembra Severino Lopes — que recebemos como ajuda do Governo Federal a importância de Cr\$ 1.800,00 por ano, o que dá pouco mais de 100 cruzeiros por mês.

É irônico, mas é verdade. Tão verdadeira como a incrível capacidade da Clínica Heitor Carrilho superar todos os contratemplos e ir sobrevivendo, sensibilizando uma ou outra pessoa, uma ou outra empresa, realizando uma ou outra promoção, contanto que consiga o mínimo dos recursos necessários para não fechar. Tal equilíbrio, no entanto, é muito precário e difícil e não se sabe até quando a situação poderá ser suportada. □

## A empresa particular mostra como ajudar sem alarde e com excelentes resultados

Enquanto algumas instituições, como a Clínica Heitor Carrilho, penam porque não recebem ajuda dos poderes públicos, a empresa particular, quando dispõe de condições, investe com mais regularidade em obras de sentido social. Um dos bons exemplos dessa situação em Natal é a Escola Guararapes, mantida pelas Confecções Guararapes, sem qualquer participação do Estado ou Município — e

muito menos do Governo Federal. É uma Escola onde é ministrado o ensino de 1.º Grau a 1.320 estudantes, com um nível reconhecidamente bom. Situada num amplo e bem cuidado prédio da Bernardo Vieira, em Lagoa Seca, a Escola é abastecida de material didático e mantém em seus quadros uma equipe de 45 professores, pagos integralmente pela direção da Empresa, segundo informa sua Dire-

tora, Maria Dalva da Silva. Ela não tem nada do que se queixar, quanto ao funcionamento da Escola, dizendo que o nível de aproveitamento dos alunos é ótimo e grande parte deles é encaminhado posteriormente à Escola Técnica Federal, onde se destacam. Além do ensino, a Escola ainda é muito ciosa do seu setor esportivo e participa com brilho de todas as competições colegiais.

Há regras, contudo, das quais ela não se afasta. Como o rigor para as faixas de idade dos alunos e o fato de só aceitar em seus quadros professores devidamente qualificados — curso superior e licenciatura, curta ou longa. Os alunos dispõem ainda de biblioteca, salão de festas, serviço de som e há esperanças de ampliação do prédio, este ano.



Johnny, Nana e Flávio

## ESPETÁCULOS

# Pixinguinha volta a Natal com uma feição diferente

O Projeto Pixinguinha voltou a Natal. A cidade, que esperava ansiosa já há algum tempo pela volta dos espetáculos do Pixinguinha, será recompensada pela espera com apresentações de bons shows — tanto de artistas nacionalmente conhecidos, do eixo Rio-São Paulo, quanto shows de artistas locais. Para esses últimos, foi criado o Projeto Janela Pixinguinha, com meia hora de música da terra — ou **terrinha** — os artistas em apresentações individuais, ou em duplas. Lola, músico e compositor de Natal, fez a abertura do evento. Precedendo Nana Caymmi, Johnny Alf e Flávio Sales. Fizeram o primeiro show do Projeto em Natal este ano, na sexta-feira, sábado e domingo do final de junho. O Pixinguinha prosseguirá com seus shows até agosto. No tradicional Teatro Alberto Maranhão, Ribeira, e ainda no tradicional horário das 18h00. Ingresso a preço popular: Cr\$ 500,00.

A variedade de gostos musicais é uma característica do Projeto. Numa semana o público pode assistir Arri-go Barnabé — que faz uma boa mistura musical de sons eruditos e pop; noutra semana quem gosta de música regionalista pode se deliciar com o forró cheio de swing e picaresco de Marinês e sua gente, acompanhados da gostosa sanfona de Julinho do Acordeon. Há quem faça restrições a esse poliedro de variedades. Entre-

tanto, não é outra uma das principais metas do Pixinguinha: fixar um hábito cultural com matéria-prima exclusivamente brasileira, criando novas platéias para a música popular.

Em termos de Natal, isso pode ser estendido possibilitando a apresentação de nossos artistas em meia hora de show antes dos cantores e músicos mais conhecidos. Entre os artistas daqui, selecionados: Eustáquio Lima, Banda Imaginária — formada por alunos da Escola de Música da UFRN

—, Severino e João Galvão — da família do ex-Rei Momo Severino Galvão, conhecido também pela insistência em querer ser o eterno Rei Momo do Carnaval de Natal e que tem parentes bons músicos, entre os quais Babau — do Conjunto Flor de Cactus (ex-Impacto Cinco). Além desses, a Banda Locomotiva, Pedro Inácio e o grupo poético-musical Alcatéia Maldita, formada por poetas e bons músicos.

**JANELA** — Janela Para os Novos, é o título do espaço criado — também pela Funarte — para prestigiar os artistas locais. Para isso, uma comissão de críticos, músicos e animadores culturais de Natal se reuniu e selecionou nossos melhores talentos. Lola, músico e compositor natalense, 27 anos, “cantando e tocando desde os nove” — acha importante a criação desse Janela Para os Novos e suficiente a meia hora de apresentação musical. Faz algumas críticas ao cachê — Cr\$ 20 mil — que será dado para os artistas da terra — tanto os que fizeram apresentação solo, ou em dupla. Afinal, o dinheiro terá que ser dividido entre os artistas que se apresentaram. E quase sempre, é preciso mais de dois em palco. Sem contar as despesas com transporte de equipamento. Apesar de que, ele se apresentou com sua guitarra e o equipamento de som. “Após o Projeto Pixinguinha”, lembra Lola, “é preciso que os órgãos culturais do Estado dêem continuidade a projeto semelhante, aqui, o estendendo a cidades do interior”. □



É MELHOR  
PROTEGER OS  
OLHOS...  
...DO QUE  
SUBSTITUI-LO

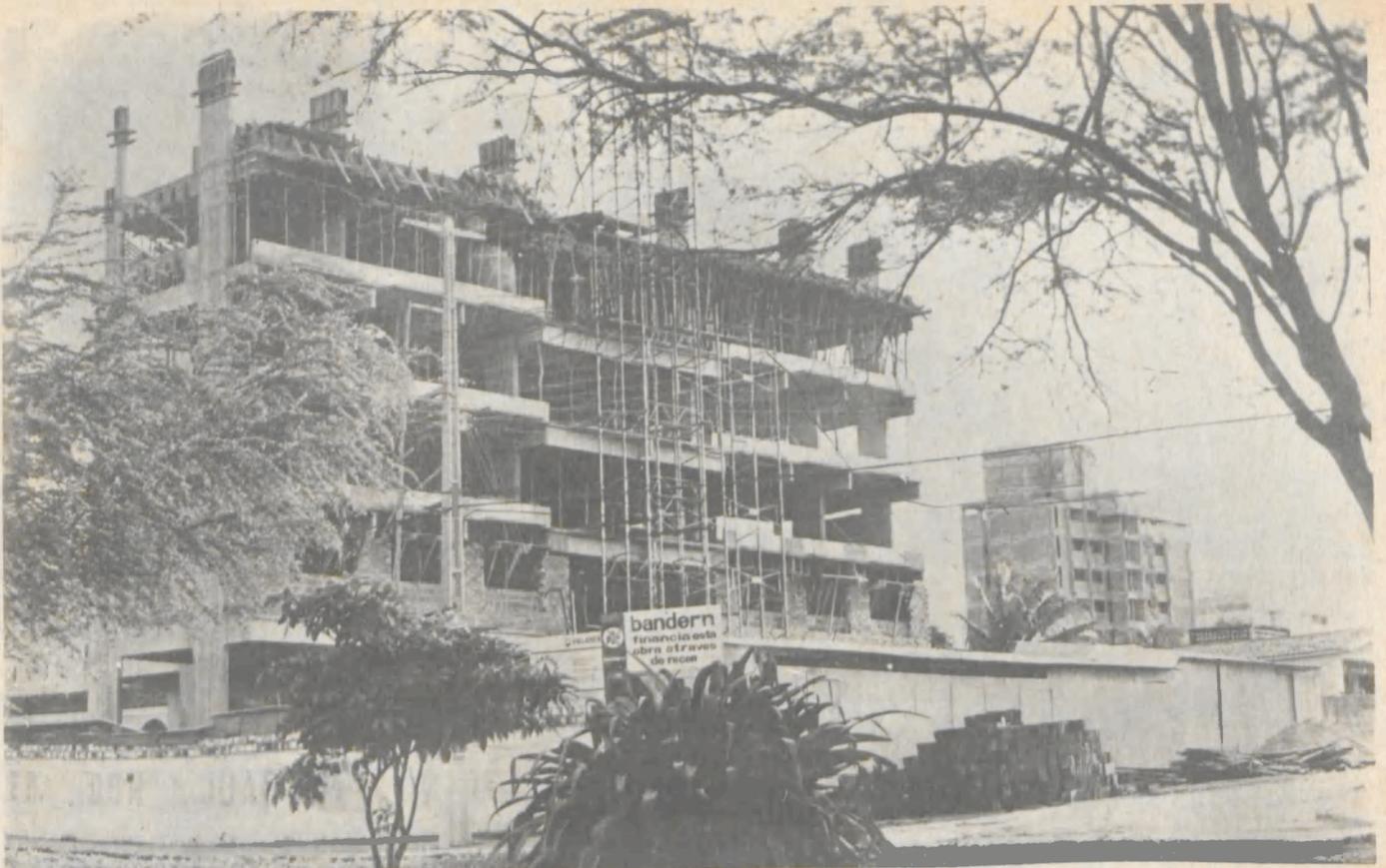
Use óculos  
de segurança



Representante para o  
Rio Grande do Norte:

Todos esses equipamentos aprovados pela ABNT, Min. Trab. e Capitania dos Portos  
Rua Sampaio Correia, 4000 — Bom Pastor - tela.: 223-2400-3557 — Natal-RN

**OPTEL MÁXIMO EM PROTEÇÃO**



Construções: também em crise

## HABITAÇÃO

# Apesar dos protestos, está em vigor aumento do BNH

Campanhas à parte, neste princípio de junho começa a contagem regressiva para que os mutuários do BNH entrem, de fato, a partir de 1.º de julho, no ciclo da nova prestação do Sistema Financeiro de Habitação, que teve um aumento básico fixado em 130%, com uma variação média de 82% para os funcionários públicos em função do seu critério de reajuste salarial ter sido menor. As implicações desse aumento na massa consumidora do Rio Grande do Norte, Natal em especial, será traumática, segundo os empresários do comércio. Simplesmente, segundo os primeiros cálculos, não vai sobrar dinheiro para consumo. Os salários serão esmagados pela prestação da casa própria. Mesmo assim, até o último momento uma boa parcela de mutuários ainda mantém esperanças de conseguir demover o Ministro Mário Andreazza da determinação de impor o brutal aumento. Vaga esperança, porém. Nas duas vezes em que o Sistema Financeiro da Habitação pareceu re-

cuar, desde que o aumento foi anunciado, as modificações foram meras alterações nas fórmulas de cobrar o aumento integral, sem que tivessem qualquer conteúdo substancial.

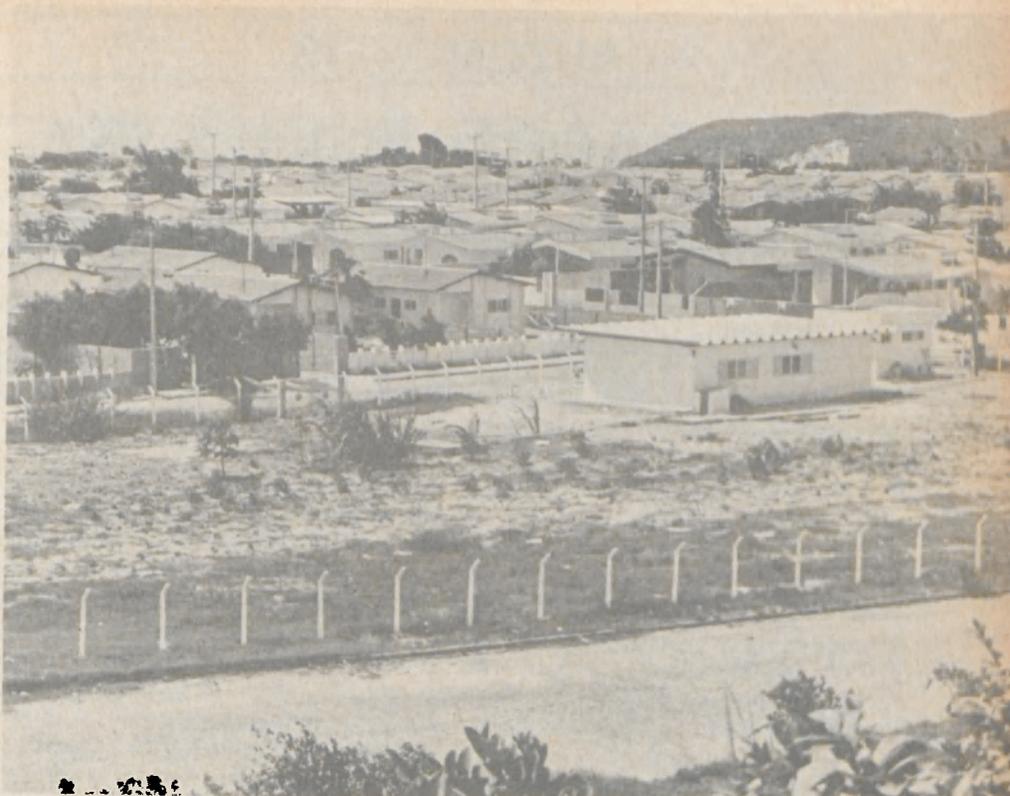
**SEMPRE A POUPANÇA** — O curioso nisso é que, mais uma vez, o mecanismo da poupança, ao qual está vinculado o Sistema Financeiro de Habitação, interfere nos índices do movimento comercial e preocupa todo o setor. Há, embora de forma silenciosa, uma batalha acirrada entre o comércio lojista de todo o País e as Associações de Poupança. O motivo central é a propaganda — que os comerciantes consideram exagerada — no sentido de convencer o consumidor a poupar. Daí, a poupança passa a ser inimiga frontal do consumo, o seu oposto. Por um motivo simples: quem poupa em demasia, não consome, não compra — e até, eventualmente, deixa de pagar o que compra para pensar nos juros da poupança. O aumento da prestação da casa pró-

pria, como se sabe, foi um recurso para fortalecer o Sistema Financeiro da Habitação, bastante abalado com o aumento dos saques no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e nas Cadernetas de Poupança. Logo, foi também um artifício para fortalecer a poupança — justamente o pesadelo do comércio lojista em geral.

**A OUTRA FRENTE** — A preocupação dos mutuários, no entanto, é bem diferente e mais imediata. É mais do que a duplicação da prestação da casa própria. Por isso, em Natal, o movimento de protesto iniciado pelo deputado Patrício Júnior, do PMDB, tem tido amplas repercussões. Esse movimento reuniu as lideranças comunitárias mais importantes. E mesmo aquelas que, sabidamente, têm simpatias pelo Governo, como as que se congregam em torno da Associação dos Conselhos, têm manifestado sua insatisfação com o aumento. É, de resto, um aumento praticamente inexplicável, porque viola o princípio de equivalência com os reajustes salariais. Aliás é por essa via que alguns mutuários estão tentando livrar-se do aumento com ações na Justiça, aproveitando a jurisprudência firmada em alguns casos verificados no Sul do País — num deles foi um juiz que agiu em causa própria.

**A CAMPANHA** — O que diferencia esse aumento do BNH de outros é a preocupação generalizada que está causando. No exato momento da sua vigência, está circulando pelos lojistas de Natal uma circular dos lojistas do País aconselhando a realização de uma campanha em larga escala para reativar o consumo e, ao mesmo tempo, mostrar que comprar também é poupar e, no caso da inflação, até mais vantajoso. A campanha já tem seu slogan pronto. Os lojistas do Sul darão uma força aos Estados menores, fornecendo algum material já pronto para a campanha. Mas quando essa estratégia foi idealizada ainda não estava consolidado o aumento de 130% nas prestações da casa própria. De qualquer forma, não vai dar tempo para rever mais nada, pois o comércio lojista pretende reativar suas vendas e o espírito do consumo — embora conscientizado — a partir de julho para aproveitar o primeiro grande evento comercial do segundo semestre, que é o Dia do Papai, em agosto.

**MODIFICAÇÕES** — O aumento do BNH também provocará certas modificações no mercado de imóveis de Natal. Há, como já foi amplamente noticiado, uma grande crise na indústria da construção civil do Estado, que não deverá contar com novas obras financiadas pelo BNH este ano. O Ministro Mário Andreazza já deu o recado ao presidente do Sindicato, Flávio Azevedo, dizendo que, quem quiser construir, tem de bancar por conta própria. Por outro lado, a oferta de imóveis para alugar vai sofrer certas modificações. Vai ser muito difícil para as imobiliárias alugar os apartamentos e casas reajustados pelo Sistema Financeiro de Habitação. E poucos vão querer pagar absurdos de aluguel por imóveis que não são seus. Alguns corretores mais experientes acham que donos de imóveis financiados vão ter de alugá-los por preços irrealistas, a menos que queiram mantê-los vazios bancando o alto preço. Dentro dessa lógica, é quase certo que vai ocorrer um bom número de desistências, ou tentativas de devolução de imóveis, porque nem todos os mutuários do Sistema são aqueles que dependem basicamente da casa ou apartamento financiado para morar. Além de haver os casos em Natal em que a prestação vai ficar de tal modo alta — como de alguns imóveis na zona sul, lançados há pouco tempo — que será difícil pagá-la regular-



**As casas do BNH: difíceis de pagar**

mente. Para completar, há o arrocho salarial nas estatais. Este é o outro golpe inesperado. Quem aplica em imóvel em Natal pertence, em boa parte, ao grupo de funcionários das grandes estatais — especialmente Petrobrás e Banco do Brasil. Esse contingente vai ficar com os rendimentos abalados ou, pelo menos, contidos. E, daí, muitos terão de re pensar seus orçamentos com mais

cuidado. A previsão é de que, em consequência, haverá mais oferta de imóveis caros, pois muitos vão querer se desfazer de investimentos feitos por medida de segurança mas que não poderão mais sustentar, sob pena de severos sacrifícios em seu sistema de vida.

É, enfim, o aumento do BNH provocando problemas em cadeia. □



**Até o comércio lojista vai sofrer**

# Fábricas estão achando que os impostos passam da conta

**ROSEMILTON SILVA**

Quando o presidente da Fiat Automóveis S/A apresentou-se aos jornalistas especializados na área no salão de recepção do Hotel Inter-Continental, no Rio de Janeiro, na última semana de maio, para a apresentação do novo veículo de sua montadora, o Fiat Oggi, ninguém esperava que ele fosse falar sobre as limitações em termos de produção de veículos de motor menor no Brasil para economia de combustíveis. O dirigente afirmou que a impossibilidade de fabricação de veículos com motores menores advém das altas taxas cobradas pelo Governo Federal, que chegam a operar o preço final do carro em 50 por cento do seu valor inicial após a pro-

atingisse o baixo consumo que está considerado em torno de 20 a 25 quilômetros por litro de gasolina, a exemplo de veículos europeus e americanos.

**INSATISFAÇÃO** — Quem não anda muito satisfeito é o proprietário de carro a álcool porque as notícias que surgem não são nada alentadoras. Acredita-se que o preço do combustível brasileiro, criado a partir de "know how" nosso, venha a ser equiparado ao preço da gasolina. Sabe-se que já há um movimento em torno da limitação de fabricação de carros a álcool partindo do Ministério competente pois o número de veículos rodando no País está dentro da faixa limite para a nossa produção. Há quem diga que esse limite é apenas um

para que se possa utilizar os dois combustíveis porque assim o Governo poderá ter controle do produto.

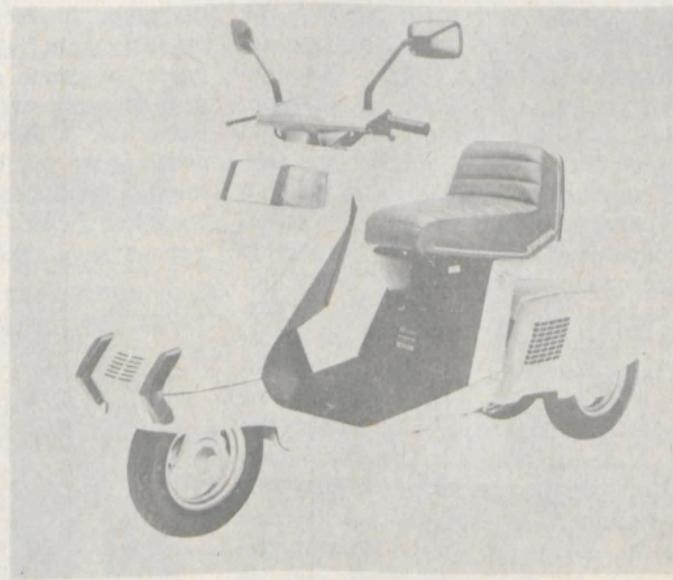
**CARRO PEQUENO** — Já surgem no Brasil os pequenos veículos. O Economini é um deles. Esse carro chega a fazer 22 quilômetros com um litro de gasolina e certamente a álcool deverá fazer em torno dos 17 quilômetros. O carro elétrico da Gurgel também se apresenta com uma boa solução e já está sendo utilizado em larga escala para alguns Ministérios, mas a exemplo do Economini ainda vai levar um pouco de tempo para chegar ao consumidor comum.

Mesmo com essas duas saídas, apresentadas até o momento, o usuário não vê ainda uma solução real. Para muitos, o problema energético não será solucionado em menos de 30 anos. Para alguns, o problema reside exatamente pelo fator das empresas que lidam com combustíveis querem retirar os prejuízos dos gastos supérfluos no consumidor, porque não se admite que o álcool suba tanto de preço só para acompanhar o aumento da gasolina.

Para boa parte das pessoas que fa-



**Carro elétrico: uma boa solução**



**Motos: pequenas, econômicas mas perigosas**

dução. Destacou que, dessa maneira, fica inteiramente impossível a montagem de um veículo mais econômico porque ele chegaria às mãos do consumidor por um preço muito alto para o que o veículo poderia representar. Mesmo assim, o presidente da Fiat Automóveis acredita que o Governo poderá estudar o assunto e retirar os 30 por cento de IPI ou pelo menos baixá-lo para uma taxa de 10 por cento a serem aplicadas apenas nos automotores de passeio que

“aviso” para um próximo aumento acima da tabela fixada — que é de 59 por cento sobre o valor da gasolina — servindo como medida preventiva para também se economizar o produto da cana e da mandioca.

Na verdade, muitos sabem que vão ficar no jogo. Um ano será álcool, no outro será gasolina. Quem tiver a sorte de estar com o veículo a álcool que pode utilizar os dois combustíveis, não sofrerá muito. Mas é claro que, certamente, haverá uma proibição

zem do veículo um meio essencial para sua sobrevivência, a solução mais viável seria a motocicleta. Mas a grande maioria acha que o povo brasileiro, o motorista, não está capacitado para enfrentar o trânsito numa moto, nem tampouco o condutor de veículos maiores respeita o motoqueiro e, por isso, quase todos preferem enfrentar o problema do estacionamento e do alto custo da gasolina a ter que se locomover em motocicletas. □

# Rio Grande do Norte, miniatura densa da crise

CORTEZ PEREIRA

Todo o Brasil encontra-se quase nivelado, no estágio pior da crise. As tentativas de superá-la, atropelam-se em choques de contradições, angustiando-nos, pela evidente insegurança dos que manobram o barco desgovernado.

Quando não se sabe mais aonde ir, o caminho torna-se mais longo e cruel...

As referências que poderiam orientar e guiar, apagaram-se na visibilidade zero do mau tempo. De radar «plfado», as sólidas e compactas dificuldades abrem rombos no casco do Brasil avariado.

As informações do comando já não seleciona com inteligência sequer, as versões fantasiosas para se evitar o pânico. Institucionaliza-se o descrédito a ponto de, do alto de sua responsabilidade de Presidente do Tribunal de Contas da União, o Ministro Paccini apelar para que se pare de mentir.

Este é o terrível drama nacional que tem no desdramatamento dos Estados mais pobres uma compressão que se aproxima do desespero e da explosão.

O Rio Grande do Norte é, por si, a miniatura densa e carregada da crise nacional.

São secas que se sucedem, numa sucessão de calvários que extenuam, deixando-nos exangues.

O povo é arrastado até a humilhação mendiga das frentes de emergência.

Os rebanhos dizimados, reduzem-se a terça parte do que eram há 3 ou 4 anos atrás.

A produção agrícola comprometida duplamente, para hoje e amanhã, pela fuga das chuvas e dos homens, frustrando safras e encapoeirando roçados.

A indústria, com toda a sua fragilidade inicial, não resistiu a violência dos impactos, tornando-se, tanto quanto a agricultura, uma desordenada atividade de resultados negativos. Nos sertões mais secos a garimpagem abre tímida perspectiva, ameaçada sempre pelos interesses do mercado internacional.

A construção civil — salva-vidas dos menos aptos —, fecha suas últimas portas por onde saíram, despedidos, os seus últimos engenheiros. As cerâmicas em «fogo morto» completam o «canto chão» da penitência...

Esta é a hora da competência que existirá pela ação, ou deixará de existir.

Evidentemente, soluções definitivas tornam-se im-

possíveis, na dimensão pequena do Estado. Viável, porém, seria enfrentar os pontos mais críticos para minorá-los.

Entre eles apontaremos a falta d'água que já se supera com objetividade. Temos ainda a falta de alimento para os mais pobres e a fome que ameaça cerca de 100.000 matrizes bovinas, que para não morrer, o Estado terá de perdê-las.

Enquanto isso, o rio Açu perenizado apresenta, ao longo Sul/Norte de todo o Estado, precisamente no seu centro, a fertilidade ociosa de grande parte de suas largas margens. O abandono marca também o potencial dos vales úmidos e lagoas imensas guardam água sem o mínimo aproveitamento econômico.

Por outro lado, a Emergência empregará cerca de 100.000 homens sem trabalho produtivo e o Governo dispõe de centenas de tratores ociosos.

1.ª sugestão — Coordenando parte desses elementos disponíveis e deslocando para as áreas de desperdício d'água, numa operação de guerra, irrigando-as, poder-se-ia ocupar, produtivamente, 37.000 ha.

Resultados e metas — Em 10.000 seria plantado feijão ligeiro Pitimba (60 dias) e, à razão de 5.000 Kg/ha poderia se ter 5.000 tons, o suficiente para alimentar, por 9 meses, 150.000 pessoas.

Com 27.000 ha. produzindo Napier/leguminosa, com 30 tons/ha, seriam 810 mil tons. o bastante para manter, por 9 meses as 100.000 matrizes, com uma ração de 30 Kg por animal/dia.

Equipamentos — A área deveria ser modulada, com 200 ha sob a responsabilidade de um técnico de nível médio. O trabalho seria de 40 diárias por há., ocupando 50.000 homens nos 37.000 ha.

Esquema financeiro — Com os recursos do Finsocial seria aberta uma linha de crédito no Bandern, a juros do sertanejo, para financiar a manutenção, pelos pecuristas, do número de «cabeças» na «Pensão de Salvação» do Governo.

Vantagens — 1) Criará produção de alimento;

2) Evitará o êxodo do gado;

3) Ocupará terras ociosas;

4) Deixará culturas implantadas;

5) Ficarão milhões de Kg de NPK;

Não haverá dinheiro a fundo perdido;

7) Criará empregos produtivos.

A obra de arte é, segundo Gaetan Picon, uma realidade concreta. Uma realidade não somente concreta, mas complexa. Identificar raízes, decodificar linguagens, situando-as dentro de um contexto histórico, eis uma das primeiras funções da crítica.

Naturalmente existem os críticos mediócrs. E o que me parece mais grave, existem os críticos acomodados que confundem ou distorcem a natureza de seu trabalho, levados por outros interesses, estranhos ao seu ofício. Numa sociedade em transformação é imensa a responsabilidade do crítico. Especialmente numa sociedade que espera, do crítico, um comportamento servil, francamente bajulatório. O sistema não deseja do crítico senão a conivência e, em último caso, o silêncio, que não deixa de ser também uma forma de conivência.

Em Natal, onde somos todos deuses e semideuses, o crítico é um ser maldito. Que deve ser esquarterado e salgado para que o seu atrevimento sirva de exemplo e intimidação. Os grupos sociais organizados trabalham sempre no sentido de calar a voz daqueles que ousam discutir o estabelecido e o aceito, dogmaticamente, pela maioria. Contudo são estas ovelhas tresmalhadas que, rebeldes ao cabresto que lhes desejam impor, criam situações incômodas, porque reveladoras: há um outro mundo, mais denso, sob as aparências...

Há pouco, lendo uma apresentação no catálo-



Sobreira, por Diniz Grilo

go da exposição de Assis Marinho, deparei-me com a seguinte afirmativa: "Ninguém tem a capacidade de julgá-lo como artista ou criador". Não parece estranho que um crítico tenha feito semelhante afirmação? De uma forma simples e rasteira, nega-se numa curta frase, não apenas o trabalho do crítico mas o trabalho do artista: a verdadeira "ciência" que repousa sob a obra pronta, concluída. Restaure-se, dessa forma, a antiga tradição que nos impingia o artista como um ser etéreo, mediúnico, atuado por forças sobrenaturais, criando

uma obra que se sobrepunha a quaisquer críticas.

Felizmente, na arte como na vida, há o aprendizado, a vontade de conhecer, a tenacidade, a humildade de recomençar, enfim, essa luta inglória que se trava, dentro de cada genuíno criador, nas sombras de sua consciência. E se há, realmente, uma "ciência" que explica o elegante corte de um vestido, a gramática que dá fluidez a frase, por que então inexistiria, numa gravura, por exemplo, a técnica?

Sem dúvida a época do artista iluminado já pas-

sou. Mas não para todos, evidentemente...

## REALISMO HÍBRIDO

— Com a publicação de *Um Dia... Os Mesmos Dias* (Prêmio Fundação José Augusto de Ficção/81), Francisco Sobreira consegue estabelecer os alicerces de um novo e híbrido gênero literário. Em apenas dez contos, escritos com economia verbal, ele reuniu o realismo estereotipado de Bené Chaves e o romantismo sentimental de Bárbara Cartland, a campeoníssima escritora inglesa que faz rir e chorar, num mesmo parágrafo, as pequeno-burguesas do mundo inteiro.

Segundo Manoel Onofre Jr. — apresentador da obra —, Francisco Sobreira, antes um torturado discípulo de Franz Kafka, rompe, ao publicar *Um Dia... Os Mesmos Dias*, com "o absurdo alegórico" de seus livros anteriores e volta-se agora para os dramas e comédias da vida, dentro de um realismo renovado". À parte a generosidade do crítico, sobranos o quê, afinal? Um texto exangue, escrito sem paixão e sem gosto, que se mantém de pé graças as muletas que o insípido Francisco Sobreira toma emprestadas as fórmulas de uma retórica acadêmica.

A vocação de Francisco Sobreira não é para a literatura, mas para o tédio. Falta-lhe a paixão e o raio de humor que, em qualquer literatura menos subdesenvolvida, tem definido a personalidade do artista verdadeiramente criador e criativo. Francisco Sobreira é dado macetes caducos

que, se facilitam a escrita (as bordadeiras não erram porque seguem um risco previamente escolhido), do ponto de vista artesanal, contribuem para o seu enfraquecimento como linguagem literária. Francisco Sobreira não é um criador nem aqui nem em Minas Gerais, mas seria em qualquer parte do mundo um competente redator de relatórios de empresas. Tem inegavelmente o estilo do escriturário nato.

## FAZENDO MÉDIA —

Foi melancólica a **Semana de Multimídia** patrocinada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e que reuniu, em Natal, além de José Roberto Aguillar com um arremedo de sua famosa Banda Perfomática, Jomard Muniz de Brito, entre outros convidados de todo o País.

Além da falta de divulgação — em geral as conferências tiveram um público reduzidíssimo —, ficou bem evidente o espírito de amadorismo e improvisação de um J. Medeiros, por exemplo, mais preocupado com a divulgação do seu próprio nome do que com o evento colocado sob a sua responsabilidade.

Numa época de calamidade, que direta ou indiretamente atinge a todos os norte-riograndenses, ainda proliferam aqueles perdulários que não se envergonham de malbaratar recursos com eventos sem qualquer significação. A Semana da Multimídia foi um gozo solitário, e mais nada.

## PONTO DE ENCON-

**TRO** — O jornalista Racine Santos, que já criou para mais de cinco jornais, todos de vida efêmera, lançou no último dia 10 o primeiro número de **Grande Ponto**, mensário voltado para a divulgação do movimento cultural da cidade.

Norteador por uma postura crítica em rela-



Queiroz, por Diniz Grilo

ção ao que acontece em Natal, em termos culturais, **Grande Ponto** foi lançado com a participação do poeta popular Chico Traíra, autor do cordel **A Contudente Peleja de Franklin com Nei Leandro**, polêmica que serviu de matéria de capa do referido mensário. Conta o jornal de Racine Santos com um excelente corpo de colaboradores, entre os quais, Celso da Silveira, Eulício Farias de Lacerda, Zila Mamede, Racine Santos e Jarbas Martins. Sem dúvida, a nata do creme.

O lançamento do jornal coincidiu com a inauguração do projeto **O Quintal**, no pátio interno do Centro de Cultura de Natal, com o qual a Fundação José Augusto pretende animar aquele espaço ocioso.

**AUSPICIOSA ESCOLHA** — A escolha do professor Geraldo dos Santos Queiroz, para o cargo de Pró-Reitor de Extensão, antes ocupado por Pedro Simões, reflete, sem dúvida, uma preocupação do novo Reitor Genivaldo Barros com a qualidade e o bom senso.

rais. A criação da Escolinha Criart, que fica como um exemplo de lucidez e competência, a valorização do trabalho intelectual, sempre remunerado, sintetizam maravilhosamente o espírito público do trabalho desenvolvido pelo professor Geraldo Queiroz durante os quatro anos em que esteve à frente da SMEC.

## OUTRAS DE ONO-

**FRE** — Manoel Onofre Jr. publica novo volume de contos. **Chão dos Simples** (Editora Clima/capa de Vicente Vitoriano), seleção de textos novos e antigos, apenas confirma o fluente contador de histórias que é Manoel Onofre Jr.

Numa prosa desataviada, cristalina, que à primeira vista poderá parecer simplória, revive, deliciosamente, aquelas conversas de alpendre à boca da noite, "enquanto se debulha feijão dentro das redes armadas pilar em pilar".

Dos vinte contos aqui reunidos, aliás sem nenhum rigor, destaca-se **A Primeira Feira de José**, imprescindível em qualquer antologia no gênero. Conciso, espirituoso, retoma de uma forma singular um velho tema, o da revelação do mundo a um adolescente de alma encantada.

A mesma editora anuncia para breve a reedição, revista e aumentada do livro mais popular, de autoria de Manoel Onofre Jr., **Breviário de Natal**, que teve a sua primeira edição esgotada em pouco tempo.

FRANKLIN JORGE

## Piscina: um sonho natalense que, hoje, não é tão difícil

De uns cinco anos para cá o natalense da classe média incorporou um hábito em sua rotina em busca de status: a piscina em casa. Como sempre acontece quando há um modismo, a piscina entrou na vida de muita gente quase como uma obsessão. Certamente para alguns doía ver a piscina com suas águas plácidas, as mesas em torno, na área da casa de um afortunado amigo e não poder ter o mesmo privilégio, por um ou outro motivo. A piscina, de fato, evoca, a princípio, uma situação de poder invejável e um sentimento indescritível de prosperidade, talvez semelhante ao que proporcionava o carro zero quilômetro até uns 15 anos atrás

quando ainda não havia facilidades e produção em massa no País. Por isso também ela provoca, não raro, um sentimento de impotência e intimida quem a deseja, hesitando até em procurar informações quanto a preço, condições, possibilidades de ter uma. Resultado: mesmo muitas pessoas que desejam ter uma piscina em casa — nos tempos inseguros e de pacotes de agora não mais por status, mas por segurança e economia — não conseguem realizar o sonho.

**UM SONHO POSSÍVEL** — Porque, a rigor, o sonho da piscina em casa não é tão inatingível como pode parecer. Há, para começar, vários tipos



Piscina não é tão difícil

## Sigilo bancário e as vá

O sigilo bancário é tema que sempre desperta a curiosidade, senão a desconfiança e hostilidade popular, porque se generalizou a falsa impressão de que se trata de procedimento legal destinado a encobrir também negócios ilícitos e dinheiro de origem dudosa. As especulações em torno de contas secretas no exterior, que freqüentemente surgem na imprensa sensacionalista, explicam em parte esses sentimentos, dado que o grande público não alcança as diferenças que separam as duas práticas, em sua desinformação, unívocas.

Em geral, o sigilo bancário se liga a fatos de natureza política, ou processos judiciais, onde se determina a exibição de documentos ou a prestação de informações, como sói acontecer nas comissões parlamentares de inquérito ou em questões de interesse privado, donde sua grande repercussão na sociedade. Mas o problema, em sentido estritamente técnico, é: pode o Banco recusar-se a essa determinação, mesmo de natureza judicial, invocando o sigilo?

Esse direito sempre foi assegua-

rado na legislação brasileira, remontando ao Código Comercial de 1850 em vigor. Assim, segundo esta fonte secular, nenhuma autoridade, juízo ou tribunal, sob pretexto algum, por mais especioso, pode praticar ou ordenar diligência que leve ao conhecimento dos fatos cobertos e exemplificados nos seus arts. 17 e 18. O Código Civil (de 1916) estabelece que ninguém pode ser obrigado a depor de fatos a cujo respeito deva guardar segredo, sendo que o novo Código (de 1972) reproduz idêntico preceito (art. 276, I).

O sigilo seria, pois, tradição no direito brasileiro que consagrou o princípio, alçando-o quase ao nível dos direitos e garantias individuais protegidos pela lei maior. De fato, no julgamento de um recurso, afirmou o Supremo Tribunal Federal que não há lei que obrigue um Banco a exibir seu fichário cadastral, de natureza sigilar e de uso privado, concluindo por que é ilegal e pode ser anulada por mandado de segurança a ordem judicial de exibição. Isso porque, de acordo com a Constituição (art. 141, § 2.º), ninguém pode ser obrigado a

fazer ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude de lei. E nenhuma lei prescreve essa obrigação.

O Código de Processo Civil em vigor estabelece que a parte e o terceiro se escusam de exibir, em juízo, o documento ou a coisa, se a exibição acarretar a divulgação de fatos, a cujo respeito, por estado ou profissão, devam guardar segredo (art. 363, IV); e que a testemunha não é obrigada a depor de fatos, a cujo respeito, por estado ou profissão, deva guardar sigilo (art. 406, II).

A evolução de outros ramos do direito, notadamente o direito fiscal, está alterando a noção de sigilo absoluto, restringindo-o ao limite de determinadas situações de confronto entre o interesse individual e o coletivo, aptos a detê-lo. E a jurisprudência passou também a rever suas posições.

Assim, julgando um recurso de mandado de segurança originário do Estado de Goiás, a mesma Corte Suprema que perfilhara aquela conclusão, passou a considerar que o sigilo profissional do banqueiro é relativo e limitado e po-



Além de útil, piscina é status

**de piscinas:** as que podem ser construídas a partir de edificações no terreno e as que podem ser compradas, em fiber glass, material de alta resistência. As últimas existem de vários tamanhos e modelos e podem ser adquiridas em Natal, inclusive com financiamento da própria empresa. Há um fator adicional de facilidade, pois quem vende a piscina de material sintético — como é o caso da Água Limpa —, dispõe também de uma empresa paralela que produz todas as substâncias necessárias para a purificação da água.

O fato é que não existe «a piscina», porém «as piscinas» de muitos tamanhos — pelo menos seis — e profundidades, variando, também de preços. Para muita gente em Natal a piscina deixou de se transformar numa questão de status: com ela em casa não é preciso sair e nem se arriscar com a insegurança das ruas, não se gasta gasolina para relaxar nos fins de semana e se pode dar um bom mergulho a qualquer hora □

## rias reações da sociedade

de ser devassado pela justiça penal ou civil, salvo por intermédio de testemunho do obrigado a guardá-lo.

No voto do relator desse acórdão, o eminente Ministro Nelson Hungria, está dito que “é certo que, atualmente, é pacífico em doutrina e em jurisprudência, que os banqueiros são “confidentes necessários” e, como tais, obrigados a sigilo sobre tudo quanto sabem a respeito de seus clientes, em virtude da relação contratual que com estes mantêm, mas tal obrigação não pode ser invocada quando se trata de prestar esclarecimentos exigidos pela justiça”.

O relativismo do sigilo bancário foi afinal acolhido pela lei n.º 4.595, de 31.12.64, que criou o Conselho Monetário Nacional. Respeitada a tradição do sigilo, ficou, porém, sujeito às restrições estatuídas nesse diploma, onde se determina importantes inovações.

Os Bancos passam a ser obrigados a prestar informações e esclarecimentos ordenados pelo Poder Judiciário, bem como a exibir livros e documentos, mas esses procedimentos terão sempre o mesmo

caráter sigiloso, de tal maneira que só podem ter acesso a eles as partes legítimas na causa, proibidas de seu uso para fins estranhos.

Essa obrigatoriedade é extensiva ao Poder Legislativo e Comissões Parlamentares de Inquérito, podendo assumir a mesma característica da reserva e sigilo, entre tanto os pedidos de informação devem ser aprovados pelo plenário da Câmara ou do Senado, no primeiro caso, e pela maioria dos membros, no segundo.

Quanto à ação dos agentes fiscais tributários do Ministério da Fazenda e dos Estados, somente poderão proceder a exame de documentos, livros e registros de contas de depósitos, quando houver processo instaurado e o exame for considerado indispensável pela autoridade competente, mantido o necessário sigilo, cuja quebra constitui crime e sujeita o responsável à pena de reclusão de um a quatro anos, sem prejuízo de outras sanções.

Nestes termos o conceito de sigilo bancário parece-nos ajustado aos termos atuais, cedendo ao impulso de novos valores éticos e ju-

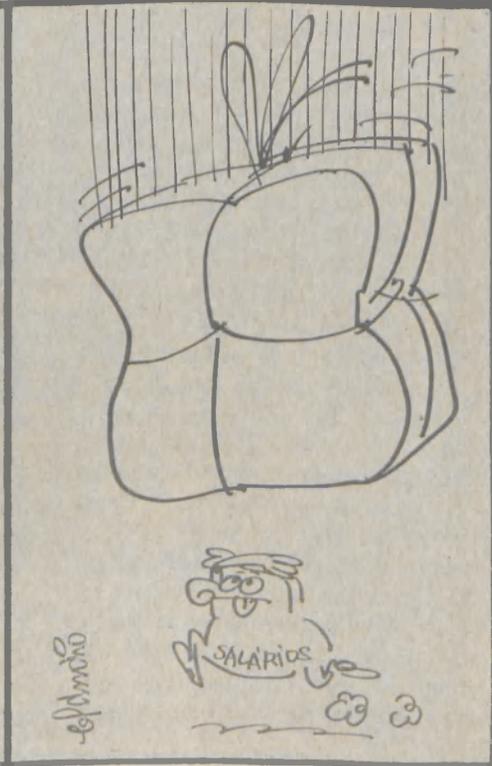
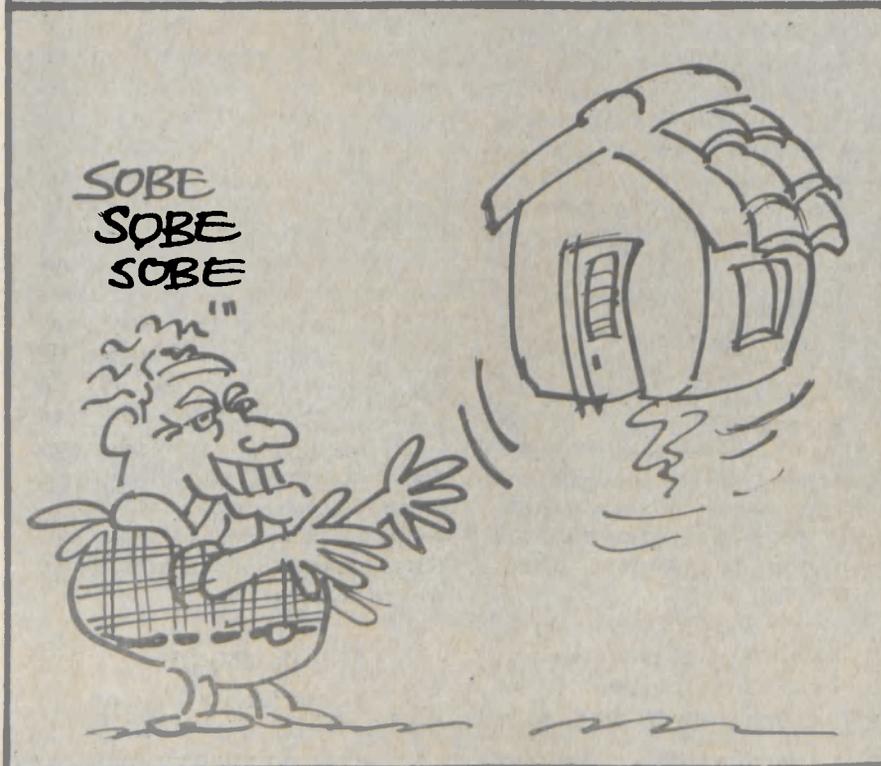
rídicos. O Código Tributário Nacional reproduziu esse mesmo relativismo, que não colide nem com o art. 153, § 9.º, da Constituição, nem com o art. 144, do Código Civil.

Por último, é de notar que, embora excluídos os agentes fiscais municipais daquelas atribuições, o Supremo decidiu unanimemente que a regra do art. 195 do C. T. N. se aplica aos municípios.

No estado atual do direito brasileiro, os bancos, casas bancárias, caixas econômicas e demais instituições financeiras estão obrigados a prestar às autoridades administrativas todas as informações de que disponham com relação aos bens, negócios ou atividades de terceiros, como reza o art. 197, do Código Tributário Nacional. Mas essas informações guardarão sempre o mesmo caráter sigiloso, permitindo-se o acesso apenas das pessoas que tenham legítimo interesse em sua ciência e vedado seu uso para outros fins.

RAIMUNDO  
SOARES DE SOUSA

# CLÁUDIO & A CRISE

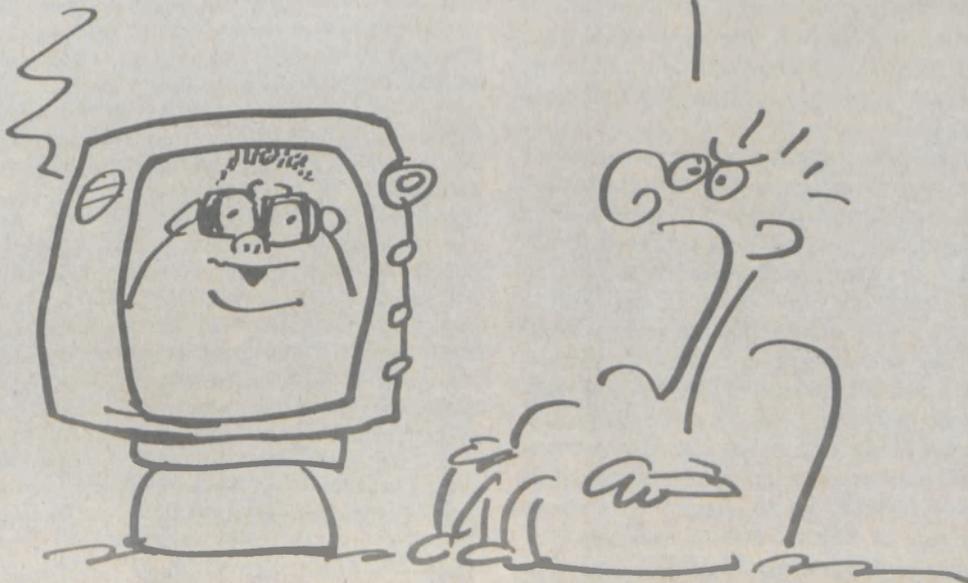


...DESINDEXAÇÃO...  
|



...E AGORA  
O MINISTRO  
VAI EXPLICAR  
AS MEDIDAS  
DO ÚLTIMO  
PACOTE...  
|

EITA,  
ENROLADA!!!  
|



Cláudio

# O futebol do interior

ROSEMILTON SILVA

O futebol do interior tem suas passagens dramáticas. Mas nem só disso ele sobrevive. Existem aspectos engraçados e melancólicos. “Lá em nós”, como dizíamos em Santa Cruz aos domingos, quando partíamos em busca de uma pelada no sítio dos Costas. Tudo podia acontecer. Em princípio, era uma partida como todas as outras: tinha dois tempos. No entanto, havia uma pequena diferença para uma partida comum. O primeiro tempo começava logo ao alvorecer e só parava para o almoço. O segundo, lógico, começava minutos após findo o almoço e só terminava com os últimos raios de sol. Haja preparo físico para a “negrada” da cidade. Os do campo não tinham problemas. Eles mesmos roçaram o campo de jogo com seus pés. Era um divertimento e tanto para nós matutos da cidade, sem o preparo físico daqueles que estavam acostutados a amanhecerem caminhando com a enxada nas costas. A “finesse” do jogador urbano, em alguns momentos, suplantava a rispidez e a vitalidade do homem movido a base de leite in natura, feijão macassar e rapadura. Carne? Só aos domingos na casa grande da fazenda ao lado dos proprietários.

Pois bem. Professor Acácio, era um frequentador assíduo dos jogos dominicais “lá em nós”. Exímio em seu inglês, cuja cadeira era titular absoluto no Ginásio Comercial, o professor também era bom de bola. Seguia a risca os horários, exemplo aprendido certamente com os ingleses, se perdia no tempo e no espaço das peladas dominicais. Certo dia, o professor Acácio estava infernal, ninguém conseguia segurar o homem branco, baixo e meio careca já naqueles idos de 60. Driblando, chutando em gol e, aquilo e acolá, faturando o arco de Bilo, um dá família por sinal numerosa. Em determinado momento, não me lembro qual deles gritou: “Ô Bilo, sigura Ocráço”. No que recebeu como resposta: “Eu num sou aroprano”. Estava marcado mais um gol.

O professor Acácio me lembra o tempo de estudante. Fomos companheiros de turma e ao mesmo tempo ele era meu professor de inglês. Nunca aprendi o idioma, nunca conseguí falar bem a língua saxônica. E ele me xingava muito por causa disso. Voltando um pouco a esse tempo, o campo de Santa Cruz foi um antigo cemitério. Cercado por “garrancho”, a torcida ficava entre essa cerca e alambrado de tábuas. Certo dia, o time do Marista (ou foi Salesiano?) foi levado para enfrentar a Seleção de Santa Cruz. Quem conseguiu o jogo foi Geraldinho Furtado, como era carinhosamente conhecido pelos seus companheiros. O time da casa estava perdendo, e Geraldinho foi quem pagou. Quebraram-lhe uma perna. Alguns diziam que era uma antiga briga, outros achavam que não. Mas a grande maioria acredita que isso fez com que Geraldo Furta-

do, irmão de Marcílio Furtado (deputado) se tornasse no homem que mais entende de osso neste País.

Mas essa lembrança serve apenas para avivar a minha memória. Lá estava “seu” Anísio vendendo os ingressos para os jogos numa cabine de madeira. Sér-vulo Orago, o maior botafoguense que eu conheci, não perdia uma partida. Mas eu, moleque dos meus 10 anos, não deixava por menos. Ficava ao lado de uma figura realmente muito nervosa. “Seu” Pitico. Dono da única padaria da cidade, tinha seus tíques nervosos nos momentos decisivos dos jogos. Cuspindo sucessivamente, ele acompanhava a jogada dando chutes pra tudo que era lado. Era o único lugar vazio do campo. Ninguém encostava mas todos prestavam bastante atenção.

Foi vendo “Seu” Pitico que conheci um goleiro chamado Serrinha. Trazido por Aluizio Bezerra para dar uma nova dinâmica ao time que estava sem goleiro, Serrinha não agradou no primeiro treino. Tomou cerca de dez frangos e assim era impossível para Juvenal Pé de Copa retirar a desvantagem cobrando seus escanteios e marcando gols olímpicos, aliás nunca registrados no livro dos recordes. Houve partida em que ele marcou até três gols olímpicos, agora eram todos na mesma trave, ajudados pelo vento, mas vallah. Bom, eu ia falando de Serrinha. O goleiro tinha nos joelhos dois parafusos, frutos de uma operação. Agilidade pouca, reflexos lentos e defeito na voz. Terminado o treino, todos desolados e Aluizio Bezerra cabisbaixo encaminhava-se para o jogador por ele trazido. Afinal, a responsabilidade era dele, Aluizio. “Serrinha, o que foi que aconteceu?”. Resposta: “Eu não como carne. Tou com fome a mais de um mês”. Levaram Serrinha para a fazenda. Lá foi um verdadeiro estrago. Haja carne. Haja leite. Haja Serrinha deitar e rolar. Só comia e dormia. Duas semanas depois estava em forma. Foi o maior goleiro que eu já vi nessa redondeza toda. Durante todo o campeonato tomou um só gol. Por sinal, culpa da maleta de medicamentos que estava vizinha a trave. A bola bateu na maleta e enganou Serrinha. Chorando muito não esperou o bastante para raciocinar. Jogou a maleta garrancho acima estalando-se no calçamento em frente ao Quintino Bocayuva.

Por falar no Quintino, grupo escolar da minha infância, me vem a lembrança, “outra vez novamente” (danou-se, não?) Juvenal Pé de Copa. Não sei de onde vem o apelido, mas acredito que a origem seja exatamente pelos gols olímpicos marcados ao longo do seu tempo de futebol na Seleção da cidade do Trairi. O time estava perdendo, tudo bem. Bastava está jogando contra o vento que o pessoal esperava o segundo tempo para jogar a favor. Aí entrava o lendário Juvenal Pé de Copa na história do futebol da terra de Santa Rita. A trave que dava para o Quintino Bocayuva de dona Maroquinha era ideal para Juvenal bater os escanteios. Matia seu “pé de copa” na bola e não raro ela entrava.

# O SERIDÓ RENOVA AS FORÇAS PARA CONTINUAR CRESCENDO



Ao longo dos séculos, a História do Seridó é feita da soma de esforços comuns. Etapas vencidas em sequências de trabalho ativo, passados que motivam futuros. Neste momento, o Seridó começa uma nova etapa, com os seus novos Prefeitos. São novos desafios, novos problemas, novas tarefas. Em sua edição de julho, RN/ECONÔMICO vai contar quais são esses desafios, esses problemas, essas tarefas e quem são os seridoenses encarregados de resolvê-los.

**PRESTIGIE COM O ANÚNCIO DA SUA EMPRESA.**

REVISTA MENSAL  
**RN/ECONÔMICO**

II Rua São Tomé, 421 — Tel.: 222-4722

# Piscina em casa não é só questão de status

Piscina em casa é também questão de segurança, de economia, de conforto, de saúde. Porque você tem na própria casa uma forma de lazer que muitas vezes vai buscar longe com desconforto, insegurança e nem sempre certeza da necessária proteção à saúde.

Você pode ter todas as vantagens de uma piscina em casa — e, naturalmente, com o inegável status que ela dá — gastando muito menos do que pode imaginar.



Procure informações sobre os vários tipos de piscinas e produtos náuticos em fiberglass — material com total garantia e segurança —, além de construção, tratamento e manutenção com

**ÁGUA LIMPA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.**

Av. Prudente de Moraes, 1879

Fone: (084) 223-5099

Lagoa Seca — Natal/RN

Também em Natal completa linha de produtos garantidos para tratamento químico de água das piscinas.

**NATAL QUÍMICA  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
DE PROD. QUÍMICOS LTDA.**

Rua Adauto Bezerra, 1.220

Barro Vermelho — Natal -RN

